

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23300

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 9 AGOSTO 90 70\$00

Bombas incendiárias na serra da Estrela



Os fogos que, com grande frequência, têm surgido na Serra da Estrela e que quase sempre se reacendem, têm sido assinalados em vários pontos do concelho de Seia com um sincronismo que nem os residentes locais nem os bombeiros aceitam ser accidental.

A reportagem do «DL» seguiu ontem o evoluir da luta contra o fogo em vários pontos do concelho de Seia, ouviu os lamentos de impotência dos que desesperadamente nela se empenham e ouviu também o rebarbear das bombas com que os incendiários põem fogo à serra.

O que mais surpreende é que ninguém os descobre.

O reacender sistemático dos focos de incêndio, mais do que o cansaço, traz o desânimo aos bombeiros

Págs. 16 e 17



Exercício de tropas da 82.ª Divisão Aerotransportada dos EUA, que se encontra agora na Arábia Saudita

Golfo: o equilíbrio do terror

Cavaco quer conhecer a gente de sucesso

O Gabinete do primeiro-ministro enviou uma carta a personalidades regionais, militantes do PSD ou próximos do partido, em que solicita a indicação de personalidades e «estruturas intermédias» que pela sua «criatividade e pelo seu sucesso» possam «encontrar-se selectivamente» com Cavaco Silva.

Nos termos da missiva a que o «DL» teve acesso, a sua estratégia destina-se ao estímulo do «fortalecimento da sociedade civil» e pre-

tende dar uma maior atenção a personalidades e instituições com «um papel social decisivo, embora por vezes pouco divulgado, sobretudo nas regiões fora de Lisboa e do Porto».

A carta dá um prazo até 1 de Setembro para uma resposta quanto a potenciais associações e organizações susceptíveis de serem seleccionadas.

Solicita ainda «uma curta justificação» das sugestões avançadas.

Pág. 5



Whitesnake: o delírio em Cascais

A banda britânica de *hard rock* tocou durante duas horas para um pavilhão completamente esgotado. No centro das atenções estiveram o ex-Deep Purple David Coverdale, vocalista e líder da banda, e o

Pág. 22

Ogivas nucleares contra armas químicas

Págs. 11, 12 e 13

A Volta de volta à montanha

Reportagem nas págs. 24 e 25 com o patrocínio de



urbicidade
MEDIADORES
ALMADA



PORTE
PAGO

Números arrepiantes sobre a pobreza no Mundo

Págs. 2 a 4

Carris: novas greves

Pág. 18

Conjuntivite ataca centenas em Vila do Conde

Pág. 18

Hoje: Suplemento Literário

Os números são arrepiantes: 800 milhões de pessoas têm fome, mais de mil milhões sobrevivem em pobreza absoluta, 15 milhões de crianças morrem todos os anos com doenças para as quais há vacinas e a esperança de vida não ultrapassa os 50 anos. Tudo isto se passa a sul do planeta Terra, a menos de uma década do ano 2000

GRANDE ANGULAR

O hemisfério da pobreza

As Nações Unidas avaliam o desenvolvimento humano. Um relatório recente dá conta das vantagens conseguidas pelo homem nos países em desenvolvimento, nos últimos 30 anos, não apenas em termos economicistas mas em saúde, alfabetização, controlo das doenças. Tudo isto é feito com dinheiro embora nos cifrões se escondam enormes disparidades, pois alguns dos países com mais elevado Produto Nacional Bruto têm, em simultâneo, as maiores clivagens entre ricos e pobres - o Brasil, ou a Argentina, para só citar dois exemplos.

O relatório, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em colaboração com a UNESCO, OMS e Banco Internacional de Desenvolvimento, entre outras organizações, dá uma visão específica da situação Norte-Sul. Abrangente, cautelosa, negociada com cuidado como todos os documentos vindos desta organização.

Mas é, também, um retrato arrepiante das condições de vida dos habitantes de metade deste planeta, pois abaixo do Equador dominam a fome, doença e a morte, com excepção da Austrália, Nova Zelândia e mais uns quantos países que se contam pelos dedos de uma das mãos.

Desse documento respigamos alguns pontos, capazes de dar uma visão global das vantagens conseguidas nos últimos 30 anos e do muito que falta fazer.

Os progressos possíveis

Os países em desenvolvimento registaram, durante as três últimas décadas, progressos significativos em matéria de desenvolvimento humano, lê-se no relatório. Nesses países a esperança de vida à nascença passou de 46 anos em 1960 para 62 anos em 1987. As taxas de mortalidade de crianças com menos de cinco anos foram reduzidas em metade, e dois terços dos bebés com menos de um ano foram vacinados contra as doenças da primeira infância.

Além disso, 61 por cento da população tem, agora, acesso a serviços de saúde, 55 por cento a uma fonte de água potável (80 por cento nas zonas urbanas). A quantidade de calorias por habitante aumentou cerca de 20 por cento entre 1965 e 1985.

Os progressos no domínio da educação também são notáveis. A taxa de alfabetização de adultos passou de 43 por cento em 1970 para 60 por cento em 1985 - entre os homens evoluiu de 53 para 71 por cento; entre as mulheres passou de 33 para 50 por cento. Em 1985 o número de crianças que chegava ao fim da escola primária era cerca de cinco vezes superior ao de 1950, e o dos jovens que acabava o secundário dezoito vezes superior ao de 1950. Em 1985 havia, no Sul, 1,4 mil milhões de pessoas sabendo ler e escrever, contra mil milhões no Norte.

O fosso Norte-Sul em matéria de desenvolvimento humano reduziu-se consid-



Crianças com fome também pegam em armas, como estas, de El Salvador

eravelmente durante este período embora, ao mesmo tempo, tenham aumentado as diferenças em dinheiro. Em 1987 o rendimento médio por habitante do Sul não ultrapassava 6 por cento do verificado a Norte, mas a esperança de vida e a taxa de alfabetização eram de 80 e 60 por cento, lê-se ainda no documento.

Estes progressos devem, no entanto, ser bem avaliados.

As diferenças continuam a ser enormes. Ainda hoje, cerca de 900 milhões de adultos não sabem ler nem escrever, 1,5 mil milhões de indivíduos não têm acesso a cuidados de saúde primários, 1,75 mil milhões não dispõem de água potável, há 100 milhões de desalojados, 800 milhões sofrem de fome permanente, mais de mil milhões sobrevivem em pobreza absoluta.

As mulheres e as crianças são particularmente vulneráveis, refere o documento. Catorze milhões de crianças com menos de cinco anos morrem todos os anos e 150 milhões estão subalimentadas. A taxa de mortalidade por parto é, no Sul, 12 vezes superior à do Norte e a taxa de analfabetismo das mulheres pelo menos 15 vezes mais elevada. Desfazer a enorme

acumulação de misérias humanas será, sem dúvida, o grande desafio dos anos 90.

Além disso, alterar as diferenças Norte-Sul suscita esperança mas levanta uma interrogação. O Terceiro Mundo pode ser levado a um nível de desenvolvimento aceitável em curto espaço de tempo mas se quatro quintos da população vive mais tempo e melhor, não tem meios de explorar o seu potencial, destaca o texto.

A máscara das médias

Os números médios do desenvolvimento humano mascararam grandes desigualdades entre os países do Sul. A esperança de vida é superior a 70 anos em mais de 13 países em desenvolvimento, mas continua inferior a 50 anos em 20 outros. Além disso, sete países registam

uma taxa de alfabetização superior a 90 por cento, enquanto outros sete não ultrapassam 25 por cento. De todas as regiões em análise é em África que se regista a mais baixa esperança de vida, as taxas de mortalidade infantil mais elevadas e os índices de alfabetização mais baixos...

Durante os anos 90 será necessário combater os atrasos acumulados em numerosos países em desenvolvimento, e tomar o élan necessário para chegar aos objectivos humanos essenciais para o ano 2000. Para tanto, será necessário mobilizar apoios internacionais e proceder à reestruturação orçamental. As despesas militares, as despesas com empresas públicas desnecessárias, e os gastos com programas sociais destinados apenas a grupos privilegiados, têm de ser reduzidos.

Um balanço amargo

O relatório elaborado pelas Nações Unidas faz o seguinte balanço, das vantagens adquiridas pelos países do Sul, nos últimos 30 anos, e das carências não ultrapassadas:

A esperança de vida no Sul aumentou um terço, entre 1960 e 1987 e atinge, nos nossos dias, 80 por cento da média dos países do Norte; a taxa de alfabetização subiu de 43 por cento em 1970 para 60 por cento em 1985; o rendimento médio por habitante nos países em desenvolvimento aumentou cerca de 3 por cento por ano, entre 1965 e 1980.

Mais de 60 por cento da população dos países em desenvolvimento tem hoje acesso aos serviços de saúde; mais de dois mil milhões de pessoas dispõe de água potável; as taxas de mortalidade infantil foram reduzidas a metade entre 1960 e 1988; a vacinação aumentou; durante os anos 80, de 30 para 80 por cento, de tal forma que 1,5 milhões de vidas são salvas, todos os anos.

A média de calorias por habitante aumentou 20 por cento, entre 1965 e 1985; neste período a quantidade média de calorias passou de 90 para 107 por cento.

A taxa de escolaridade das raparigas aumentou duas vezes mais do que a dos rapazes, durante este período.

A esperança de vida no Sul é ainda 12 anos inferior à do Norte; cerca de 100 milhões de

crianças em idade escolar continuam a não frequentar qualquer escola; há cerca de 900 milhões de adultos analfabetos, nos países do Sul; as taxas de alfabetização mantêm-se entre 41 por cento (Ásia do Sul) e 48 por cento (África subsariana).

Mais de mil milhões de pessoas vivem ainda em pobreza absoluta; durante os anos 80 o rendimento médio por habitante diminuiu 2,4 por cento na África subsariana e 0,7 por cento na América Latina.

Cerca de 1,5 mil milhões de pessoas não têm acesso a cuidados de saúde primários; 1,75 mil milhões de pessoas não dispõem de água potável.

Morrem, todos os anos, 14 milhões de crianças com menos de cinco anos; cerca de três milhões de crianças morrem, anualmente, com doenças para as quais existem vacinas.

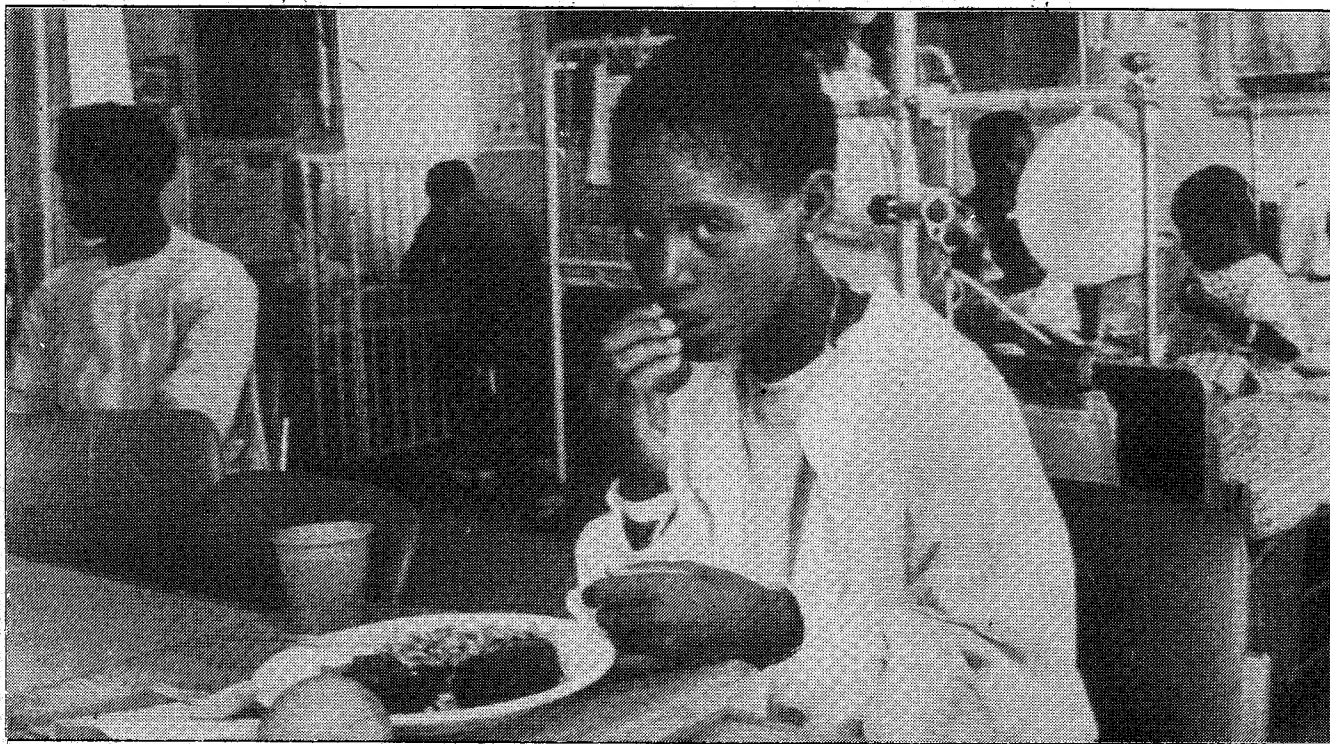
Um sexto dos habitantes dos países do Sul tem fome; 150 milhões de crianças com menos de cinco anos (uma em cada três) sofre de desnutrição grave; cerca de três mil milhões de indivíduos não têm acesso a saneamento básico adequado.

A taxa de alfabetização das mulheres, nos países em desenvolvimento, continua a representar um terço da dos homens; a mortalidade materna nos países do Sul é 12 vezes mais elevada que no Norte.

PAÍSES COM MAIOR DISPARIDADE ENTRE ZONAS RURAIS E URBANAS

	População	Saúde		Água		Saneamento	
		rural	urbana	rural	urbana	rural	urbana
Argentina	14	21	80	17	63	35	75
Bolívia	50	36	90	13	75	10	33
Moçambique	76	30	100	9	38	12	53
Paquistão	69	35	99	27	83	6	51
Somália	65	15	50	22	58	5	44

(Valores em percentagem; dados do relatório do PNUD)



As taxas de mal-nutrição são 50 por cento mais elevadas nas zonas rurais e atingem sobretudo crianças

Nas zonas rurais dos países em desenvolvimento vivem os mais desamparados habitantes deste planeta. A esperança de vida varia na proporção exacta dos rendimentos

Marcas do subdesenvolvimento

Dois terços da população das zonas em desenvolvimento vivem em zonas rurais sem acesso a um mínimo de educação, saúde, água potável, saneamento básico, que a população urbana dos mesmos países tem, numa proporção duas vezes superior. A disparidade entre homens e mulheres, e entre ricos e pobres é, nestes casos mais marcante. Embora a falta de dados impeça uma análise sistemática, o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) dá alguns exemplos, que transcrevemos, da situação em que vivem os mais desamparados habitantes deste planeta.

Mortalidade infantil - Em muitos países da América Central a taxa de mortalidade infantil nas zonas rurais é 30 a 50 por cento inferior à das zonas urbanas. A Costa Rica, Guatemala e Nicarágua suplantaram a diferença durante os anos 70, mas outros países não conseguiram tal tipo de equilíbrio.

Esperança de vida - No México, a esperança de vida dos habitantes das zonas rurais não ultrapassa 59 anos, enquanto nas cidades é de 73 anos. A classe média alta tem em média mais 20 anos de vida. No Brasil, em 1970, a esperança de vida era de 50 anos para o grupo de piores recursos e de 62 anos para quem tinha recursos superiores a 400 dólares. Queristo dizer que, no Brasil, os pobres dos pobres possuem tanta esperança de sobrevivência como a população de piores recursos na Índia, embora o rendimento médio por habitante seja oito vezes mais elevado.

Na Colômbia, o risco de morte entre os recém-nascidos é duas vezes superior nas famílias de piores recursos. No Punjab rural a mortalidade juvenil entre a população que não possui terra

própria é 36 vezes superior à média do país.

Nutrição - Dados referentes à alimentação de crianças em 31 países revelam, sem excepção, que as taxas de mal nutrição são mais elevadas nas zonas rurais, à média de 50 por cento. No Zimbábue, por exemplo, a desnutrição infantil distribui-se na proporção exacta das receitas familiares: atinge com gravidade os bebés das classes mais pobres (com 51 dólares de rendimento médio), é ligeira entre os nascituros de famílias de

recursos médios (168 dólares) e deixou de existir nas famílias com orçamentos de 230 dólares ou mais.

Alfabetização - Em todos os países de África e Ásia, as taxas de analfabetismo são geralmente duas vezes mais elevadas nas zonas rurais do que nas urbanas. Na América Latina a proporção é de um para dois entre zonas rurais e urbanas e de um para quatro, entre mulheres e homens.

Serviços de saúde - Em todos os países em desenvolvimento, o acesso a cui-

dados de saúde é melhor nas cidades. Em 20 países a percentagem da população que deles beneficia é duas vezes mais elevada, embora este número não retrate verdadeiramente as disparidades, porque os serviços de saúde rurais se limitam a simples dispensários, enquanto as cidades não dispõem de hospitais com o equipamento necessário.

Água e saneamento - A disparidade entre cidades e campo são maiores neste domínio. A cobertura da população rural é, em média, inferior em 50 por cento. Em sete países a proporção é de cinco vezes menos. No Nepal, o acesso a serviços de saneamento é 17 vezes mais elevado nas cidades do que nas aldeias; no Brasil a disparidade atinge 90 por cento.

Rendimentos - Na maior parte dos países, os rendimentos urbanos por habitante são 50 a 100 vezes mais elevados do que os rendimentos rurais. Os desníveis são particularmente importantes em África. Na Nigéria o rendimento médio das famílias urbanas representava, em 1978, 4,6 vezes o das famílias rurais. Na Serra Leoa o rendimento urbano médio era 4,1 por cento superior ao rural e no México situava-se em 2,6 pr cento. Estes valores mantêm-se apesar das alterações económicas dos últimos anos.

Quer isto dizer que os índices de desenvolvimento nacionais mascaram disparidades acentuadas. Os indicadores de base do desenvolvimento humano das zonas rurais são sistematicamente inferiores aos das zonas urbanas. Além disso os números «rurais» e «urbanos» escondem enormes disparidades no interior de cada zona. Refere a ONU que esta é, precisamente, uma das principais razões apontadas a tais países para alterarem e melhor distribuírem as suas des-pesas sociais.

As mulheres contam mas não são contadas

Grande parte do trabalho que as mulheres realizam, não aparece na contabilidade nem nas estatísticas nacionais, embora tenha um valor produtivo e social evidente. É «invisível», porque as mulheres desempenham essencialmente actividades na pequena agricultura ou em casa - domínios para os quais os dados são notoriamente insuficientes.

Mas não é esta a única razão. O trabalho das mulheres - em particular as actividades domésticas, tais como preparar as refeições, carregar água, juntar combustível, cultivar as courelas de subsistência e criar os filhos - não é remunerado e, portanto, não entra em conta. Por exemplo, a contribuição das aldeias do Nepal, para o rendimento familiar é de 22 por cento. Mas, se tivermos em conta a produção de subsistência, não comercializada, atinge 53 por cento. De acordo com estimativas, o trabalho feito em casa pelas mulheres, se fosse correctamente avaliado, aumentaria em um terço a produção global.

Mesmo quando o trabalho das mulheres é remunerado, a sua contribuição é, muitas vezes, subavaliada. No sector de trabalho oficializado as mulheres recebem salários nitidamente inferiores aos dos homens em todos os países de que há dados disponíveis. Na economia paralela, que emprega a maior parte das mulheres, a sua remuneração só atinge um terço (Malásia), ou metade (América Latina) da dos homens.

Se as mulheres ficam «invisíveis» nas estatísticas será porque é atribuído pouco valor ao seu trabalho? Aparentemente sim. Nos países em desenvolvimento, as mulheres assumiram boa parte do fardo de ajustamento aos anos 80. Para compensar a perda de rendimento familiar, recorreram a produção destinada a autoconsumo, trabalham cada vez mais horas, dormem menos e muitas vezes comem pouco. Estes custos substanciais do ajustamento estrutural não são, em geral, tomados em consideração.

É fundamental atribuir valor acrescido ao trabalho das mulheres: se este fosse tomado em consideração, demonstraria que elas contam para o desenvolvimento. São necessários dados mais específicos por sexo. É preciso repensar as estatísticas nacionais, em particular os inquéritos ao sector agrícola.

(in relatório do PNUD)

Sob o signo do desenvolvimento humano

Recusando a maneira rotineira e murcha como normalmente refere as questões relacionadas com o desenvolvimento dos povos, a imprensa com maior projecção internacional vem consagrando, nas últimas semanas, um espaço inusitado às informações, análises e propostas, contidas no Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) sobre o «desenvolvimento humano» no decurso das três últimas décadas. Talvez inesperada, o certo é que se compreende o motivo da atenção que o Relatório está a merecer bem como a ampla referência de que está a ser objecto.

Trata-se efectivamente duma peça singular, que firmando-se em dados científicos irrecusáveis, não se deixa enlevar na monotonia cansativa dos números, nem se perde na floresta das estatísticas passíveis das mais contraditórias interpretações. Tem o valor dum documento que percorrendo a história, assinala tempos, situações e condicionalismos, e escarpando sectores específicos do desenvolvimento, não perde a visão global do homem enquanto sujeita da sociedade e da história.

Um comentário breve não permite uma referência exhaustiva a tudo aquilo que no Relatório, em suas linhas e entrelinhas, constitui a novidade da análise e sobretudo a integralidade da perspectiva.

Três apontamentos apenas, necessariamente breves, escolhidos pelo facto de abordarem passagens do Relatório que são indicadores de caminhos alternativos, que a humanidade deverá aceitar e percorrer, caso esteja realmente empenhada em promover e alimentar o desenvolvimento integral e solidário de todos os povos.

1. Os progressos globalmente considerados no campo do *desenvolvimento humano*, que os países em desenvolvimento vêm, em geral, registando, desde a vida à educação, à saúde, à capacidade associativa, explicam-se por factores diversos, e não apenas pelo crescimento económico, que sendo um elemento irrecusável de desenvolvimento, não é o único e nem sempre o mais preponderante.

Por outras palavras, se a pobreza é um sinal e factor de subdesenvolvimento e degradação social, a riqueza económica, que o economicismo e o consumismo prometem e apregoam, não é por si só a estádio último do desenvolvimento do homem.

2. Os resultados positivos alcançados em numerosos países do Sul, ao encerrarem-se as três décadas do desenvolvimento, não conseguem abafar ou acultar as anomalias estruturais que atravessam as relações entre os povos e fazem com que os países carenciados permaneçam em humilhante dependência dos países desenvolvidos.

As regras que regem o comércio internacional, impostas pelos países de maior poder económico, a recusa em promover e apoiar o desenvolvimento industrial dos países pobres, assim como o seu atraso científico e as suas carências tecnológicas, tudo isso aliado a uma dívida externa insolúvel faz com que o *desenvolvimento humano* agora enaltecido assente em pés de barro que, ao menor sobressalto ou conjuntura difícil, perderá o seu vigor e consistência. Basta ver o que se passa com a África em situação deplorável e com a maioria dos países latino americanos em acentuada regressão.

3. Finalmente, o apreço com que o Relatório consagra a acção das ONGDs, organizações não-governamentais de cooperação para o desenvolvimento, no vasto e complexo campo da cooperação internacional.

Reconhecidas pela sua constituição livre e democrática, pelo seu enraizamento popular, pela flexibilidade da sua acção, pela dimensão humana dos seus projectos e pela sua capacidade de interlocução com os governos, as ONGDs quer do Norte quer do Sul acabaram por ganhar um estatuto de parceiro competente e eficaz, chamado a intervir por direito no processo dinamizador do desenvolvimento dos povos.

A este respeito, a publicação do Relatório do PNUD sobre o *desenvolvimento humano* numa hora em que universalmente se reconhece o papel marcante das ONGDs na preparação da II Conferência das Nações Unidas sobre os PMA's (Países Menos Avançados) a realizar em Paris no próximo mês de Setembro, apresenta-se como oportunidade feliz para dizer aos governantes e aos cidadãos de qualquer país, que o desenvolvimento só é verdadeiramente humano quando os próprios homens, e não apenas os governos, assumem, pela virtude do seu empenhamento, a responsabilidade e os riscos de o promover e realizar. Em favor de cada povo e da comunidade internacional.



Jardim Gonçalves

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal: **João Paulo de Oliveira**

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guilmar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador: **Adelino Cardoso**

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampalo, Fernando Broderode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paralelo, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim**

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Oscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

Gestor de Informática: **Luís Canteiro**

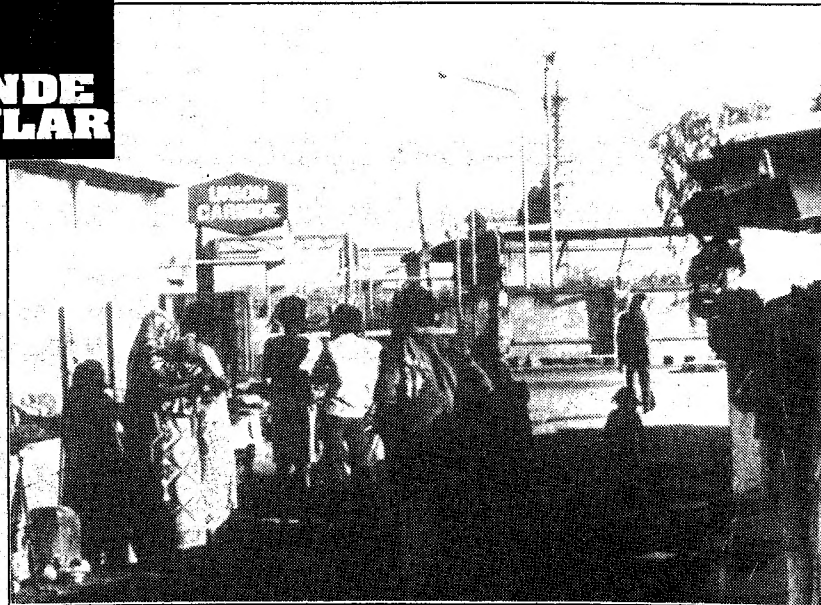
Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pípos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

GRANDE ANGULAR



A fuga de gás da Union Carbide, a 3 de Dezembro de 1984, matou 2500 pessoas e atingiu cerca de 200 mil

A poluição segue as pisadas do desenvolvimento. A floresta amazónica, o grande pulmão da Terra, desaparece dia a dia. E nos últimos 20 anos um sem-fim de catástrofes ecológicas deram cabo de paraísos perdidos, a Sul do Equador

Ambiente destruído: o preço do progresso

Os indivíduos deveriam poder viver num ambiente seguro e com uma alimentação saudável, sem as ameaças para a saúde que representam as descargas industriais e outros atentados ao meio. Os perigos ambientais, já consideráveis, aumentaram durante os últimos decénios. Referem-se aqui em particular os riscos para a saúde ligados ao aquecimento da terra, aos atentados à camada de ozono de três milímetros, às poluições industriais e às catástrofes ecológicas. Foram os seguintes os maiores acidentes tecnológicos dos anos 80:

* A fuga de gás de uma fábrica de pesticidas em Bhopal fez 2500 mortos e mais de 200 mil feridos ou cegos.

* A explosão de reservas de gás líquido no México, provocou mil mortos e milhares de desalojados.

* A ruptura do reactor nuclear de Chernobyl soltou uma nuvem radioactiva sobre a Europa e aumentou consideravelmente o risco de cancro.

* O incêndio de um entreposto na Suíça descarregou produtos químicos, solventes e mercúrio no Reno, matando milhares de peixes e ameaçando os recursos de água potável da Alemanha Federal e Holanda.

* As 75 mil descargas industriais activas dos Estados Unidos, na sua maior parte não tratadas, contaminam as águas subterrâneas. Esta poluição industrial acelera a extinção das espécies e destrói sem dúvida, numerosas possibilidades, em particular no domínio médico.

* Pelo menos 93 por cento das florestas de Madagascar foram destruídas, e perto de metade das fontes originais (cerca de 200 mil) foram eliminadas.

* A quase totalidade das florestas a Oeste do

Equador foram destruídas a partir de 1960, para dar lugar a bananeiras. Cerca de 25 mil espécies foram eliminadas, no decurso dos últimos 25 anos.

* Tanto mais graves, embora menos visíveis, são os cancros, doenças respiratórias e desintérias provocadas pela poluição.

* Na Índia só 209 cidades têm redes de saneamento básico e apenas oito estão equipadas com um sistema completo de esgotos. Mais de cem cidades descarregam dejectos não tratados e produtos químicos directamente para o Ganges. Em Calcutá três habitantes em cada cinco sofrem de doenças respiratórias devidas à poluição do ar.

* Nas cidades chinesas, a proporção de mortes por cancro do pulmão é sete vezes superior à média nacional. Pode-se atribuir tal montante à poluição provocada pelos fornos de carvão.

* A taxa de poluição da periferia de Kuala Lumpur, na Malásia é duas a três vezes superior à das grandes cidades dos Estados Unidos.

* No Japão, a poluição do ar reduz, por vezes em 30 por cento, a produção de certas culturas de trigo e arroz.

* Cerca de dez mil pessoas morrem todos os anos nos países em desenvolvimento, envenenadas por pesticidas; 400 mil são gravemente atingidas.

* As doenças intestinais provocadas por más condições de saneamento e de consumo de água potável matam, todos os anos, quatro milhões de crianças, nos países em desenvolvimento.

O Norte polui mas defende-se

Conseguiram-se, no entanto, grandes progressos. Os países desenvolvidos reforçaram sensivelmente a legislação, no que se refere a defesa do

ambiente. A poluição do ar está a diminuir na maior parte das cidades industrializadas. Foram tomadas medidas, a nível internacional, no que se refere aos clorofluorcarbonetos (CFC). Há cada vez mais consciência da importância do ambiente e das limitações do mercado para assegurar protecção.

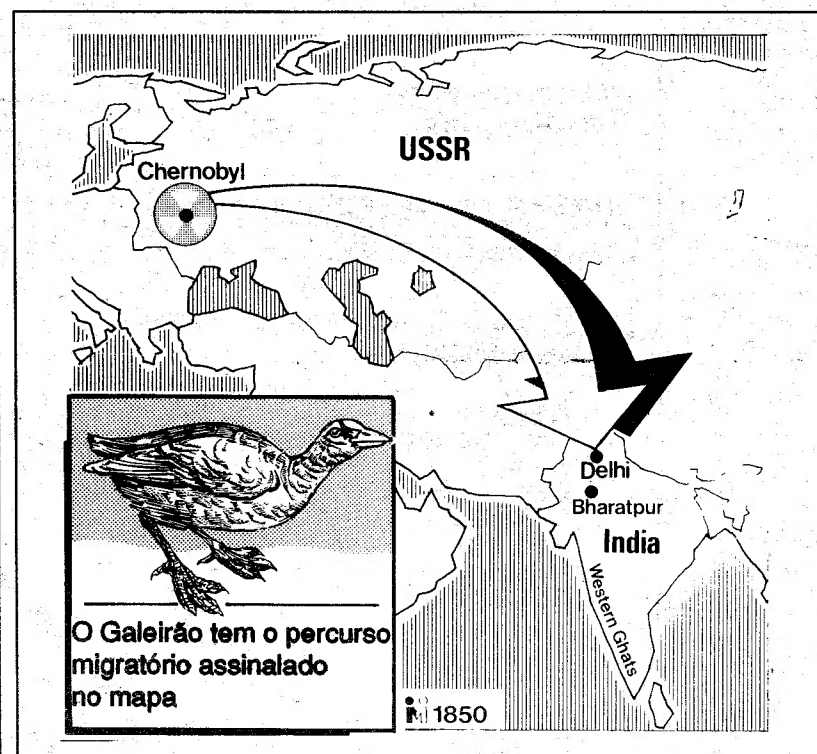
No Terceiro Mundo, pelo contrário, estes progressos são anulados pela pressão das populações, da pobreza e da urbanização. É nos países em desenvolvimento que o progresso no emprego de matérias poluentes é mais forte, porque raros são os que têm capacidade para instalar, utilizar e manter, técnicas que protegem contra atentados ao ambiente.

Em termos absolutos, a poluição industrial é consideravelmente maior no Norte do que no Sul. Por exemplo, 29 por cento dos CFC existentes na atmosfera são originados nos Estados Unidos; 41 por cento pela Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Japão e Europa ocidental; 14 por cento vêm da Europa de Leste e apenas 16 por cento dos países em desenvolvimento.

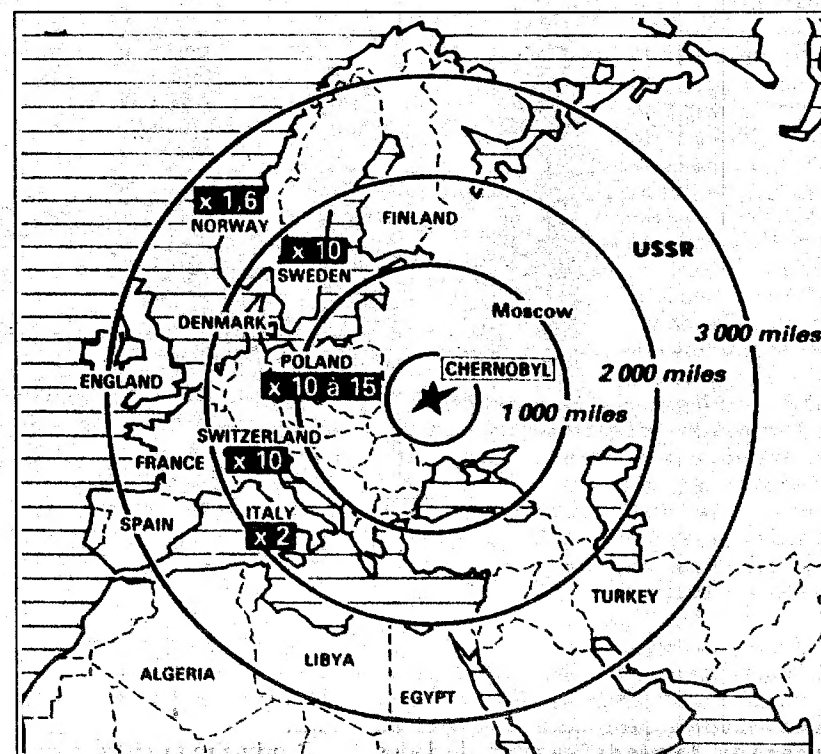
As chuvas ácidas atingem particularmente a Europa Central; cerca de metade das florestas da Alemanha Federal já estão danificadas.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, o custo das medidas necessárias para melhorar a deterioração do ambiente, e para eliminar os riscos graves para a saúde pública, é mais elevado do que a sua prevenção.

(in «Relatório Mundial sobre o Desenvolvimento Humano - 1990», editado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento)



O Galeirão tem o percurso migratório assinalado no mapa



Os efeitos da explosão em Chernobyl atingiram a União Indiana, com um nível de radiação três mil vezes superior ao considerado saudável

POLÍTICA

Governo português autoriza sobrevoos do nosso território

Aviões americanos escalaram Base Aérea das Lages

Os Estados Unidos estão desde quarta-feira a utilizar as Lages no quadro das operações do Golfo Pérsico. Segundo a agência Lusa seis aviões de reabastecimento de caças em voo efectuaram na manhã desse dia escalas técnicas na Base, número que até então não era considerado excessivo. Mas, segundo apurou o «DL», o movimento de quarta para quinta, com aviões F16 e F17 a sobrevoarem o espaço aéreo açoriano. Até à hora de fecho desta edição estacionaram ali dezasseis aviões de reabastecimento.

O próprio secretário de Estado James Baker, segundo apurou o «DL», passou pelas Lages a caminho da Turquia, quando foi prestar garantias ao presidente Turgut Ozal de apoio dos Estados Unidos e da NATO em caso de ameaça,

de acordo com informação veiculada pela agência Reuters.

A autorização para o recurso à base açoriana e sobrevoos do nosso território, segundo comunicado oficial, foi concedida ainda na terça-feira, após diligências feitas pela Administração norte-americana, através da representação diplomática em Lisboa. A decisão do Governo fundou-se nas decisões tomadas pela Comunidade Europeia e o Conselho de Segurança das Nações Unidas, que condenaram de forma inequívoca a intervenção iraquiana no Kuwait.

O comunicado do MNE aludia a «utilização alternativa e não exclusiva da base das Lages». Não se trata, de acordo com o porta-voz do ministério, de abrir a possibilidade de uso de outras bases no nosso País, mas tão só de

salientar que, tal como Portugal, outros países europeus autorizaram o sobrevoos e utilização das suas instalações pelos Estados Unidos (ver páginas 11, 12 e 13).

Outras utilizações

Contactado pelo «DL», o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Marcelo Mathias, não afastou a hipótese de a Base de Beja, onde estão instalados efectivos da RFA, também membro da NATO, vir a ser usada. Eventualidade mais provável caso a Alemanha se decida a enviar tropas para a força multi-nacional na Arábia Saudita. Quanto ao Porto Santo, rejeitou em absoluto. O aeroporto desta ilha do arquipélago da Madeira serviu de escala a aviões ingleses em 1982, no decurso da guerra das Malvinas, mas no estrito quadro da aliança entre Por-

tugal e aquele País.

Ainda assim, Governo Regional da Madeira revelou ontem em comunicado a sua disposição de conceder to-

das as facilidades às «forças aliadas». É salvaguardado, porém, o «âmbito das competências regionais nesta matéria». «Independente-

mente da conjuntura», conclui o texto, «o aeroporto de Porto Santo não será utilizado, dadas as rotas aéreas em questão».

MNE garante

«Não há incidentes com portugueses»

«Não foi registado o menor incidente com cidadãos portugueses no Golfo», assegurou esta manhã ao «DL» o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Marcelo Mathias. Na zona do conflito não estarão, neste momento, mais de 150 compatriotas nossos, uma centena dos quais na Arábia Saudita, 30 no Iraque e cerca de 20, a maior parte de origem goesa, no Kuwait. Mathias garantiu que a situação está a ser acompanhada a par e passo pelas embaixadas portuguesas em Riade e Bagdad.

Segundo o matutino «Público», os portugueses na Arábia Saudita poderão vir a ser integrados numa operação de evacuação de cidadãos da Europa comunitária, caso se agrave o conflito. Nela estão empenhadas as representações diplomáticas francesa, alemã, italiana e inglesa.

De empresas nacionais com interesses naqueles países não há notícia. O Ministério dos Negócios Estrangeiros efectuou diversos contactos e não detectou um único caso. De salientar o facto de o nosso país manter relações diplomáticas com o Iraque e a Arábia Saudita, enquanto os assuntos relacionados com o Kuwait são tratados, segundo apurou o «DL» de fonte oficial, através da embaixada daquele país em Argel.

Redacção «DL»

Enquanto faz férias em São Tomé

Cavaco à procura de gente «notável»

«Nas suas deslocações pelo País, é desejo do senhor primeiro-ministro encontrar-se selectivamente com personalidades e associações regionais. Trata-se de distinguir «estruturas intermédias» e «notáveis» com um papel social decisivo, embora por vezes pouco divulgado fora de Lisboa e do Porto», afirma uma recente circular emanada do Gabinete do chefe do Governo.

Destinada a obter respostas que permitam organizar um rol de gente notável, mesmo nos lugares menos colunáveis do País, este pedido está dentro da sua estratégia de estímulo ao fortalecimento da sociedade civil portuguesa e «pretende dar uma maior atenção às «estruturas intermédias» e a personalidades que, pela sua actividade e pelo seu sucesso, são símbolos do ciclo de desenvolvimento em que Portugal vive».

Distribuição ampla

Personalidades com peso local, militantes ou próximas do partido do Governo, receberam a missiva, que solicita o envio, até ao primeiro dia do mês de Setembro, de dados sobre organizações e associações que sejam enquadráveis no espírito acima descrito,



incluindo uma curta justificação das sugestões avançadas». E ainda: «Uma lista de personalidades que correspondam às mesmas características». A missiva é datada de 24 de Julho.

As sugestões de umas personalidades acerca de outras vai decerto dar ampla matéria de análise ao Gabinete de Cavaco Silva, antes do equinócio de Outono.

Encontro com Eduardo dos Santos

Cavaco Silva, que se encontra em São Tomé e Príncipe em gozo de férias, vai

reunir-se com o Presidente angolano José Eduardo dos Santos. Não se conhece ainda a data do encontro, mas fontes citadas pela Lusa adiantam que Eduardo dos Santos vai pedir a Cavaco Silva a «suspensão das negociações» do processo de paz angolano que têm sido mediadas pelo Governo português. Uma nova ronda de negociações estava prevista para este mês em Lisboa, mas alguns dirigentes angolanos são de opinião, segundo a Lusa, que os próximos encontros com a Unita se deveriam realizar em território angolano.

O primeiro-ministro português janta hoje com o Presidente de São Tomé, Pinto da Costa.

Redacção «DL»



Agência de Viagens e Turismo, S.A.
SEMPRE MAIS LONGE

APOSTAMOS NA QUALIDADE
PARA UM SERVIÇO EFICIENTE

VIAJE CONNOSCO
CONTACTE-NOS

VISITE OS PAÍSES
DA PERESTROIKA

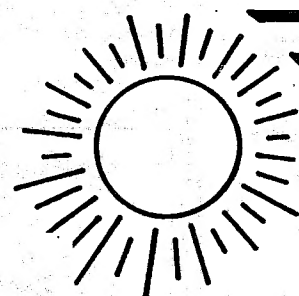
Tratamos da sua viagem turística
ou de negócios na:

- Bulgária
- Checoslováquia
- Hungria
- Polónia
- RDA
- Roménia
- URSS

AGITURISMO

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, SA

Rua da Glória, 43 — 1200 LISBOA — Telef.: 37 31 10/1 — 346 59 52/3 — 346 72 02 — Telex: 16999



B R E V E S

Sampaio desmente abandono da Câmara

«É um profundo disparate!» - afirmou ao «DL» um porta-voz de Jorge Sampaio a propósito de notícias vindas a público que afirmavam existirem movimentações no interior do PS e até de alguns conselheiros do Presidente da República no sentido de o secretário-geral socialista abandonar as funções de presidente da Câmara Municipal de Lisboa para se dedicar exclusivamente ao partido. O porta-voz de Sampaio disse não existirem quaisquer pressões nesse sentido e que Jorge Sampaio manterá o compromisso que assumiu com o eleitorado. Amanhã o secretário-geral do PS vai fazer um balanço do ano político num encontro com os jornalistas.

Deputados portugueses falam na ONU sobre Timor

Três deputados portugueses falam hoje na Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, sobre a violação dos Direitos Humanos em Timor-Leste. Raúl de Brito, do PS, Rui Silva, do PRD e António Maria Pereira, do PSD, discursam perante o «Grupo dos 24», na qualidade de peticionários portugueses às Nações Unidas, dando assim a conhecer a posição de Portugal relativamente àquele território.

Grupo Liberal vai reunir-se nos Açores

O Grupo Liberal do Parlamento Europeu reúne-se de 4 a 6 de Setembro, em Ponta Delgada, nas jornadas de estudo sobre a Política Regional e Dinâmica do Atlântico. Os eurodeputados ligados àquele grupo pretendem com este encontro «sensibilizar o PE para os problemas das regiões periféricas e marítimas».

Mário Soares envia mensagem a Gaviria

O Presidente da República, Mário Soares, enviou uma mensagem de felicitações ao novo presidente da Colômbia, César Gaviria, por ocasião da sua tomada de posse. O chefe de Estado português expressou o desejo de que «as relações que existem entre os dois países» continuem «a desenvolver-se para o benefício mútuo dos povos da Colômbia e Portugal».

Jovens empresários conversam com JSD

As direcções da JSD e da Associação Nacional dos Jovens Empresários (ANJE) reuniram-se ontem e foram consensuais em pedir mais apoios e maior preocupação das instituições para o rejuvenescimento do tecido empresarial. As duas organizações avançaram várias propostas entre as quais uma da ANJE que preconiza a constituição de um «pacto de geração», como estratégia de «desenvolvimento, liberdade e bem estar em Portugal». Entretanto, a JSD divulga amanhã, em conferência de Imprensa as conclusões do seminário que promoveu sobre «Soluções reformistas num mundo em mutação», no qual participaram 32 jovens dos cinco continentes.

Militares rejeitam reforma compulsiva

A Associação dos Militares na Reserva e na Reforma não se conforma com o facto de o novo Estatuto dos Militares das Forças Armadas estipular a passagem à reforma dos seus membros antes dos 70 anos. Em comunicado, aquela associação lembra que lhe têm sido apresentadas «manifestações de desencantamento e protesto, pelo facto de alguns dos seus membros terem sido notificados para comparecerem nos departamentos militares a fim de apresentarem os documentos com vista à passagem à reforma».

Presidente da Câmara de Elvas retira pelouros

O presidente da Câmara Municipal de Elvas, de maioria social-democrata, retirou, na última reunião do executivo da edilidade, o pelouro ao vereador do PRD, Manuel António Torneiro. João Carpinteiro, o presidente do Município, disse que a sua decisão se baseou no «clima de instabilidade que o vereador do PRD criou entre os diferentes serviços camarários e na falta de eficácia nos serviços que lhe estavam atribuídos».

Depois de ver «urgência» do Hospital de S. José

PS diz que é preciso tratar dos Cuidados Primários

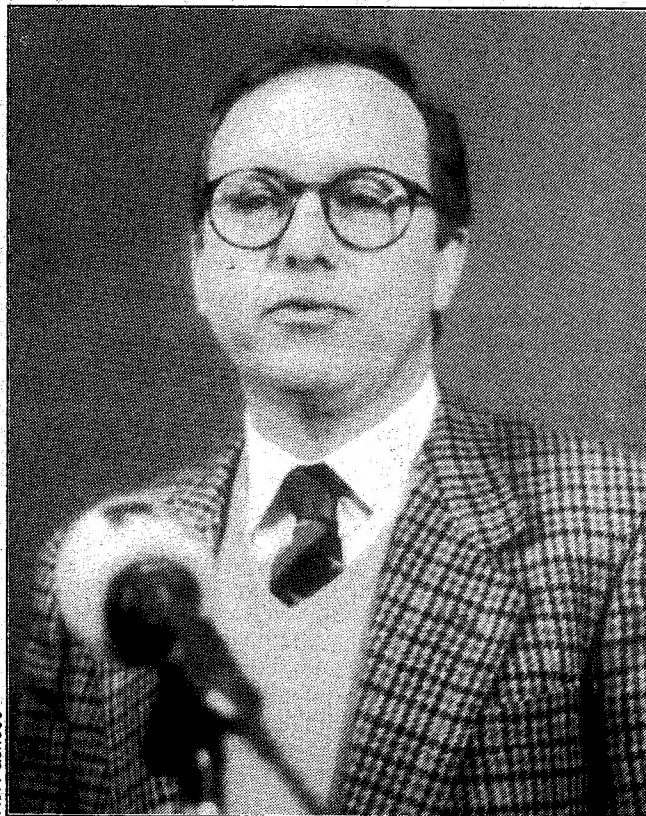
O Partido Socialista defende o equipamento e funcionamento dos Cuidados Primários de Saúde em detrimento do alargamento do número das «urgências» hospitalares, há dias anunciado pelo primeiro-ministro, que na ocasião revelou o investimento de dois milhões de contos nesse sentido.

A posição do deputado Correia de Campos, membro da delegação do Partido Socialista que esta manhã se inteirou da situação na «urgência» do Hospital de S. José, é clara. «É preciso tratar urgentemente dos Cuidados Primários de Saúde», afirmou.

O responsável do PS pelo sector de saúde criticou o primeiro-ministro pela promessa de atribuição de dois milhões de contos para reforço das «urgências» hospitalares em Lisboa, realçando que «o Governo sabe que o problema está nos Cuidados Primários de Saúde».

«O dinheiro para obras na saúde é sempre bem-vindo, mas não é obrigatório nem necessário que seja para as urgências hospitalares, ou só para as urgências hospitalares», completou.

PS e PSD têm concepções diferentes quanto aos grandes problemas da saúde, mas é no domínio das urgências que as divergências neste



Rui Pacheco

Correia de Campos criticou hoje as más condições do Hospital de S. José, «um local emblemático, o último recurso e último reduto dos lisboetas»

momento mais se acentuam. «É preciso afastar as pessoas das urgências, o que só se consegue com o funcionamento dos Cuidados Primários», observou Correia de Campos.

Acusando o partido do Governo de «demagogia política», salientando que a situação da saúde «é hoje mais grave que há seis anos», aquele responsável socialista alargou a crítica ao PSD, que «nada

fez nesta área pelos portugueses», apesar de deter a pasta da Saúde desde 1984.

Afastar as pessoas das Urgências

Comparou a actual situação à de 1987, quando Leonor Beza se decidiu a lançar o Hospital S. Francisco Xavier, sob a alegação de que «os lisboetas necessitavam de mais uma urgência», pelo menos. «O resultado está à vista e é conhecido dos portugueses: foi o maior escândalo de Estado», acrescentou.

Correia de Campos acusou ainda o Governo de «estar já a comer o duodécimo de Novembro», como ontem noticiou o «DL», e admitiu que no Orçamento rectificativo deste ano se veja obrigado a dotá-lo de mais 35 ou 40 milhões de contos. Em 1989 o acréscimo do reforço decorrente do Orçamento rectificativo foi de 27 milhões.

Sobre a visita propriamente dita ao S. José, Correia de Campos frisou que «as condições de trabalho são más, apesar de se tratar de um local emblemático, de ser o último reduto e o último recurso dos lisboetas». Presidida pelo líder parlamentar do PS, António Guterres, a delegação incluiu ainda Filomena Ramos e Caio Roque.

J. R.

Pilotos da Força Aérea: menos dois anos de tropa

O ministro da Defesa Nacional vai tirar dois anos de tropa voluntária aos pilotos da Força Aérea, satisfazendo parte de uma das grandes reivindicações da classe. Mais seis horas de voo por mês e melhores condições operacionais são dois pontos em que o Governo se aproxima das últimas exigências dos pilotos.

Na visita que ontem fez à Base Aérea número 5, sediada em Monte Real, Fernando Nogueira aliviou a tensão que se vivia naquele seio das Forças Armadas, facilitando ao mesmo tempo o papel do chefe do Estado-Maior do ramo, general Conceição e Silva.

A hipótese de uma das duas pistas de Monte Real ser aberta à aviação civil como elemento catalisador de potenciais fluxos turísticos, ficou também em aberto com esta deslocação do ministro da Defesa. Sendo uma das grandes reivindicações dos hoteleiros e outros agentes do turismo da região Oeste, Costa de

Prata e Associação de Municípios da Alta Estremadura, teve uma resposta positiva da parte do ministro: «Não vejo qualquer problema no uso da pista», disse.

O ministro observou que «a disponibilidade para esta utilização da base é clara», mas «há que analisar a sua eficácia

operacional», ressaltou. Fernando Nogueira chamou a atenção para o facto do uso da pista pela aviação comercial implicar a construção de infra-estruturas n o valor de milhão e meio de contos.

Nogueira anunciou que os vinte aviões F-16 que Portugal vai receber ao abrigo da ajuda militar da NATO, deverão ficar em Monte Real. O actual número de aviões ao serviço da FAP, que é de 25, aumentará, ao mesmo tempo que as horas de voo de cada piloto passarão de 18 para 24. Dos 40 «A-7» ao serviço da FAP, 21 integram a esquadra 302 dos «Falcões», cujo lema é «Guerra ou paz tanto nos faz».

Foi num destes aviões que Fernando Nogueira ontem voou, durante hora e meia, vestindo a farda de piloto da Força Aérea. No final, o ministro afirmou que «a condição de vida dos pilotos é exigente em todos os níveis de rigor e disciplina».



Fernando Nogueira voou ontem num avião A7 da Base Aérea de Monte Real

Investimento SEM RISCO



OBRIGAÇÕES DO TESOURO FIP 90

O que são?

As Obrigações do Tesouro FIP 90 são a melhor forma de fazer um investimento sem risco, com um ótimo rendimento.

Quem pode subscrever?

Os FIP 90 destinam-se aos investidores particulares e institucionais, podendo ser subscritos por pessoas singulares ou colectivas.

Qual a taxa de juro?

Taxa base acrescida de 1 1/8%, sendo de 18,5% para todos os cupões com início até 30 de Setembro. A taxa base corresponde à taxa anual nominal, convertível para o semestre, equivalente à taxa anual média ponderada, das 12 últimas colocações de Bilhetes do Tesouro, de qualquer prazo, reportada ao antepenúltimo dia útil do semestre anterior, arredondada para 1/16 superior. O valor da taxa base será divulgada, regularmente, pelo Banco de Portugal.



Qual o prazo de amortização?

A amortização é feita em 1 de Outubro de 1997.

Podem ser transaccionados?

As Obrigações do Tesouro FIP 90 são cotadas na Bolsa, onde podem ser negociadas e transaccionadas.

Corre-se algum risco?

Nenhum, pois têm a garantia do Estado.

Subscreva nas Instituições Bancárias ou na Junta do Crédito Público

FORUM

A OITAVA MARAVILHA DO MUNDO

A Líbia, nos últimos tempos, tem dedicado grande parte dos seus proventos petrolíferos (contrariamente ao que se julga nos países ocidentais) ao desenvolvimento do país, como também no que respeita à implantação do sector industrial básico.

Cabe referir que, presentemente, a Líbia é o quarto maior produtor de petróleo do Médio Oriente e do Mediterrâneo, constituindo o petróleo e o gás 57 por cento do PIB e contribuindo em quase 96 por cento das suas exportações.

Como se sabe, as reservas desta matéria-prima não são eternas e torna-se imperioso conseguir alternativas para que a auto-suficiência dos bens necessários fique plenamente assegurada. Assim, o Governo do coronel Muammar Kadhafi vem intensificando, com êxito, o desenvolvimento global do país.

É neste contexto - e como espinha dorsal dessa política de desenvolvimento -, que surge «a gigantesca obra do grande rio artificial» que será, como alguém disse, «a oitava maravilha do mundo, por se tratar do maior estaleiro jamais levado a cabo».

Graças a este grande rio artificial, com quatro mil quilómetros de canalizações, serão conduzidos, dos confins do Sara, milhões de metros cúbicos de água até à costa.

Foi em 28 de Agosto de 1984 que o coronel Kadhafi colocou «a primeira

pedra» do empreendimento, que ficará terminado em 1990, com o qual se abrirá uma nova era, uma nova vida para o deserto sariano.

Esta foi a grande solução encontrada pelo Governo líbio para a resolução de um dos vitais problemas daquela zona do globo: a alimentação, através da luta contra a desertificação e a seca, que ameaçam milhões de homens no Terceiro Mundo, especialmente em África.

Na opinião dos peritos internacionais, o gigantesco rio artificial colocará à disposição do país uma riqueza em água, cujo valor equivale ao dos jazigos de petróleo que a Líbia possui. O seu valor corresponderá ao que o Nilo verte em dois séculos e o seu curso será, a seguir ao Nilo, o mais longo do continente africano.

O plano desta grande e humanitária obra surgiu como necessidade de se aproveitar, para a agricultura, as grandes extensões do deserto sariano.

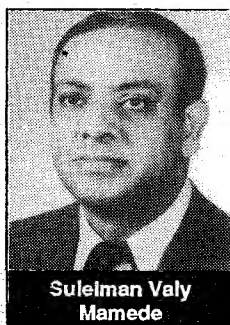
A toalha de água subterrânea que guardava só poderia ser explorada se transferida para regiões menos áridas. Os estudos levados a cabo, com o concurso de uma elite de técnicos internacionais, conduziram à escolha de uma solução que impede a evaporação ou a infiltração de águas nas camadas arenosas, mediante a construção de uma rede de canalizações a sete metros de profundidade.

A captação de água é feita em 270 poços, situados nas regiões sarianas de Sarir, Tazerbou e Kufra. A rede de canalizações que a conduzirá, ao encontrar-se em Jbel Hasnaoui, deve perfazer, no seu conjunto, quatro mil quilómetros de extensão.

Quanto à tecnologia de apoio, cabe referir que são três fábricas nacionais, de materiais e matérias-primas disponíveis, respectivamente em Brega, Sarir e Massaoua, que têm vindo a dar o suporte técnico, no que consta à criação de infra-estruturas, às obras a empreender e ao controlo da qualidade a assegurar, o que faz com que esse trabalho se faça com técnicos estrangeiros altamente especializados, mas com a total dispensa do recurso à importação do material necessário.

Para a colocação das canalizações foram abertas, como atrás se refere, quatro mil quilómetros de valas, com sete metros de profundidade, o que mobiliza um parque automóvel constituído por camiões e tractores que, a seguir, serão utilizados para o transporte das canalizações e para a construção de 1500 quilómetros de estrada alcatroada, que acompanhará a rede de adução.

Esta obra, que tem a participação de cerca de dois mil e quinhentos trabalhadores, deverá ser inaugurada nos finais deste ano, como a «oitava maravilha do Mundo».



Suleiman Vally Mamede

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um artigo de Álvaro de Vasconcelos:

(...) Havia também, ou ainda há, os que procuravam basear a distinção entre os regimes do Leste e do Oeste num determinismo geopolítico, orgânico, que predestinaria a potência continental (a URSS, no caso) para a agressão e a potência ou as nações marítimas para a liberdade. Não que a distinção de Mackinder não tenha o seu valor, uma vez que os factores geográficos são uma condicionante da acção internacional dos Estados. Não podem evidentemente, porém, determinar as escolhas de regime político e das prioridades internacionais, que decorrem não só dessa escolha como de factores de ordem interna, políticos e económicos, que não são fixos nem permanentes. (...)

8.AGO.90

PÚBLICO

De um artigo de Adriano Moreira:

(...) Entretanto, parece algumas vezes que o processo mundial da mudança dá sinais de tender para reeditar equívoco igual ao que se verificou durante os longos anos em que foi Taiwan que ocupou o lugar no Conselho de Segurança da ONU: esta olhava para o Oriente, e não via politicamente a China continental.

Agora, sempre com a muralha a impedir o acesso a uma percepção confiável da linha chinesa duradoura, as notícias do Sueste asiático mostram que os países não comunistas da área, reunidos na ASEAN (Boréu, Indonésia, Malásia, Filipinas, Singapura, Tailândia), e os seus principais parceiros ocidentais (EUA, Austrália, Canadá, Japão, Nova Zelândia, e CEE) começaram a discutir a segurança comum na lógica do novo relacionamento entre a NATO e a URSS. (...)

8.AGO.90

O DIA

De um artigo de Silva Resende:

(...) Em Portugal existe um vasto rol de pessoas que foram violentamente desapossadas do que lhes pertencia, por acção dos comunistas instalados no MFA e no aparelho do Estado. Esse mesmo Estado, por mão dos socialistas-democratas, está a proceder à reprivatização dessas instituições metendo no bolso o produto das operações. Eu capacito-me de que os tribunais portugueses ainda não tomaram consciência deste absurdo e desta ofensa. É certo que o Governo argumenta com o facto de essas quantias se destinarem ao bem público. Quem nos garante o escrupulo dessa aplicação? E desde quando é que os fins justificam os meios?

Portugal não pode entrar na CEE com a consciência abarbatada por culpas desta gravidade. Não podemos ser um parceiro que falta ao respeito a si próprio. A RUMASA é um exemplo! E um aviso!

8.AGO.90

Comércio do Porto

De um artigo de José Manuel Torres Couto:

(...) A participação co-responsabilizadora dos trabalhadores na vida da empresa, assim como a aposta na valorização do principal recurso da empresa - o Homem - constituem as condições fundamentais para a promoção da qualidade na empresa.

Os ganhos de produtividade que daí advêm devem também ser revertidos no aumento do bem-estar do trabalhador, contribuindo assim para a elevação contínua do nível de qualidade da empresa.

Torna-se, neste sentido, necessário apostar no aumento da qualidade de vida do trabalhador. (...)

8.AGO.90

Informação

COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informa-se os Srs. Passageiros que, por motivo de trabalhos de revisão integral da catenária, são suprimidos, entre QUELUZ e CACÉM, nos dias 7, 8, 9 e 10 de Agosto, os seguintes comboios:

QUELUZ-CACÉM

Comboios com saída de Queluz às — 9.57h, 10.13h, 11.13h e 11.49h.

CACÉM-QUELUZ

Comboios com saída de Cacém às — 9.55h, 10.11h, 10.27h e 11.51h.

CP — Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano



Caminhos de Ferro
Portugueses

Informação

COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informa-se os Srs. Passageiros que, por motivo de trabalhos de revisão integral da catenária, são suprimidos, entre QUELUZ e SINTRA, no dia 11 de Agosto, os seguintes comboios:

QUELUZ-SINTRA

Comboios com saída de Queluz às — 11.07h, 11.39h, 12.11h, 12.43h, 14.03h, 14.35h, 15.07h e 15.39.

SINTRA-QUELUZ

Comboios com saída de Sintra às — 11.11h, 11.43h, 12.15h, 14.07h, 14.39h e 15.11h.

CP — Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano



Caminhos de Ferro
Portugueses

FORUM

PEDRO PITTA: UM NOME E UMA ACCÇÃO A NÃO ESQUECER

por Costa e Melo

Quando agora, em liberdade plena, vêm a terreiro, emplumados por títulos de legitimidade duvidosa, nomes de alguns cidadãos cujos méritos se ficam pelo jeito que tiveram no amearhar de milhões apesar do ambiente que tanto atacaram sem nunca deixarem de o aproveitar, é certo e sabido que outros são apontados, quase timidamente, como exemplos de verticalidade e honra. Pela melhor, surgem então sorrisos complacentes de tolerância, em tudo iguais à indiferença ou, pelo menos, ao desconhecimento do que foram esses, não apontados como balizas.

Um deles é Pedro Pitta!

E se digo é e não foi, isso se deve à convicção em que me encontro de tal derivar de desconhecimento ou de memória perdida.

Mas, mais grave nesta que naquele, pois em nada é de estranhar que a juventude dos que hoje pisam os Tribunais, a pedir justiça a tão jovens como eles, desconheça ter passado, durante três mandatos consecutivos, pela «cátedra» de Bastonário da sua associação de classe, um homem que não raro foi acoimado de brando mas que, nas ocasiões cruciais, e tantas foram, soube ter a coragem de «chamar aos bois pelo seu nome», só não batendo com a porta porque a sua educação o impedia ao mesmo tempo que a sua inteligência o aconselhava a ficar onde tinha sido posto por escolha livre dos seus pares.

E foi brando, sim, mas sempre e só, quando, em seu juízo e face às circunstâncias envolventes, julgou ser essa a postura mais útil à classe que representava de pleno direito!

E é levado pela necessidade de mostrar, aos «felizes» do agora de Abril, que eu venho aqui lembrar, de várias, uma peça, deles por certo desconhecida, mas que importa recordar, sobretudo aos que, tendo-a conhecido é eventualmente apoiado, a esqueceram com o passar

dos anos numa História diferente.

Trata-se numa posição relacionada com o aparecimento, em Janeiro de 1961, do Programa Para a Democratização da República e a prisão de Eduardo Figueiredo, Acácio de Gouveia e outros, entre os quais o actual Chefe de Estado, Mário Soares, todos eles ilustres advogados e, pelo menos, igualmente ilustres cidadãos.

Esse documento em que colaborou, muito intimamente, Jaime Cortesão, foi, na devida altura, uma chicotada em forma de alicerce para a sociedade livre que se pretendia.

Tanto bastaria, como bastou, para as represálias, não em forma de censura ou convencimento construtivo, mas em forma de privação de liberdade, tanto de pena maior tinha, para os lutadores dela, o cárcere em que os encerraram os esbirros, empurrados pelo «esbirro-mor» deste Reino, e ainda hoje, de tão desvairadas gentes.

Foram vários os presos com estágio no Aljube, em rota para Caxias. Aqueles já citados e ainda, precedendo-os, o A. Adão e Silva, todos membros eleitos dos Conselhos da Ordem dos Advogados.

Isso justificava, como justificou, a intervenção de Pedro Pitta, em cartas várias e várias visitas ao ministro da Justiça, então o prof. Antunes Varela.

Foram realmente várias, aquelas, designadamente as de 2 de Junho, 7 e 14 de Julho, 20 de Setembro e 2 de Outubro, daquele ano de 1961.

E é duma delas, a de 24 de Julho, que quero trazer, para aqui, a ilustrar a personalidade de Pedro Pitta, o seguinte:

«Continuam presos os meus Colegas Drs. Eduardo Figueiredo, Acácio Gouveia e Mário Soares. O pretexto para as prisões - como referi a Vossa Excelência no passado dia 14 - é terem aqueles colegas, com outros, assinado um documento a que chamaram «Programa Para a Democratização da República». Creio que também os acusaram de o haverem redigido - coisa que não fez diferente o caso.

Nesse documento que recebi pelo correio, que tenho sobre a minha mesa de trabalho e que ponho à disposição de

Vossa Excelência - nada vejo que possa estar incursão em qualquer preceito penal.

Aqueles que o assinam declaram-se discordantes da orientação política do Governo e dizem o que fariam se viessem a governar.

Trata-se, portanto, de uma diversidade de modos de ver que a própria Constituição admite como direito que expressamente reconhece, e muito bem, porque é idêntico o projecto de bem servir o país, que é de todos os portugueses.

As prisões são, portanto, arbitrárias e ilegais; e, - o que muito importa - não são as primeiras que assim se fazem, de advogados.

Peço licença a Vossa Excelência para recordar, fazendo um pouco de história:

Nos dias que imediatamente antecederam as últimas eleições presidenciais e em seguida a elas, foram presos nada menos de 18 advogados. Vexados, incomodados, estiveram na prisão muitos dias, sofrendo prejuízos eles e os constituintes, até que à PIDE, pareceu castigo bastante.

A última amnistia abriu as portas da prisão de uns advogados, também presos sem a menor razão ou fundamento. Fiquei sempre sem saber, - como, então, tive oportunidade de dizer a Vossa Excelência - se os amnistiados foram os presos, ou aqueles que os prenderam. A essas duas vezes há a acrescentar mais uma, agora, em que a PIDE substituindo-se aos Tribunais reincide em aplicar as penas em que ela própria condena.»

São por de mais eloquentes na nudez forte da verdade inteira, as palavras de Pedro Pitta, para que, a acompanhá-las, se justifique o emprego de outras, por mais afinadas que sejam no retinir do mesmo cristal-água.

O contrário... que cada um o faça na comparação do antes com o agora e em defesa do depois!

Isso bastará, sobejará mesmo, para justificar a vinda, aqui, de Pedro Pitta, envolvido em momentos de acção que soube desenvolver, entre perigos vários, na defesa da sua própria classe e que foi tão árdua quanto os tempos justificavam em ausência de Lei verdadeira e presença asfixiante de arbítrio pessoal.

UM PAÍS COM ALMA

por Daniel de Sá

Diogo. Talvez de Silves ou de Sunis ou de Sevilha. Terá sido o primeiro a confirmar que estas ilhas existiam e a saber onde estavam. Pedacos de terra, num longo meridiano de água apenas interrompido para deixar que se levantem. Frágeis e breves.

Celeiros do Reino ou das praças de África e das naus para a Índia, com suor de exilados. Mas o amor foi mais fecundo do que a terra; o pão, que sobrava, começou a faltar. E partir passou a ser a pior forma de ficar nas ilhas.

Ilhas que são uma história de mar e de exílio. O mar que as separa e afasta de tudo, o partir que as divide. Não compreendidas de longe. Talvez não compreendendo também, algumas vezes, quem longe lhes está ou de longe as imagina ou governa. Erros de percurso que criaram marcas e deixaram suspeitas. Um percurso de séculos, mal amadas quando mal sabidas. Mas sempre fiéis à Pátria comum. Vozes dispersas houve que as não quiseram assim. Mais fortes, essas vozes, quando o Brasil se fez Reino pelo grito de um rei que apressou a História nas margens do Ipiranga. E quando o que sobrou do Império se perdeu fora de tempo, porque a ter-se perdido em tempo certo nada se houvera perdido, pois esse mundo, onde mal pusemos os pés por ser tão vasto, nunca verdadeiramente terá sido português. (Como já antes aqui se quisera ficar como memória de Portugal, quando o Iberismo ameaçava a permanência da Pátria.)

E foi então o primeiro equívoco da Autonomia. Lisboa assustou-se, nesse seis de Junho de sessenta e cinco, com a notícia de um grupo de lavradores, convocados para exigir melhores preços ao leite, à mistura com gente que bem sabia ao que ia: a depor o governador do distrito e a gritar independência. Eram tempos em que a razão cedia facilmente aos impulsos de quem aprendia ainda os caminhos da liberdade. Se houve vozes sinceras na multidão, respeite-se-lhes a sinceridade exaltada. Se foi um erro a exigência, aplaudam-se as consequências da exaltação. Os Açores passaram a ter um governo próprio que, em quase tudo o que mais lhes importa, não tem de esperar um despacho de Lisboa. O seis de Junho terá sido a linha torta onde se escreveu direito o direito desta gente. Talvez à pressa, talvez sem tempo para pensar.

Foi assim que a Autonomia nasceu. Apressada a indecisa, sem se saber bem o que era nem aonde ia. Apesar de muitas décadas de História que se cumpriram no primeiro governo autónomo eleito.

1895, 2 de Março: um ponto de referência. S. Miguel vivia ainda os seus melhores tempos de descoberta da modernidade. Nas Letras, na Política, no desenvolvimento económico, a ilha acertava o passo pela Europa das luzes. Sob o seu impulso, o primeiro decreto autónómico conferia a maioridade ao arquipélago, uma maioridade nunca assumida totalmente, negada depois pelo fingimento de livre arbítrio que lhe autourgou Salazar. O obscurantismo geral de um País que raramente foi livre como nação. Uma nação que, quando lhe concedem uma constituição mais liberal, parece que não sabe o que fazer com ela.

Mas a Autonomia ficou. Tão necessária como tudo o que é indispensável. Com os argumentos da Geografia, da História e da Cultura depondo a seu favor. Por isso resiste, ainda que vítima de equívocos, ainda que nascida como consequência imediata de um susto mal interpretado. Ainda que feita de tentativas de acertar, por parte de quem não estava preparado para o deslumbramento de decidir sem esperar deferimento.

A Autonomia continua a ser uma aprendizagem. Feita de experiências, que é a melhor maneira de aprender mas a mais sujeita a erros. Por isso não se pode julgá-la pelos defeitos de percurso. E, mesmo se tudo o que até agora se fez com ela não tivesse passado de um logro, haveria que aceitar a Autonomia como a forma mais justa de os Açores serem Portugal. Afinal de contas, temos dezasseis anos de uma liberdade descontente, e ainda não nos cansámos de ser livres nem toleramos sequer a ideia de poder deixar de sê-lo. Porque a melhor qualidade dos Portugueses parece ser este defeito secular do seu descontentamento. A prova mais evidente de que somos uma nação com alma.

CARTAS NA MESA

Um esclarecimento do vereador Vítor Costa

Na sua secção «Aplausos a...», de 6 do corrente, o «DL» publicou um texto, cheio de ironia e insinuações, dedicado à minha pessoa.

Tal texto teve, certamente, por fonte uma «notícia» publicada num conhecido semanário na sexta-feira anterior.

Se a «notícia» do semanário não espanta, dado o estilo do mesmo e os seus antecedentes (ainda há pouco o «caso» dos assessores teve o seu desfecho com o conhecido parecer do Conselho Deontológico do Sindicato dos Jornalistas) já espanta que o «DL», prestigiado pela forma séria como costuma fazer

jornalismo, se faça eco de tal «notícia», que afecta claramente o meu bom nome, sem ter tido a preocupação de me ouvir.

Junto envio cópia da carta que dirigi ao referido semanário onde creio demonstrar que as funcionárias da Câmara vão no Cruzeiro e no Comboio em trabalho, como dezenas de outros funcionários se deslocam anualmente ao estrangeiro em acções de promoção turística, designadamente Feiras, Seminários, Congressos, Workshops, Semanas Promocionais, etc., muitas vezes acompanhando o vereador do Pelouro.

Espero, pois, sr. director, que o «DL» esclareça que o signatário não pagou férias «às suas duas secretárias» (aliás só tem uma secretária).

Trata-se do mínimo que pode ser feito em abono da verdade, porque a dúvida e a

insinuação já não serão certamente apagadas do espírito dos leitores.

Vítor Costa, Vereador dos pelouros de Turismo e Ambiente da CML

N.R. - O senhor vereador dos pelouros do Turismo e Ambiente da Câmara Municipal de Lisboa enviou-nos, juntamente á que enviou ao «DL», uma carta, dirigida ao director do semanário «O Independente», na qual afirma: «a participação das funcionárias - no 'Cruzeiro Europa Jovem' e no 'Comboio Europeu' - (das quais apenas uma, Ema Cruz, é a minha secretária) justifica-se para, numa óptica de dar utilidade aos apoios prestados, desenvolver as programadas acções promocionais de Lisboa, e apenas isso». Esta é a justificação apresentada pelo senhor vereador para a participação das funcionárias nas referidas iniciativas. A avaliação dos factos fica ao critério dos leitores.

ECONOMIA

B R E V E S

Marconi e Telefónica vão cooperar

A Marconi e a Telefónica espanhola estabeleceram um acordo de cooperação, com vista a empreender actividades de benefício mútuo, nomeadamente a intensificação dos serviços de telecomunicações que ambas proporcionam a nível internacional. Na área dos cabos submarinos foi, pela primeira vez, possível chegar a um acordo quanto a uma verdadeira cooperação neste domínio.

Conta Comerciante lançada pelo BPA

O Banco Português do Atlântico lançou no mercado uma conta de depósitos à ordem criada especialmente para os comerciantes, em nome individual ou colectivo, e também para os industriais de hotelaria (restaurantes, cafés, pastelarias, etc.). Esta conta oferece uma melhor taxa de juro, para além de várias facilidades, como entre outras, crédito para aquisição de equipamento ou realização de obras nos estabelecimentos, *leasing* de equipamentos e instalações e apoio à instalação de terminais automáticos de pagamento.

Mundileasing começa a ganhar mercado

Nos seus dois primeiros meses de actividade, a Mundileasing registou um volume de pedidos de financiamento de 2,5 milhões de contos, correspondentes a cerca de 200 propostas, de que foram aprovadas 138. Vocacionada para as pequenas e médias empresas, para as profissões liberais e para os empresários em nome individual, a Mundileasing afirma-se diferente das suas congéneres, fundamentando a sua oferta em soluções inovadoras e completas.

Lucros quase triplicam na Hispano Americano

A Hispano Americano Sociedade de Investimentos, SA, encerrou o primeiro semestre de 1990 com um resultado de 73 mil contos, o que representa um acréscimo de 283 por cento relativamente ao mesmo período de 1989. O *cash flow* atingiu naquele período os 140 mil contos (mais 137 por cento). O crédito concedido ultrapassou os sete milhões de contos (mais 55 por cento).

A Europa poderá estar melhor preparada para enfrentar um «choque petrolífero» prolongado. Portugal, Espanha e Itália seriam os países da CEE mais afectados

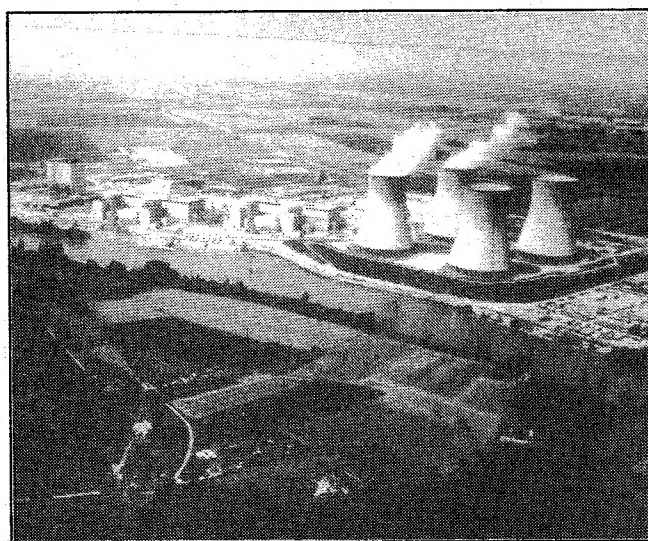
Petróleo: economistas admitem estar-se perante uma crise

Os economistas estão a considerar seriamente a possibilidade de se estar perante um terceiro choque petrolífero, pesando as consequências sobre a inflação e o crescimento mundiais de uma crise prolongada no Golfo.

O ministro francês das Finanças, Pierre Berégovoy afirmava no início da semana que «as perspectivas de um maior crescimento na Europa continuam em aberto» e apelava aos operadores financeiros para conservarem o «sangue frio».

Mas já Pierre Lellouch, investigador em ciências políticas, considera que a crise «é tão grave como a de 1973». Para ele, os hábitos herdados da crise dos anos 70 diluíram-se, tendo os países aumentado a sua dependência em relação à OPEP, congelando (com excepção da França) os programas nucleares e abandonando as economias de energia.

No final de 1989, cerca de 65 por cento das reservas mundiais de petróleo encontravam-se no Médio Oriente, 12,3 por cento na América Latina, 5,9 por cento na União Soviética e Europa do Leste, 5,8 por cento em África, 4,2



Energia nuclear: solução que resultou em França

por cento nos Estados Unidos e 6,4 por cento no resto do mundo.

De acordo com Philippe Sigogne, director dos diagnósticos económicos do observatório francês das conjunturas económicas, a questão energética será melhor suportada na Europa, área que beneficia de um crescimento mais forte (cerca de três por cento), do que nos Estados Unidos, onde o ritmo de crescimento se situa nos 1,5 por cento.

Enquanto os europeus receiam, sobretudo, as consequências de uma crise prolongada a nível da inflação, os americanos debatem-se com a ameaça de recessão e de um aumento da inflação induzido pelos preços altos do petróleo.

O Japão, com uma dependência energética do petróleo na ordem dos 60 por cento considera seriamente a ameaça, tendo o seu Ministério da Indústria já anunciado medidas de poupança

energética, preparando-se agora para aplicar medidas de adaptação económica.

A Espanha, a Itália e Portugal, que produzem, tal como o Japão, menos de 20 por cento da energia que consomem, seriam mais afectados por uma crise petrolífera prolongada do que a Holanda, praticamente auto-suficiente devido à sua produção de gás natural.

A Alemanha produz cerca de metade das suas necessidades energéticas e as autoridades esperam vir a compensar a subida do petróleo com a queda do dólar.

Para a França, Sigogne prevê um impacto menor do que o verificado em 1973. «A economia encontra-se mais sólida», afirma. Por outro lado, devido à sua produção de energia nuclear a França baixou de 120 milhões de toneladas para as 73 milhões a importação de petróleo.

No Reino Unido, os especialistas prevêem que o aumento de cinco por cento do preço de gasolina, já aplicado pelas grandes companhias petrolíferas, vai levar a inflação dos actuais 9,8 por cento para cima dos 10 por cento.

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45\$15	51\$15
ALEMANHA FED. (marco)	87\$05	88\$25
ÁUSTRIA (xelim)	12\$40	12\$60
BÉLGICA (franco)	4\$052	4\$302
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	121\$10	123\$60
(notas de 5 a 1000)	121\$60	124\$10
DINAMARCA (coroa)	22\$90	23\$30
ESPAÑA	1\$385	1\$505
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	139\$35	142\$85
(notas de 5 a 1000)	139\$85	143\$35
FINLÂNDIA (marka)	37\$05	37\$65
FRANÇA (franco)	25\$95	26\$65
HOLANDA (florim)	77\$25	78\$35
IRLÂNDIA (libra)	235\$10	239\$10
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (iene)	\$884	\$939
NORUEGA (coroa)	22\$55	23\$05
REINO UNIDO (libra)	260\$70	265\$20
SUÉCIA (coroa)	23\$75	24\$25
SUÍÇA (franco)	103\$40	104\$90
VENEZUELA (bolívar)	2\$573	3\$373

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

SECRETÁRIA

Instituição sediada na Linha de V.F.X., procura secretária para trabalhar directamente com Direcção.

PROCURAMOS:

- Alto nível de experiência, mínimo 3 anos e eficiência administrativa
- Bons conhecimentos de organização de serviço
- Dinamismo, capacidade e independência no desempenho do cargo
- Disponibilidade e dedicação

OFERECEMOS:

- Bom vencimento
- Óptimo ambiente de trabalho
- Regalias sociais

Enviar curriculum vitae e informações detalhadas a este jornal, ao n.º 908

Turismo português espera japoneses

O fluxo de turistas japoneses para Portugal nos próximos três anos poderá gerar receitas estimadas em 40 milhões de contos. Este cenário foi defendido pelo director do Centro de Turismo de Portugal no Japão, Preto da Silva.

Falando num encontro com várias delegações portuguesas que se encontram de visita a Nagasaki, afirmou: «É nosso objectivo conseguir que 130 mil japoneses visitem Portugal nos próximos três a quatro anos.»

Os 40 milhões de contos daí resultantes constituiriam uma forte ajuda para compensar o défice da balança comercial existente entre os dois países, que actualmente se situa nos 70 milhões de contos.

Preto da Silva recordou que o mercado turístico japonês vai aumentar nos próximos anos, estimando-se que passe dos dez milhões de visitantes ao estrangeiro em 1989 para os 20 milhões no ano 2000.

Lembra-se que o Governo japonês tem estimulado os cidadãos do seu país a praticarem mais turismo externo, como forma de atenuar um pouco a sua fortemente excedentária balança comercial.

Nesta perspectiva, os principais operadores turísticos nipónicos já se deslocaram a Portugal, tendo mesmo começado a investir na área do turismo de qualidade, numa clara manifestação de que estão satisfeitos com o que os portugueses têm para oferecer ao turista japonês.

«A nossa meta de 130 mil turistas japoneses em Portugal até 1993, quatro vezes mais do que actualmente, só pode ser conseguida se criarmos os instrumentos correctos para se atrainer, nomeadamente uma linha aérea directa entre Portugal e o Japão e infra-estruturas hoteleiras adequadas», disse Preto da Silva.

INTERNACIONAL

Possibilidade de utilização de armas químicas e nucleares no confronto

Arábia Saudita ainda em inferioridade perante Saddam Hussein

Tropas norte-americanas de elite, da 82ª Divisão Aerotransportada continuavam a chegar esta manhã à Arábia Saudita. Neste momento, os especialistas do Pentágono acreditam que qualquer ataque iraquiano seria fatal para os sauditas, já que os EUA e o exército local não dispõem de efectivos suficientes para fazer frente a Bagdad. Esta superioridade iraquiana deve-se sobretudo às forças terrestres, porque no ar os caças F-15, os bombardeiros B-52 e aviões-radar AWACS norte-americanos, estão em supremacia. Teme-se que Saddam Hussein, aproveitando a relativa fraqueza do adversário, possa atacar nas próximas horas, podendo usar armas químicas. Bush fez ontem um aviso velado que ataques deste tipo poderiam ter uma resposta não convencional, ou seja, também com armas químicas ou mesmo nucleares.

No discurso que ontem fez para justificar o envio de tropas, o Presidente Bush revelou que os iraquianos têm no Kuwait rampas de lançamento de mísseis terra-terra, provavelmente os Scud-B de fabrico soviético, com capacidade para integrar ogivas nucleares. Segundo fontes do Departamento da Defesa norte-americano, o Governo norte-americano teria decidido enviar para o Golfo um número não quantificado de mísseis nucleares de tipo Cruzado para enfrentar o exército iraquiano, considerado ontem por Bush como «o quarto maior do mundo». Estes mísseis podem ser disparados a partir de aviões, barcos ou submarinos e são especialmente concebidos para atacar objectivos muito precisos, dado o seu grau de precisão e a dificuldade de serem rastreados por radares, já que voam junto ao solo.

Armas químicas

Há também grande temor que os iraquianos possam carregar as ogivas dos seus Scud com gases tóxicos, não se conhecendo com exactidão que tipo de armas químicas Bagdad terá desenvolvido nos últimos tempos. Segundo disse ontem o chefe do Estado-Maior norte-americano, general Colin Powell, em conferência de imprensa, os soldados que impem para a Arábia Saudita estão equipados com fardas e máscaras especiais contra eventuais ataques com armas químicas.

Como as temperaturas na região durante o dia podem ultrapassar os 50 graus

centígrados, o uso deste equipamento especial poderá trazer dificuldades no terreno. George Bush sublinhou ontem, numa conferência de Imprensa, que se os iraquianos usarem esse tipo de armamento, estarão a desrespeitar todas as convenções estabelecidas internacionalmente. Os analistas consideram que o aviso de Bush dá a entender que qualquer uso de armas químicas será retaliado ou com o mesmo tipo de armamento ou mesmo com armas nucleares estratégicas.

Colin Powell descreveu a disposição das forças dos EUA na região, com particular destaque para as unidades navais que já estão posicionadas ou em vias de o estar. O grupo liderado pelo porta-aviões «Independence» está à entrada do Golfo Pérsico. O grupo do «Eisenhower» (que ontem atravessou o canal do Suez) está a contornar a Península Arábica para se situar no mesmo ponto. O grupo de «Saratoga» (que há dois dias partiu dos EUA), juntamente com o «Wisconsin», vai a caminho do Mediterrâneo Oriental. Há ainda a esquadra permanente no Golfo, liderada pelo «LaSalle», que vem reforçar a ideia de que a supremacia naval dos EUA é completa.

O anúncio feito ontem pela Grã-Bretanha de que apoiará a «força multinacional» liderada pelos norte-americanos - até agora o único país a fazê-lo - será mais um contributo para esta superioridade nos mares. Isto porque as forças que os britânicos dispõem na região são contituídas também por vasos de guerra.

O falta de países para comporem uma força multinacional poderá trazer problemas inesperados a Washington. Hoje de manhã, um comunicado oficial soviético declarava que a URSS se «opõe ao recurso à força» no quadro de decisões unilaterais, numa clara referência à acção dos EUA. Os soviéticos defendem que seja o Conselho de Segurança da ONU a procurar uma solução para o conflito, posição partilhada por grande número de países ocidentais.

O secretário de Estado dos EUA, James Baker, sondou os Governos dos países da NATO para uma eventual acção militar, disse hoje um porta-voz do Ministério belga dos Negócios Estrangeiros. Estas sondagens visam preparar uma reunião dos ministros da NATO, que amanhã de manhã se reúnem em Bruxelas.

Baker está neste momento



Estão os dois mortos. Eram curdos, o homem e a criança. Foram vítimas, nas ruas de Halabaja, norte do Iraque, das armas químicas que Saddam Hussein mandou utilizar, em Março de 1988

na Turquia (cuja Força Aérea está em estado de alerta), assegurando a Turgut Ozal que os norte-americanos defenderão os turcos em caso de ataque iraquiano, posição que deve ser adoptada oficialmente pela Aliança. A utilização do território turco como base para eventuais acções militares também está em discussão. Os iraquianos estão a concentrar tropas na fronteira entre os dois países.

Mais 50 mil norte-americanos

Os jornais norte-americanos

«New York Times» e «Washington Post», citando responsáveis militares norte-americanos, afirmam hoje que nas próximas semanas serão enviados 50 mil soldados da infantaria dos EUA para o Golfo, apoiados por sofisticado equipamento de guerra, sobretudo blindados. Segundo os mesmos jornais, estão no sul do Iraque e no Kuwait cerca de 200 mil soldados iraquianos, concentrados junto à fronteira saudita. O número de efectivos norte-americanos na região é estimado, neste momento, em

15 mil, espalhados pelas forças terrestres, aéreas e navais. O exército saudita, cuja principal componente é a Força Aérea, tem 65 mil homens.

Quer o discurso de Bush, quer a conferência de Imprensa conjunta de Colin Powell e do secretário da Defesa, Dick Cheney, deixaram claro que, para já, a missão das forças norte-americanas na Arábia Saudita é defensiva e dissuasora de um ataque iraquiano. Cheney chegou mesmo a referir que os EUA estão preparados para ficar «meses» na

região, o que deixa entender que vai ser dada prioridade à aplicação das sanções determinadas pela resolução 661 da ONU, podendo incluir um bloqueio naval ao Iraque.

Esta prioridade justifica-se não só para evitar as pesadas perdas humanas em que certamente implicaria uma guerra entre o primeiro e o quarto exército do mundo, mas também pelo grau de destruição que traria, podendo inutilizar durante anos a vital produção petrolífera da região.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Cimeira Árabe reúne-se hoje

A última chance para a paz

As atenções sobre os próximos desenvolvimentos da crise no Golfo estão a concentrar-se agora na cimeira extraordinária da Liga Árabe que se realiza esta tarde no Cairo. O Rei Hussein da Jordânia qualificou o encontro como «a última hipótese para a paz» no Golfo e para as pretensões dos países árabes de conseguirem uma solução regional para o conflito.

Estarão presentes na cimeira 17 dos 21 membros da Liga Árabe, entre os quais a Organização de Libertação da Palestina (OLP). O líder palestino Yasser Arafat, que ainda esta manhã se encontrava em Bagdad, onde se encontrou com o Presidente Saddam Hussein, poderá avançar uma proposta de entendimento entre o Kuwait e o Iraque. Segundo fontes da OLP citadas pela Agência France Presse, a proposta palestina prevê o reconhecimento por parte de Bagdad do traçado das fronteiras com o Kuwait em troca de uma indemnização financeira e a cessação dos direitos do Kuwait sobre as ilhas Boubiane e Warba. Estas propostas, no entanto, não vêm adiantar nada em relação às exigências que o Iraque fez ao Kuwait e que estiveram na origem da crise no Golfo.

A visita de Yasser Arafat a Bagdad deu-se poucas horas do Presidente Hussein ter anunciado a «fusão total e irreversível» do Kuwait, excluindo qualquer possibilidade das suas tropas retirarem daquele território.

Entretanto, o líder palestino Abu Abbas, ameaçou hoje atacar interesses dos Estados Unidos em todo o mundo como retaliação da intervenção militar norte-americana no Golfo Pérsico. Em comunicado publicado na Imprensa itaquiana, o líder da organização radical Frente de Libertação da Palestina disse que lançará ataques «contra interesses norte-americanos e imperialistas logo que qualquer soldado estrangeiro pise território árabe».

Abu Abbas, procurado por anteriores atentados contra alvos ocidentais e israelitas, apelou para as «forças revolucionárias e progressistas da nação árabe» para que «cumpram o dever nacional de enfrentar os agressores norte-americanos».

Hoje a Câmara dos Deputados jordanos decidiu enviar uma delegação ao encontro do Presidente sírio Hafez Assad para lhe pedir «o seu apoio ao Iraque face a uma eventual agressão estrangeira» segundo afirmaram fontes parlamentares jordanas à AFP.

A iniciativa de Aman vem contrariar as declarações do rei Fahd, da Arábia Saudita, ao fim desta manhã, segundo o qual a presença das tropas norte-americanas tinha sido solicitada por Ryad como medida preventiva contra um eventual ataque iraquiano.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Os dilemas do rei Fahd

Intervenção americana coloca monarca saudita em primeiro plano



O rei Fahd da Arábia Saudita

O rei Fahd da Arábia Saudita, o qual, pela primeira vez na história da monarquia wahabita, aceitou a presença de soldados norte-americanos para fazer face a uma ameaça «imminente» do Iraque, encontra-se agora em primeiro plano depois da invasão do Kuwait por Bagdad, não obstante o seu desejo de sempre procurar uma solução de consenso quando o mundo árabe se confronta com uma crise.

Príncipe herdeiro do reino desde o assassinato do rei Faical em 1975, o rei Fahd era já o homem forte do país quando subiu ao trono em Junho de 1982, após a morte do seu predecessor, o rei Khaled.

O rei Fahd nasceu em Ryade, em 1923, pouco antes da formação da actual Arábia Saudita, confederada pela força do sabre do seu pai, o rei Abdel Aziz, cognominado «O Conquistador».

Ministro da Educação em 1959, tornou-se ministro do Interior três anos tarde, acumulando este posto em 1967 com o de segundo vice-presidente do Conselho de Ministros.

Entre 1959 e 1975, ele presidiu rotativamente aos conselhos superiores do Petróleo, das Universidades

e da Juventude e ao Alto Comité da Peregrinação.

Bloqueado em 1979 em Tunísia, onde assistia a uma cimeira árabe, o então príncipe herdeiro Fahd Ben Abdel Aziz vai gerar, a partir desta cidade, uma das maiores crises de sempre do reino: a tomada da Grande Mesquita de Meca por um comando de 500 homens armados.

No mesmo ano estoura a guerra Irão-Iraque. O futuro rei vai desempenhar um papel determinante na nascente, em Maio de 1981, do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), o qual, em torno do seu país, vai congrega o Kuwait, Emirados Árabes Unidos, Qatar, Barhein e Oman. Mesmo defendendo uma política de equilíbrio entre o Iraque e o Irão, atitude escolhida por dois dos membros do CCG - Emirados Árabes Unidos e Oman -, o conjunto das seis monarquias vai apoiar financeira e politicamente o Iraque na guerra. Ryade assumirá com o Kuwait a parte essencial desta ajuda, estimada em mais de 30 mil milhões de dólares.

Sob o governo do rei Fahd, a Arábia Saudita verá o seu papel de guardião dos lugares sagrados do Islão ser cada vez mais contestado pelo Irão, dirigido desde 1979 pelos

clérigos xiitas.

O rei adoptará em 1986, o título oficial de «servidor das duas mesquitas santas» de Meca - a de Kaaba, o mais santos dos locais na direcção da qual todos os muçulmanos se viram durante as orações, e a de Medina, onde se encontra o mausoléu do profeta Maomé.

Os sangrentos confrontos de Julho de 1987 entre peregrinos iranianos e forças da ordem sauditas (402 mortos, entre os quais 275 iranianos, segundo Ryade), o saque da embaixada saudita em Teerã deterioraram as relações diplomáticas entre o Irão e o reino, os dois pretendendo liderar o mundo muçulmano.

A ruptura será consumada em Março de 1988 depois de uma série de atentados contra instalações petrolíferas na região Leste do país, atribuídas por Ryade ao Irão.

Depois disto, o Irão boicota a peregrinação para protestar contra a decisão tomada pela Organização da Conferência Islâmica, a pedido de Ryade, de diminuir em dois terços (de 150 mil para 45 mil) o contingente anual do Hadj, a grande peregrinação anual muçulmana a Meca.

Para justificar o seu pedido, o rei Fahd invocará um gi-

gantesco projecto para as duas mesquitas, de um montante de várias dezenas de milhares de milhões de dólares, acompanhado pessoalmente pelo monarca.

Outro dossier prioritário do rei Fahd: dotar o reino de um exército moderno, privilegiando a Força Aérea, necessária, segundo ele, para assegurar a protecção de um país de mais de dois milhões de metros quadrados.

Ryade receberá em 1988, da Grã-Bretanha, um comando de 132 aviões, entre os quais 72 Tornados de combate. A transacção, de mais de 25 mil milhões de libras, foi chamada a «aquisição do século».

Na política diplomática, o rei Fahd pratica desde 1982 uma política de prudência e de busca de consensos sobre todos os problemas que agitam o mundo árabe. Isso irá conduzi-lo para mediações regionais como a crise libanesa ou o diferendo entre Síria e Iraque.

Com a força das riquezas petrolíferas do reino e da presença dos lugares mais sagrados do Islão, o rei Fahd ocupa um lugar preponderante no mundo árabe. Ele apoia generosamente a causa palestina e a luta dos mujahedin afegãos. **AFP**

EUA procura envolver o Egipto na força multinacional

Durante a sua recente deslocação ao Cairo, o Secretário de Defesa norte-americano, Richard Cheney, pediu ao Presidente Hosni Mubarak o envio de tropas egípcias para a Arábia Saudita e a utilização temporária pelos «Marines» da base aeronaval de Ras Banias, no Mar Vermelho, para servir de depósito de material e, eventualmente, de trampolim para ações militares contra Bagdad, segundo afirma o jornal «Le Monde» que cita fontes bem informadas.

Estas informações vêm aparentemente reforçar os indícios segundo os quais o Egipto iria integrar a força multinacional respondendo a uma proposta do próprio Presidente norte-americano, George Bush.

O Egipto foi recentemente palco de manobras conjuntas com as forças de intervenção rápida dos Estados Unidos, «Brigt Star», nomeadamente com a 82ª divisão norte-americana, que ontem chegou à Arábia Saudita.

O Exército egípcio dispõe de material e de homens necessários para uma intervenção no caso de um recrudescimento do conflito na região. Os seus homens poderiam ser facilmente transferidos para a Arábia Saudita graças a uma brigada de transportes aéreo, constituída por vários aviões Hercules C-130 americanos, Antonov soviéticos e Búfalo canadianos.

Mas a intervenção das tropas do Cairo na crise do Golfo poderá vir agravar bastante a difícil situação económica em que o país se encontra actualmente, afectando as duas prin-

cipais fontes de receitas do Estado: as remessas dos emigrantes, Canal do Suez e o turismo.

Neste momento, o Egipto tem cerca de um milhão de emigrantes no Iraque e 150 mil em território do Kuwait. É a semelhança do que aconteceu em 1988, Bagdad ameaça uma vez mais repatriar os emigrantes originários do Egipto, havendo já notícias de que vários emigrantes foram vítimas de agressões, por vezes mortais, por parte dos iraquianos.

Esta situação poderá ter importantes repercussões internas, uma vez que para além da injeção natural no seio do Governo do Cairo, milhões de famílias no país estão dependentes do envio das divisas dos emigrantes.

Por outro lado, o embargo do petróleo iraquiano irá implicar uma redução drástica na circulação dos navios no Canal do Suez, sobre controlo egípcio, e que em 1989 permitiu uma entrada de divisas no valor de um milhão e 200 mil dólares.

Finalmente, os meios turísticos do país consideram que a próxima campanha turística do próximo Inverno poderá estar já bastante comprometida devido à situação de instabilidade vivida na região e, calcula-se, que vários milhares de turistas kuwaitianos que se encontravam no Cairo não vão poder pagar as despesas efectuadas durante as suas férias estivais... algumas condições mais do que suficientes para o Cairo apostar numa solução rápida do conflito.

Redacção «DL»/«Le Monde»

A crise do Golfo coloca Aman em posição difícil

A crise no Golfo Pérsico está a ter consequências catastróficas para o actual Governo jordano, tanto a nível político como económico e financeiro. Observadores consideram mesmo que apesar da indefinição que o rei Hussein tem procurado manter na questão do Golfo, sobretudo face aos países do Ocidente, a Jordânia vai ter que tomar, brevemente, uma atitude face às sanções decretadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. A margem de manobra do rei diminui à medida que os acontecimentos vão evoluindo e de todas as crises que a Jordânia já atravessou, esta parece como uma das mais graves de sempre.

De uma maneira geral, a posição do rei Hussein tem sido no sentido de apelar à comunidade internacional para que o conflito seja mantido a nível dos Estados árabes da região. Mas a escolha sem precedentes feita pela Arábia Saudita mostrando-se disposta a aceitar as tropas de Marrocos do Egipto e dos EUA, está a ser já considerada como o «requiem» da solução árabe e, consequentemente, das posições defendidas por Aman.

As explicações oficiais sobre a recusa da Jordânia em condenar o Iraque no conselho ministerial da Liga Árabe, assim como de reconhecer «de momento» o novo Governo kuwaitiano, colocado no Poder por Bagdad, deixaram de ter sentido uma vez que, dadas as posições actuais, não se vê muito bem qual seria a saída diplomática para o conflito.

De facto, a posição da Jordânia parece cada vez mais insustentável. Por outro lado, que poderá fazer o rei Hussein face a um Iraque que lhe compra 25 por cento das suas exportações e simultaneamente lhe fornece 95 por cento das suas necessidades em petróleo?

Para já, Nada indica que Aman venha a aceitar as sanções do Conselho de Segurança das Nações Unidas,

uma atitude que seria interpretada por Bagdad como um «casus belli». Mas por outro lado, a Jordânia, que vive e dos países ocidentais, poderá ver a sua atitude interpretada como um posicionamento pró-iraquiano, arriscando-se a ser integrada nas sanções impostas contra Bagdad. Além disso, nada garante que Israel venha a obrigar Aman a respeitar as sanções, impondo restrições ao acesso do porto marítimo jordano de Akaba, o único local por onde os jordânicos, poderá fazer entrar o petróleo vindo do Iraque.

Que vai ser da ajuda económica concedida à Jordânia pelos países árabes depois da crise do Golfo? A questão é decisiva: o Kuwait prometeu a Aman conceder-lhe um quarto da ajuda total dos países árabes (calculada em 310 milhões de dólares), a Arábia Saudita 100, os Emirados Árabes Unidos 60, Qatar 20 e Omã 5 milhões, para além dos outros 50 milhões prometidos também pelo Iraque.

Outro factor importante com que Aman terá de jogar é a questão dos cerca de 350 mil jordanianos que trabalham nos países do Golfo (90 mil no Iraque), responsáveis pela entrada de 700 milhões de dólares/ano no país.

Mas fundamentalmente, o precedente aberto com a invasão do Kuwait é considerado como um perigo para a Jordânia, um país com fronteiras artificiais e com uma população bastante heterogénea, situado entre três potências com ambições na região: a Síria, o Iraque e Israel. Esta situação leva mesmo alguns observadores jordanos ao ponto de afirmarem que, se Saddam Hussein falhar, a Jordânia deixará de existir.

Redacção «DL»/«Le Monde»

INTERNACIONAL

Israel prepara-se para fazer frente a uma agressão do Iraque

As próximas 48 horas vão ser decisivas para a crise no Golfo

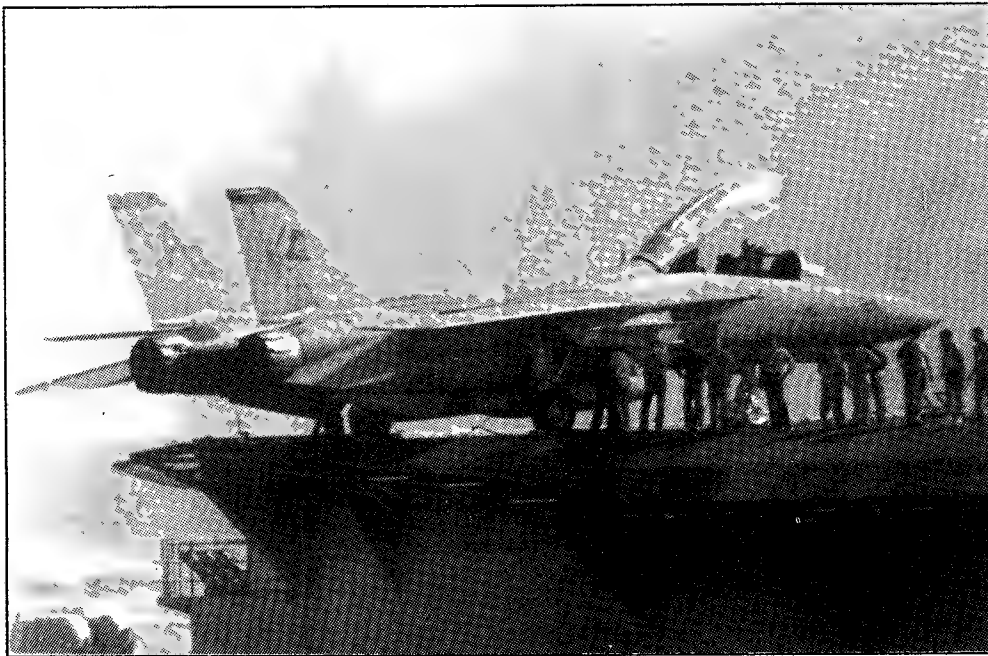
Observadores internacionais estão de acordo que as próximas 48 horas poderão ser decisivas para a evolução da crise no Golfo Pérsico, ao mesmo tempo que consideram a retirada das tropas iraquianas do Kuwait como o cenário menos previsível.

Na opinião de Seth Carus, um especialista da Fundação do Colégio Naval de Guerra em questões do Médio Oriente, Saddam Hussein poderá decidir atacar a Arábia Saudita neste curto espaço de tempo, ou seja, antes da chegada da totalidade das tropas norte-americanas enviadas para a região.

Esta posição está de acordo com a leitura que as autoridades israelitas estão a fazer dos acontecimentos, estando mesmo a preparar a população contra a possibilidade de uma guerra química, um dos factos mais temidos pelas partes envolvidas no conflito.

Vários responsáveis do Governo de Jerusalém, entre os quais o primeiro-ministro, Yitzhak Shamir, e o ministro da Defesa, Moshe Arens, têm sublinhado que só intervirão no conflito caso as movimentações do Iraque ameacem o Estado de Israel.

Esta atitude destina-se claramente a provocar uma certa distância entre uma eventual intervenção dos Estados Unidos contra o Iraque e o posicionamento de Israel na região, alvo da animosidade dos países árabes vizinhos. Jerusalém considera que a sua participação na força multinacional poderia levantar fortes embaraços a Washington, contrariando os esforços diplomáticos da Casa Branca no sentido de conseguir o envolvimento dos países do Golfo contra o Iraque.



A bordo do porta-aviões norte-americano «Dwight Eisenhower», que hoje deve entrar no Golfo Pérsico, os técnicos dão assistência a um dos sofisticados caças a jacto que poderão vir a entrar em acção contra o Iraque

«Washington não nos convidou e nós também não nos fizemos voluntários», afirmou ontem o porta-voz do Governo israelita, Avi Pazner.

Tanto Israel como os Estados Unidos têm sido bastante sensíveis às últimas declarações do Presidente Saddam Hussein, nomeadamente ao tom «primário» do seu discurso destinado à população árabe, procurando assumir-se como um novo líder «pan-árabe».

Neste sentido, quanto menos se falar de Israel - uma das questões capazes de promover o consenso entre as populações e os países árabes - melhor.

A estratégia norte-americana para Israel é, pois, a de deixar Jerusalém entregue a si mesma, numa posição defensiva. O ministro da Defesa israelita, Moshe Ar-

ens, anunciou que a invasão iraquiana do Kuwait em «nada alterava o ponto de vista sobre o equilíbrio geoestratégico» do Médio Oriente e que Israel tinha traçado uma «linha vermelha» ao longo do território jordaniano que, uma vez ultrapassado pelas tropas iraquianas, as forças de Jerusalém ripostarão de imediato. Embora sem definir exactamente o local onde se situa essa «linha vermelha», os estrategas militares têm feito notar que devido à proximidade de Israel com os países árabes vizinhos, nomeadamente com a Jordânia, a defesa israelita necessita de um espaço geográfico mínimo capaz de lhe dar a margem de manobra para ripostar a uma eventual ataque inimigo. Esta questão, aliás, tem sido várias vezes invocada como uma das

pedras de toque na resolução da questão palestiniana, cujos territórios são considerados «indispensáveis» para garantir a Defesa de Israel.

A questão palestiniana é também outra das preocupações do momento das autoridades em Jerusalém. Tem-se que a OLP, cujo líder, Yasser Arafat, esteve ontem em Bagdad, aproveite a crise no Golfo para desencadear operações em território de Israel e aumentar a agitação nos territórios palestinianos ocupados, obrigando o exército israelita a dividir-se em duas frentes de combate. Esta preocupação surge numa altura em que o ministro de Defesa ameaça expulsar dos territórios todos os líderes da «intifada».

Redacção «DL»

COMENTÁRIO

A falsa surpresa

Da cimeira de países árabes que hoje se reúne, de emergência, no Cairo, vão certamente sair várias informações e conclusões mas, no fundo, só uma interessará verdadeiramente e essa responderá, talvez, à pergunta: vão

os árabes, por um ou outro modo e obedecendo a uma reacção de nacionalismo exacerbado, ser cúmplices da agressão iraquiana ou darão indícios de, finalmente, tentarem adoptar uma certa maturidade política, reformando os seus regimes políticos obsoletos e adoptando sistemas de consulta mútua entre eles, que sejam capazes de evitar a humilhação que de novo sofrem com o envio de uma Task Force norte-americana para a Arábia Saudita?

É precisamente este aspecto de humilhação que está a gerar, com mais ou menos reservas, um clima de simpatia para com o antipático ditador Saddam Hussein. As posições assumidas pela Organização de Libertação da Palestina e pela Síria são, neste aspecto, paradigmáticas: não apoiaram entusiasticamente a invasão militar do Kuwait mas «compreenderam a posição do Iraque».

Os noticiários desta manhã da Cable News Network, CNN, chamaram a atenção para Israel, dando a entender que Washington está a tentar «ignorar» a existência israelita para evitar mais fósforos acesos deitados para cima de mais pólvora. De qualquer modo a pólvora está lá.

Telavive já há anos que deixou muito claro, e ainda há dias o reafirmou pela boca do seu chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, que as fronteiras estratégico-militares de Israel estão na Jordânia. E acrescentou que qualquer avanço de forças iraquianas no interior do território jordaniano seria considerado pelo Governo israelita como um «casus belli».

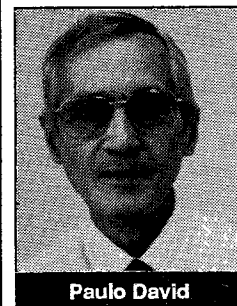
A comparação de Saddam Hussein com Adolfo Hitler já começa a estar gasta. Mas continua tentadora. Tal como nos finais da década de 30, o mundo ficou suspenso das perturbações audaciosas que o ditador nazi introduziu na Europa, assim agora o mundo tem todos os ouvidos levantados para a boca de Saddam Hussein. É dele a iniciativa. Os outros reagem.

Os EUA já foram obrigados a mandar outra vez tropas para o estrangeiro, gostinho que ainda não perderam mas tem também inconvenientes que eles próprios já frequentemente sentiram. As bolsas mundiais ficaram com a febre da agitação em resultado da subida dos preços do petróleo. Outros produtores do «ouro negro», como a Venezuela, por exemplo, esfregam as mãos por grande contentamento. Caracas já anunciou que vai aumentar a sua produção de modo a «compensar as carências que se poderão verificar no mercado mundial de abastecimento de petróleo». A URSS, apanhada entre vários fogos internos e externos, toma posições de gato

andando por sobre brasas muito quentes: suspendeu o fornecimento de armas ao Iraque mas não condenou virulentamente a destruição do emirato do Kuwait «manu militar». Moscovo não deseja hostilizar os árabes em geral e o general Saddam Hussein, tendo ganho esta guerra, é hoje herói. E, voltando aos Estados Unidos. Pela primeira vez num conflito regional, a Task Force mandada para a Arábia Saudita dispõe de mísseis nucleares, aptos a atacar objectivos e limitados. Nem no Vietname isso aconteceu. Só quando foi da guerra das Coreias Mac Arthur quis usar a bomba atómica contra os norte-americanos mas isso valeu-lhe a sua demissão de comandante-chefe das forças norte-americanas destacadas na Coreia do Sul. Também é certo que esse mísseis podem destinar-se a responder, se necessário, ao uso de armas químicas pelo Iraque.

Quando Bush fez, ontem, a sua comunicação sobre o envio de tropas para a Arábia Saudita, disse que os EUA tinham sido enganados por Saddam Hussein e apanhados de surpresa quanto à invasão do Kuwait. Não foi Washington a única grande capital a dizer-se surpreendida.

Só que não é de acreditar nessa «surpresa». Com os céus carregados de satélites espies, não é possível manter em segredo uma tão importante deslocação de forças militares terrestres como a que o Iraque fez quando preparou a invasão do Kuwait.



Paulo David

B R E V E S

RDA rejeita unificação imediata

O Parlamento da RDA rejeitou na noite de ontem o tratado inter-alemão que fixava as modalidades da realização das primeiras eleições gerais da Alemanha unificada. Na votação do texto, elaborado pelos partidos das coligações governamentais de Bona e Berlim Leste, faltaram nove votos para alcançar os dois terços que teriam permitido a modificação da Constituição.

Saqueada embaixada em Monróvia

Segundo uma organização médica belga, rebeldes liberianos saquearam a embaixada nigeriana em Monróvia, onde centenas de pessoas se tinham refugiado da guerra civil que opõe as forças fiéis ao Presidente Doe às tropas rebeldes de Charles Taylor. A informação foi obtida através de um contacto via rádio por um responsável das comunicações da organização «Médicos Sem Fronteiras» que, apesar de admitir a possibilidade de se ter registado «algum acidente», não soube dizer ao certo o que se passou ou se houve fuzilamentos. Ainda segundo as informações recolhidas por aquele responsável, a embaixada da RFA em Monróvia também foi palco de violentos combates e está agora controlada pelas forças rebeldes de Taylor. Em Bona, porém, o porta-voz do Ministério dos Negócios

Estrangeiros desmentiu essa informação dizendo não se ter registado qualquer ataque àquela embaixada. A Organização de Agricultura e Alimentação (FAO), por outro lado, apelou para a crescente necessidade de fornecer mais alimentos e assistência médica para a Libéria.

Governo paquistanês pode adiar eleições

Segundo um jornal de Islamabad, o Governo de transição paquistanês, empossado pelo Presidente Khan depois da exoneração do gabinete presidido pela primeira-ministro Benazir Bhutto, encara a hipótese de adiar as eleições previstas para 24 de Outubro, para permitir uma investigação mais aprofundada sobre a gestão do governo de Benazir Bhutto. Segundo o mesmo jornal, que cita fontes próximas do actual Governo, «as novas autoridades pensam não poder organizar as eleições de 24 de Outubro e ao mesmo tempo levar a cabo todos os procedimentos judiciais» que irão obrigar Benazir Bhutto a «prestar contas» da sua gestão. Por seu lado, Benazir Bhutto e a maior parte dos quadros pertencentes ao Partido do Povo Paquistanês (PPP) continuam a afirmar desde segunda-feira, dia da dissolução da Assembleia Nacional, que a manobra do Presidente foi um golpe inspirado pelos militares e que está destinado a abortar com os resultados das próximas eleições, mesmo se o PPP vier a ser excluído da corrida.

Auxiliares sanitários concluem greve

Os cerca de 400 técnicos auxiliares sanitários concluíram ontem quatro dias de greves parciais com adesão de 90 por cento para reclamarem a publicação de novas carreiras, afirmou uma fonte sindical.

A greve, concretizada em períodos de três horas e meia diárias, realizou-se no dia 1 de Agosto e de segunda a quarta-feira passadas.

Vitor Duarte, da Comissão Executiva da Federação Sindical da Função Pública (CGTP), disse que a greve visa exigir a publicação do texto sobre revisão de carreiras e aplicação do novo sistema retributivo, acordado em Março, entre sindicatos e o Governo.

A secretaria de Estado do Orçamento devolveu há um mês o projecto de diploma ao Ministério da Saúde, pondo em causa as novas carreiras dos técnicos auxiliares sanitários, observou o dirigente sindical.

O dirigente sindical adiantou que as greves dos técnicos sanitários poderão pôr em causa a atribuição de bandeiras azuis da CEE a praias portuguesas, devido à falta de recolha de amostras de água do mar em dias para tal estipulados.

Sado Internacional sob acusação

O Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Distrito de Setúbal vai apresentar o caso do encerramento da empresa Sado Internacional à Alta Autoridade contra a Corrupção, anunciou o dirigente sindical Fernando Deodato.

A empresa, encerrada durante nove meses, reabriu em Março sob a responsabilidade do empresário francês Jean Paul Gerber, tendo encerrado definitivamente no início de Julho. Fernando Deodato afirmou que aquele empresário «de repente deslocou-se a França. Ele diz que não abandonou a fábrica; no entanto, os 267 trabalhadores continuam sem receber e não acreditam que a empresa reabra».

Entretanto, o secretário distrital do PS emitiu um comunicado sobre a questão, onde se diz que «o francês Gerber recebeu duzentos mil contos dos bancos para colocar a empresa a funcionar e quando se aproximou o pagamento da primeira prestação do financiamento, afirmou desconhecer as dívidas da empresa».

B R E V E S

Cidadãos devem solicitar medição de ruídos

A Secretaria de Estado do Ambiente e Defesa do Consumidor esclareceu que, face à lei em vigor, «ninguém deve estar sujeito a um ruído permanente superior a 10 decibéis relativamente ao ruído de fundo», entendendo-se este como «o conjunto de sons naturais, exceptuando-se a fonte perturbadora». Para termos de comparação, saiba-se que a passagem duma motorizada em aceleração máxima provoca normalmente um som de 80 decibéis, entre 8 e 10 metros de distância. Aquele departamento governamental recorda que as medições podem ser feitas no exterior das habitações «a pedido de qualquer interessado» e «são de competência das câmaras municipais, PSP ou GNR, governos civis ou Direcção Regional do Ambiente e Recursos Naturais».

Jovens acorrem aos Açores para festival de música

Centenas de jovens começaram a chegar à Ilha de Santa Maria, Açores, para assistir, a partir do dia 16, ao festival de música Maré de Agosto. Um pouco à semelhança dos jovens dos anos 60, vão chegando de barco ou de avião, com tendas e mochilas às costas. O festival reunirá artistas do fado ao jazz, rock e folclore açoriano. Este ano, o cartaz integra nomes como Carlos do Carmo, Sérgio Godinho, Trovante e Sétima Legião, além de agrupamentos estrangeiros. A Maré dura três dias, envolvendo um conjunto vasto de iniciativas culturais e recreativas. Pretende ser um ponto de encontro de gerações e de classes.

Criança andou perdida durante três dias

Um miúdo de quatro anos que esteve perdido durante três dias, no concelho de Peso da Régua, recolheu já a casa, depois de ter estado internado no hospital local, onde ficou em recuperação. A criança, Bruno Manuel Ferreira, perdeu-se da mãe quando a seguia, juntamente com quatro irmãos menores, em direcção a casa. Andou sozinha oito quilómetros, acabando por ser encontrada por uma mulher, num monte, desidratado e enfraquecido, todo picado das silvas e nu. A família, a GNR, os bombeiros e o povo da aldeia palmilharam, em vão, muitos hectares, nesses três dias, para o encontrar.

Numa mensagem, o Papa João Paulo II lança um repto aos lentes

Coimbra celebra centenário da Universidade de Lisboa

Com pompa e circunstância, a Universidade de Coimbra está a celebrar o sétimo centenário da fundação da... Universidade de Lisboa. E, além do mais, com um certo atraso. Tanto quanto se julga saber, a primeira Universidade portuguesa data de 1288. O rei Dinis não teria feito mais que ratificar a existência de uma entidade que já existia... em Lisboa.

D. Dinis sabia o que queria: «Desejando Nós enriquecer os nossos Reinos com o tesouro precioso da Ciência (...) tomamos a iniciativa de estabelecer o Estudo Geral que não só promovemos com cópia de doutores em todas as Artes, mas ainda ruboramos com numerosos privilégios». Quatro meses mais tarde, o papa Nicolau IV dispunha: «Confirmamos tudo o que nesta matéria está feito, e que muito nos compraz», mas dirigia-se aos «amados filhos e Universidade dos Mestres e Estudantes de Lisboa». Seriam necessários 18 anos para que a Universidade fosse transferida para Coimbra, regressando a Coimbra em 1354, voltando a Lisboa em 1377, até encontrar poiso definitivo nas margens do Mondego em 1537, sob o reinado de João III.

Setecentos anos volvidos, o actual papa, João Paulo II enviou uma mensagem ao reitor da Universidade de Coimbra, assinalando a efeméride da publicação da bula *De Statu Regni Portugaliae*, expedida em 9 de Agosto de 1290, de Orvieto, onde o pontífice se encontrava então. João Paulo II recebeu em Coimbra, a 15 de Maio de 1982, o grau de doutor *honoris causa* por todas

as Faculdades, a primeira vez que tal distinção foi concedida. Na sua mensagem, directamente dirigida ao reitor da Universidade de Coimbra, Rui Alarcão, o Papa lança um repto aos lentes de Coimbra, ao escrever: «A comemoração do sétimo centenário da fundação da Alma Mater Conimbrigensis é um virar de página que, nesta época em que o Mundo assiste a tantas e tão profundas transformações de ordem política, cultural e científica, há-de sig-

nificar um desejo sincero de colocar a ciência e suas incessantes conquistas ao serviço da pessoa e da sociedade humanas, e sob a luz da Fé cristalizada no pensamento cristão e no Magistério da Igreja».

Anteriormente, depois de ter feito um rápido esboço da história da Universidade, João Paulo II lembrara que, ao longo de sete séculos, a Universidade de Coimbra «vem prestando relevantes serviços à Nação com a promoção dos genuínos valores espirituais, culturais e científicos, com reflexos evidentes, tanto no País, como noutros territórios e continentes, em especial no Brasil e nas terras de África e do Oriente».

A celebração da bula de Nicolau IV encerra a primeira fase das comemorações do VII Centenário da Universidade de Coimbra, iniciada em Março deste ano, com uma sessão solene e seguida por várias manifestações culturais.

Encontram-se, neste momento, patentes ao público no Arquivo da Universidade de Coimbra duas exposições: uma sobre a história da instituição e outras sobre a Universidade na medalhística.



O Papa Nicolau IV, que, há setecentos anos, assinou a Bula de criação da Universidade de Coimbra a pedido de D. Dinis

ANA suspendeu negociações

Técnicos de telecomunicações admitem prolongar paralisação

O Sindicato dos Técnicos de Segurança Aérea (Sitecsa) admite a hipótese de prolongar a paralisação que os técnicos de telecomunicações aeronáuticas cumprem para além dos 15 dias inicialmente previstos, caso a ANA «continue a pressionar os trabalhadores de forma a influenciar o percurso das negociações», afirmou ao DL o dirigente Jorge Miguel.

As negociações que decorriam entre o sindicato e a ANA (Aerportos e Navegação Aérea) foram novamente suspensas pela empresa que, segundo o sindicato, «alegou não ter condições para prosseguir os trabalhos». Não foi marcado novo encontro.

Segundo Jorge Miguel, «as posições estavam quase coincidentes, mas quando o Sindicato pediu à empresa que concretizasse por escrito o compromisso assumido verbalmente, o que apareceu sobre a mesa foi uma proposta com a mesma redacção da que tinha sido apresentada no início das negociações, na tarde de segunda-feira, e que não contemplava o que posteriormente foi acordado».

«A proposta final de protocolo apresentada pelo Sitecsa representa, pela sua parte, o culminar de todo um percurso negocial pautado sempre pela vontade de conseguirmos acordo com a empresa», refere o sindicato em comunicado.

Depois de ser conseguida uma «coincidência numérica» no

que respeita ao aumento na tabela salarial - percentagem que o Sindicato não quis revelar para «não prejudicar as negociações» - a empresa não assumiu por escrito as exigências sindicais.

A ANA alega que a extinção do actual regime de horários em turnos é devido à «sofisticação dos aparelhos», segundo afirmou à agência Lusa José Blaufuks. O porta-voz da empresa acrescentou que «esta alteração não prejudicaria os salários».

A situação na empresa é tensa: a direcção tentou substituir os técnicos em greve por «elementos que não têm funções de operacionalidade, pois são chefias» e «ameaçou com a intervenção das forças da ordem no Centro de Controlo do Tráfego Aéreo do Aeroporto de Lisboa», denunciou Jorge Miguel.

Por outro lado, segundo o sindicalista, a empresa «nega-se a prestar oficialmente informação sobre o estado dos equipamentos, o que nos impede de, a par e passo, termos um controlo que nos permita responder de imediato às avarias que se verificarem nos equipamentos que incluímos nos serviços mínimos». Recorde-se que foi sob este pretexto - o não cumprimento dos serviços mínimos - que a empresa solicitou ao Governo a requisição civil dos técnicos de telecomunicações aeronáuticas.

QUOTIDIANO

«Ignorar os sobredotados é uma tragédia social»

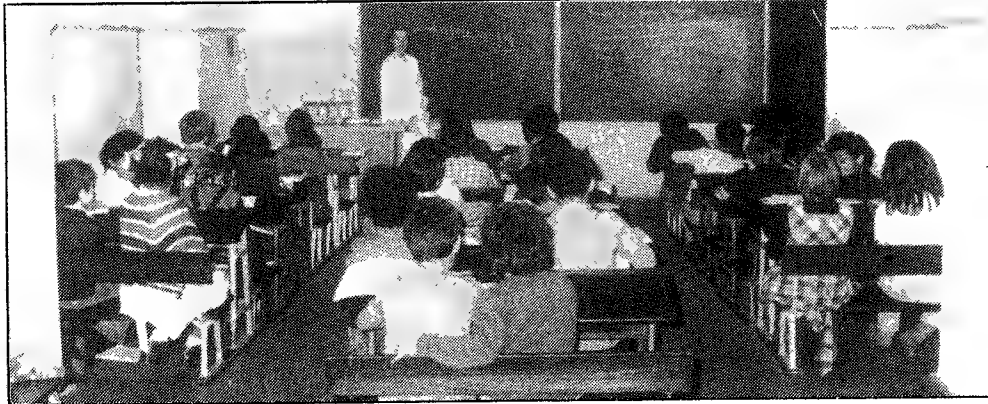
O nome pouco importa nesta história de um miúdo, filho de boa e culta família, que 14 anos feitos se tornou líder de uma quadrilha num bairro degradado, ao ser incapaz de integrar o meio onde cresceu. Chegado ao Tribunal de Menores, devido a actividades pouco lícitas, espantou as autoridades. Tinha um fabuloso poder de argumentação, capaz de desarmar o mais hábil dos juizes. Afinal, contrariar a sociedade era o modo de revelar a sua superioridade intelectual. Este caso, narrado ontem no Centro de Estudo Judiciários, foi apenas um dos muitos exemplos de crianças sobredotadas que caem nas malhas da marginalidade por falta de apoio e compreensão.

«O não atendimento aos sobredotados é uma tragédia social», afirmou Manuela Esteves da Silva, presidente da direcção do Centro Português para a Criatividade e Liderança (CPCL), instituição promotora do seminário internacional «A importância do Atendimento aos Sobredotados», a decorrer até sexta-feira, no CEJ.

Perante uma assistência de psicólogos, sociólogos, professores e especialistas estrangeiros, aquela responsável lembrou que Portugal continua a desperdiçar um vasto potencial de recursos humanos, ao empurrar as suas crianças mais dotadas para o abandono ou insucesso escolar.

Mas afinal o que é um sobredotado? Por que motivo sociedade não o compreende e este, por sua vez, que razão tem para rejeitar a «mediana massificadora» vigente? A ideia do «génio», de Coeficiente de Inteligência (QI) acima dos 140, do intelectual concentrado, já não faz sentido para os especialistas. «Os sobredotados são uma realidade, andam por aí nas nossas escolas. São apenas crianças, iguais às outras na sua condição de crianças, que têm potencialidades acima da média e as canalizam para uma determinada área», afirmou Elídio Falcão, professor de sociologia em Coimbra.

Os pais, a escola, os professores e a comunidade são as peças essenciais para desenvolver ou atrofiar as qualidades especiais inatas. Mas estes jovens acabam por ser vítimas do seu próprio potencial numa sociedade que mede todos os seus membros pela mesma bitola, limando as diferenças inerentes a cada



Nas nossas escolas não há respostas para as crianças que têm capacidade de liderança e de criação. O insucesso escolar é fruto, muitas vezes, disto mesmo

ser humano.

Para Manuela Esteves da Silva, «o nosso ensino está virado para a área intelectual. Se o aluno for sobredotado para outras coisas - por exemplo para o desporto ou para as artes - acaba por reprovar. Nas nossas escolas também não há respostas para as crianças que têm capacidade de liderança, de criação. A «educação especial» tem que abarcar esta realidade». A formação de professores nesta área é outra das lacunas do sistema de ensino português. Ninguém defende «escolas elitistas». Os que se batem pelas crianças sobredotadas apelam à criação de equipas docentes, especialmente preparadas para um acompanhamento extra-curricular, à semelhança do praticado com os deficientes.

A directora do CPCL criticou, neste sentido, a canalização de verbas da Comunidade Europeia que, disse, «têm vindo para cursos de relevância discutível, enquanto para a formação docente continua à míngua».

Serão, talvez, os professores a arrastarem o Ministério da Educação para dar uma resposta ao problema. Os apelos têm sido muitos e o silêncio das instâncias públicas ainda maior. «Defendemos uma educação individualizada. E este é um projecto social», acrescentou Manuela Esteves da Silva. As salas de aula a abarrotar são uma barreira concreta à personalização do ensino e ao desenvolvimento de actividades culturais e lúdicas.

Joan Freeman, presidente do Conselho europeu para a Sobredotação e docente do In-

stituto de Educação em Londres, veio até ao CEJ falar dos seus 32 anos de trabalho com jovens e defender a importância dos jogos no desenvolvimento da aprendizagem. As experiências de ensino especial em escolas holandesas foram, por seu turno, dadas a conhecer por Pieter Span, professor na Universidade de Utreque.

Manuela Esteves da Silva terminaria os trabalhos do primeiro dia do seminário com uma alerta: «Se deixarmos escapar os nossos recursos humanos - e eu acredito que temos muitos milhares de crianças sobredotadas espalhadas pelo País - e se os professores não estiverem em condições de as identificar e enriquecer, a nossa cultura não estará capacitada para competir com as outras.»

Paula Sá

Miúdos a falar como gente grande

Miúdos sobredotados vêm amanhã ao seminário falar como gente grande dos seus problemas. São as crianças que integram o programa especial de ensino ministrado pelos responsáveis do CPCL no Colégio Pio XII. Esta é uma forma prática de demonstrar como os mais novos devem ser chamados a participar nas iniciativas da comunidade.

O Centro Português para a Criatividade e Liderança promove «programas de enriquecimento» a dois grupos de 20 crianças, entre os 6 e os 16 anos, aos sábados de manhã. Não existem as tradicionais subdivisões por faixas etárias. «Trabalhamos com capacidades e não com idades», afirmou Manuela Esteves da Silva, frisando que duas crianças com a mesma idade podem apenas ter de comum o ano de nascimento, enquanto no referente ao desenvolvimento intelectual podem estar a «anos luz» um do outro.

A directora do centro disse serem muitos os pais que procuram apoio na educação dos seus filhos, crianças normalmente insatisfeitas com os conhecimentos ministrados nas nossas escolas. «Não respondemos a mais crianças por falta de apoio oficial e de estruturas», acrescentou.

Os professores também não foram esquecidos. O CPCL levou a cabo três cursos de formação em Alcobaça, Vila Franca e Alverca, cujos resultados foram considerados por Manuela Esteves da Silva como «muito positivos». Esta responsável afirmou ainda «estar o centro disposto a encetar outros cursos de formação para animadores educativos e a estabelecer colaboração com instituições em prol da educação de crianças desfavorecidas. Mas para isso precisamos dos apoios que nos têm estado vedados», concluiu.

P.S.

Derrocadas de prédios avivam problema

Vereador preconiza medidas contra infracções de senhorios

A recente derrocada de dois prédios em Lisboa foi considerada, pelo vereador Vasco Franco, uma prova da necessidade de adopção de medidas legislativas para proteger os inquilinos, salvaguardar o parque habitacional e conter a especulação. Com efeito, o responsável pelo pelouro da Habitação e Segurança da Câmara Municipal de Lisboa recordou, em comunicado, a legislação que a edilidade sugeriu ao Governo, em Maio passado, aplicável aos casos dos prédios da Rua Morais Soares e da Travessa Miguel Verdial (Benfica).

Na referida ocasião, a Câmara propôs o aumento do montante das coimas a aplicar por falta de obras intimadas. Note-se que, actualmente, os senhorios que se recusam a fazer obras podem limitar-se ao pagamento de uma coima de 500 escudos.

Propôs também ao Governo

a concessão de garantia de indemnização dos inquilinos através de uma percentagem do valor dos terrenos em que se situe o imóvel cuja ruína provoque desalojamento de famílias titulares de contratos de arrendamento válidos.

A derrocada das trazeiras do edifício da Rua Morais Soares, número 49, ocorrida sábado, «ilustra bem a importância das medidas preconizadas pela Câmara», sublinha o comunicado.

O senhorio recebia anualmente cerca de 1.300 contos de arrendamento do edifício e poderia ter recorrido a financiamento, a fundo perdido, para recuperar o prédio, o que não fez, nem após a intimação camarária de Agosto de 1988.

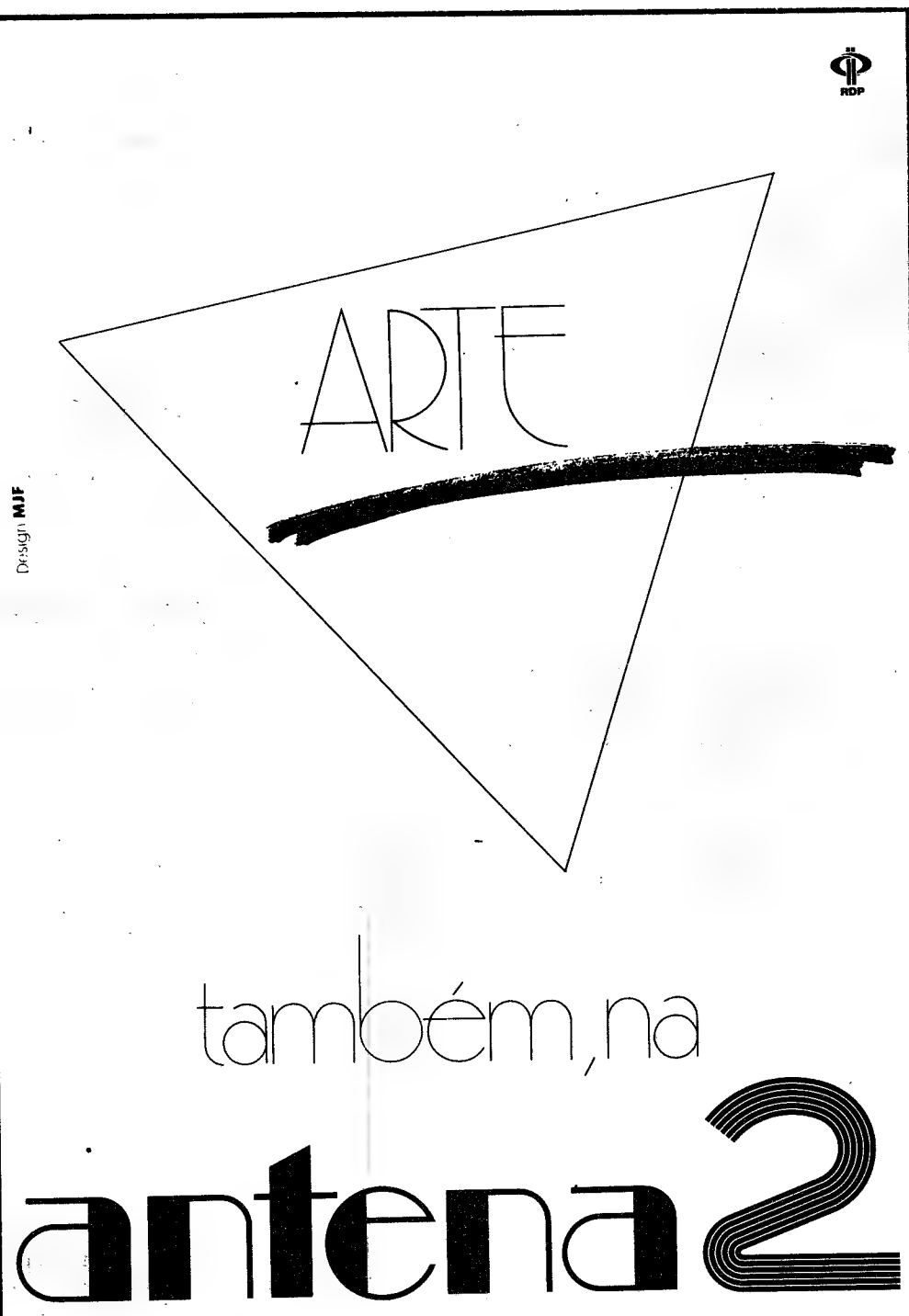
A vistoria realizada pelos serviços camarários depois da derrocada concluiu que o prédio é irreparável, «o que coloca nove famílias numa situação dramática e permi-

tirá ao proprietário obter um elevado lucro, como prémio pela falta de respeito pelas obrigações contratuais a que estava vinculado e que cessam com a ruína», salienta Vasco Franco.

A ocorrência de fenómenos desta natureza em pleno Verão «é sintomática quanto à situação a que chegou o parque edificado na cidade», afirma o vereador lisboeta. Com efeito, as derrocadas «costumam ocorrer com alguma frequência nos meses de Inverno como consequência das chuvas e das infiltrações provocadas nos edifícios», acrescenta.

A Câmara de Lisboa alega que, apesar de ter previsto um investimento superior a dois milhões de contos para recuperação de edifícios de habitação, «a situação encontra-se longe de se poder considerar controlada», o que reforça a «necessidade de apoio governamental».

Design: MJF



A situação permanece preocupante. É um recomeçar permanente. Bombeiros e civis não sabem para onde se virar. A sua atitude é atenta e o seu sentimento de impotência

Estrela: uma serra em chamas

No fim da manhã de hoje, cerca de 22 corporações de bombeiros faziam o rescaldo do violento incêndio ocorrido no distrito da Guarda, mais concretamente no concelho de Seia.

Às 22 horas de ontem, a população de Sandemil, uma das povoações ameaçadas pelas chamas, combatia com enchadas o fogo que se propagava rapidamente pela mata, num ritmo que impedia fazer-se uma estimativa da área queimada. Por um lado, o comandante dos Bombeiros Voluntários de S. Romão, Manuel Rodrigues, alvitava centenas de hectares, por outro, os civis diziam que a frente maior «já atingia os 50 quilómetros».

«O fogo começou na terça-feira, foi extinto e reacendeu com várias frentes e tomando proporções incontornáveis. Começou a deslocar-se em direcção a Oliveira do Hospital e, simultaneamente, deflagrava em Sandemil e Corgas», disse ao DL José Fernandes, um dos civis que andava de enchada em punho a «defender o que não era seu».

«Eu não tenho aqui nada, mas custa-me ver este pinhal a arder. Não durmo há 48 horas, estou aqui com fome e sede, mas não arredo pé, deixando os outros homens que estão comigo. Os bombeiros estão a fazer alguma coisa, mas podiam ter feito mais. Nós estávamos a ver as chamas a galgarem por aí acima e eles ficavam com os carros junto às estradas. Assim não! Eles tinham de vir cá abaixo, porque é aqui que o fogo tem de ser combatido! Mas

dizem que têm de cumprir ordens e entretanto vão ficando lá por cima e alguns até vão para os copos», protestava José Fernandes, enquanto se dirigia para o local do sinistro.

«Esteve cá também o Regi-

mento de Infantaria de Viséu, mas não fizeram nada. Foram lá para um monte cantar a 'Oliveirinha da serra'...»

Na encosta em direcção à pequena vila de Sazes, os pinheiros eram devorados

pelas chamas. Bombeiros e civis não conseguiam lá chegar. A população tentava combater o pânico e a inquietação interior, ajudando no que fosse possível. Mas o desespero era inevitável: «Isto é inglório!

Apaga-se de um lado e acende-se do outro. Já não sabemos para onde havemos de ir. O melhor é deixar arder, já que ardeu tudo até aqui. Se é fogo posto? Eu não ouvi nem vi nada. Um facto é que não está uma temperatura assim tão alta e um vento tão forte que leve à reactivação de zonas já controladas», dizia-nos um residente de Sazes.

O comandante Manuel Rodrigues, por sua vez, mostrava-se confiante e dizia «ter tudo sob controlo. O pessoal agora vai revesar-se, para proceder depois à operação de rescaldo e ficar atento a possíveis reacendimentos».

A zona de Oliveira do Hospital, para onde se deslocava uma das frentes do mesmo incêndio, contava com onze corporações de bombeiros, entre as quais as do Alentejo, enquanto em Corgas encontravam-se Bombeiros Voluntários de S. Romão, Folgoso, Alagares, Seia, Loriga, Melo, Covilhã, Fundão, entre outros.

Chamas atingiram 50 metros de altura

Numa extensão de cinco quilómetros, antes de se chegar a Sandemil, toda a encosta ficou reduzida a cinzas. Tinham passado 24 horas sobre o incêndio daquelas zonas, mas o fumo ainda emergia do pinhal e das vinhas queimadas. Eram vestígios de uma tragédia que a população fazia por esquecer.

«Olhe, na terça-feira à noite isto metia medo. Era fogo contra fogo. As chamas batiam umas nas outras e

faziam uma espiral que ultrapassava os 50 metros de altura, acima dos pinheiros. Parecia daqueles relâmpagos fortes», disse um residente de Corgas.

Um bombeiro voluntário de Seia referiu ao DL que «na terça-feira foi um pandemónio. Já viu como ficou aquela encosta? Não havia mãos a medir. E isto aqui vai pelo mesmo caminho. A continuar assim, um dia destes não há pessoal nem carros».

Mais de duas centenas de bombeiros voluntários davam o seu melhor no combate às chamas. Exaustos, permanecem noite e dia a tentar combater uma situação, perante a qual só se tem um angustiado sentimento: o de impotência.

Gisela Oliveira



Segundo um elemento da Protecção Florestal, «existem indícios de fogo posto», em Pombelos da Beira



O fogo pôs a cinzento o que Portugal tinha de mais verde



Em Corgas, freguesia de Sandemil, bombeiros e civis estavam exaustos e com um sentimento de impotência perante a situação

Impotência

Ano a ano, todos os anos, as florestas portuguesas ardem perante a impotência das populações e das autoridades centrais e autárquicas. A desgraça atinge ciclicamente as matas e o nosso comportamento é invariavelmente o mesmo: resignação perante este «fatalismo», apesar da convicção de que na maioria dos casos são mãos criminosas que ateiam o fogo.

A verdade é que, repetindo-se esta situação todos os anos, sempre se verifica que as medidas tomadas para o Verão seguinte foram insuficientes: as matas continuam por limpar, mesmo (ou sobretudo?) as que estão sob a alçada do Estado; há locais onde os bombeiros não conseguem encontrar acessos rápidos e, por estranho que pareça, também as tomadas de água são muitas vezes de acesso difícil. A vigilância nas matas tem estado a aumentar mas os factos provam que é ainda insuficiente.

Que fazer então? Bastará uma boa propaganda televisiva recomendando mil e um cuidados com a advertência (sustentada numa boa frase publicitária) de que «as árvores não podem fugir»? Obviamente não. A vigilância terá de aumentar (poderão os militares dar um contributo que é incomparavelmente mais útil, porque preventivo, do que serem chamados quando as chamas vão altas?) e as penalizações legais terão de ser agravadas, pois está visto que o actual quadro legislativo não é suficientemente dissuasor para quem não cuida das florestas ou para os que, movidos por interesses que se conhecem, levam as chamas à floresta.

Claro que, como o Governo promete, há que meter braços à floresta. Antes, porém, convém prevenir contra este ciclo infernal que aceitamos com impotência e que, inextinguivelmente, nos traz inundações no Inverno e fogos no Verão.

José Leite Pereira



Bombeiros de Arganil não conseguem fazer frente ao fogo que deflagrava intensamente

Bombas criminosas

Fogos provocados e reacesos artificialmente

O incêndio que recomeçou ontem, cerca das 16 horas em Pombelos da Beira, pequena povoação a poucos quilómetros de Arganil, foi extinto por volta das 4 horas da madrugada de hoje.

Aparentemente não havia razão para o sucedido, uma vez que aquela zona, repleta de pinheiros e eucaliptos, é banhada pela barragem do rio Alva. Porém, a região de Pombelos estava assolada pelas chamas e o fogo distinguia-se em duas frentes.

No local, de difícil acesso, encontrava-se um carro-tanque dos Bombeiros Voluntários de Arganil e um bombeiro voluntário. «Estou aqui em baixo, mas não estou em perigo», dizia através do intercomunicador para os restantes bombeiros que se tinham deslocado até à encosta, numa tentativa de controlar a situação.

Tarde demais. Aquele pequeno carro, com meia dúzia de voluntários não era suficiente.

«Mais vale virem para baixo e tentarem aquela frente, enquanto está pequena», aconselhava o bombeiro João.

«Ouviram a bomba?», perguntou-nos.

«Bomba?! Não.», respondemos.

«Pois é, mas eu ouvi e bem. Foi mesmo ali em baixo, junto ao rio. Só gostava de saber quem foi o criminoso», a prova estava lá: fogo posto através de duas bombas. A segunda foi confirmada por José Guerreiro, da Protecção Florestal.

«Eu estava junto à casa de uns holandeses, quando ouvi a bomba rebentar aqui em cima. Foi um estrondo descomunal. Depois vi as lavaredas passarem por cima da casa e de repente fiquei cercado. Os estrangeiros fugiram, entretanto. Mesmo assim conseguimos salvar a casa e sair de lá».

A ajudar os bombeiros de Arganil estavam os meios aéreos do Parque da Lousã. «Eles

deitam um produto, que parece fumo, e que permite a não propagação do incêndio, mas não o apaga. Se nós não estivermos aqui, isto continua a arder», explicou um dos bombeiros.

A situação piorava. Na parte de cima, a frente principal avistava-se já do outro lado da encosta que dava para a pequena povoação de Roda. No lado de baixo, as pequenas chamas transformaram-se, num ápice, numa segunda frente tão incontrolável quanto a outra. «Agora é que não saímos daqui antes da meia-noite», dizia um dos bombeiros.

A área ardida era incalculável. Falava-se em dez hectares, mas podiam ser mais. «Isto foi fogo posto, de certeza. Já tinham tentado várias vezes, mas nunca conseguiram. Agora foi de vez» dizia um bombeiro de Arganil.

«Tudo isto foi muito bem armadilhado. Na mesma altura que rebentaram as bombas aqui, rebentaram igualmente em Borralheira de Orjais, Vale Formoso, Tábua e outras terras. Quem fez isto fê-lo premeditadamente. Há uma brigada da Protecção Florestal a investigar este mistério das bombas», acrescentou José Guerreiro.

Na povoação de Roda, as pessoas auxiliavam os bombeiros, transportando baldes com água e limpando as bermas o mais que podiam. Os seus rostos deixavam transparecer o pânico. Receava-se que as chamas chegassem à povoação. A GNR dizia que não sabia o que se passava, a não ser que «o pinhal estava a arder».

Um pouco por todo o País, mas mais na zona centro, os fogos fazem-se sentir com grande intensidade. Estão longe de deixar de ser preocupantes, porque, mesmo depois de extintos, há casos em que reacendem.

Rui Pacheco

G. O.



As chamas devastavam o pinhal de Pombelos da Beira

A.M.A.

Auto Monumental do Arco S.A.

Audi



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Conjuntivite ataca em Vila do Conde

Centenas de pessoas, afectadas por um vírus causador de «conjuntivite», tem esgotado os medicamentos adequados em farmácias do concelho de Vila do Conde.

Uma farmaceutica da localidade disse que o flagelo tanto pode ser derivado de água contaminada como de radiações solares. Maria Emília Santos disse saber também que, «há dois meses, se deu o mesmo problema com bastante acuidade numa escola primária, que afectou muitas crianças».

Especialistas oftalmológicos admitiram à Lusa que o vírus se poderá desenvolver na água da rede de consumo domiciliário, provavelmente infectada pelo Rio Ave, que é dos mais poluídos do País.

A responsável do Centro de Saúde local, revelou, ainda, que as colheitas de água para análise tem sido feitas mensalmente e enviadas para a Administração Regional de Saúde (ARS) do Porto, dizendo desconhecer o resultado.

No entanto, uma fonte deste organismo, contactada ao fim da manhã, pelo DL, disse que a ARS não tem conhecimento de «nenhum surto de conjuntivite em Vila do Conde».

RTP: Provedor de Justiça emite despacho

O provedor de Justiça, Mário Raposo, a quem o Sindicato dos Jornalistas tinha pedido que se debruçasse sobre os processos para despedimento de jornalistas da RTP, emitiu já um despacho sobre o assunto, no qual afirma que «a diversificação de actividades dentro do jornalismo não viola qualquer regra de ética profissional, a não ser que dessa acumulação promanam em concreto situações de concorrência desleal (al. u) do Cap. I do Código Deontológico)».

No seu despacho, Mário Raposo pretende saber se a ordem de serviço, emitida a 3 de Janeiro pelo Conselho de Gerência da RTP, intitulada «dever leal de não concorrência», referencia casos concretos de concorrência desleal. «Significa isto que haverá que apurar qual a *ocasio* daquela norma interna, que tenho como constitucionalmente sindicável, se para tal houver, como poderá haver, fundamento», escreve o provedor de Justiça.

O DL apurou que a nota que serviu de base à instauração de processo com vista ao despedimento das jornalistas Maria Antónia Palla, Margarida Marante e Maria Elisa são todas rigorosamente iguais, nenhuma delas citando casos concretos de concorrência desleal.

B R E V E S

Notas de provas específicas publicadas nas escolas

As notas relativas à primeira chamada da prova específica de acesso foram hoje afixadas nos estabelecimentos de ensino em que os alunos prestaram provas, afirmou uma fonte do Ministério da Educação. Ainda no âmbito deste ministério, foi publicada, nas instalações da Avenida 24 de Julho, a lista graduada (segunda parte) de colocação de professores, segundo a lei dos cônjuges, que atende, portanto, à preferência conjugal.

Greve de maquinistas da CP vai perturbar circulação

A greve dos maquinistas da CP, que se realiza amanhã entre as 17 e as 20 horas, vai provocar perturbações «que afectarão gravemente a normalidade do serviço», comunicou uma fonte da empresa. Na circunstância, a CP elaborou um programa de horários específicos.

Caixa Económica Faialense vai pagar aos credores

O pagamento aos credores da Caixa Económica Faialense, designadamente aos pequenos credores, foi garantido, para breve, pelo comissário do Governo, segundo fonte do Ministério das Finanças. Entretanto a comissão de defesa dos credores radicados em França vai debater amanhã, em Lisboa, o processo de recuperação dos depósitos efectuados na Caixa e explicar o actual estado das negociações com a Finangeste, entidade compradora dos créditos da Caixa, responsável pelo pagamento das dívidas da mesma.

Matou a mulher a tiro e suicidou-se

Após anos de desavenças, um metalúrgico disparou dois tiros de pistola sobre a mulher e, em seguida, desfechou a arma contra si próprio, morrendo antes da sua vítima, que viria a sucumbir no hospital. Fernando Pereira da Rocha, de 42 anos, residente em Serzedo, Gaia, a quem a vizinhança atribui a culpa dos desentendimentos conjugais, perseguiu a mulher, Lúcia da Silva Ramos, de 37 anos, até à casa de uma vizinha onde procurara refúgio. Depois, simulando calma, conseguiu a saída de esposa e já na rua alvejou-a à queima-roupa, num acto premeditado, como indica a carta que deixou.

A situação no Marão é preocupante. Foi pedida ajuda ao Exército. No centro do País há muitas redes telefónicas danificadas

Incêndios destruíram 50 mil hectares

Cerca de 50 mil hectares de povoados e matos arderam desde Janeiro deste ano até à primeira semana de Agosto, revelou um responsável da Direcção-Geral das Florestas.

No período entre 30 de Julho e 5 de Agosto arderam mais de sete mil hectares. O distrito mais prejudicado pelas chamas é o de Coimbra, com 15 mil hectares ardidos desde o início do ano. Seguem-se os distritos da Guarda, com 9600 hectares destruídos e o de Viseu, com 6200.

O maior número de incêndios registou-se no distrito do Porto, com mais de duas mil ocorrências comunicadas às autoridades. No entanto, a área ardida naquele distrito é de apenas 1100 hectares.

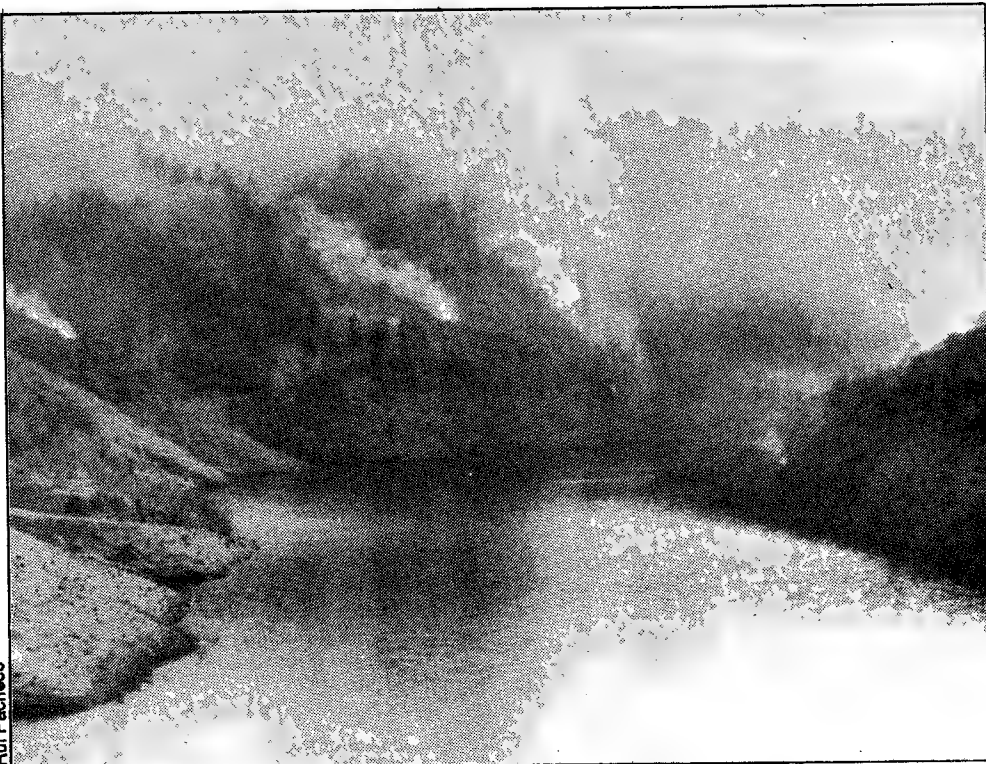
Faro apresenta-se como a região com menor número de incêndios registados (onze), sendo igualmente um dos distritos com menor número de povoados e matos atingidos: 150 hectares. Mas o recorde da «terra sem fogo» pertence a Évora, em cujo distrito arderam apenas 25 hectares de matos e povoados.

Fogo no Marão

Enquanto isto, um incêndio de grandes proporções, que deflagrou ontem à tarde numa das vertentes da Serra do Marão, do lado de Amarante, está a ameaçar propagar-se ao perímetro florestal, disse hoje uma fonte dos bombeiros locais.

O receio de que uma das frentes do fogo atinja a única área de floresta ainda não afectada pelos incêndios de 1985 e 1989 levou já os serviços florestais a solicitar apoio ao Exército. O Regimento de Infantaria do Porto enviou um auto-tanque, com grande capacidade de armazenamento de água, que já se encontra a abastecer os vários carros de bombeiros.

Quanto ao incêndio que ameaça o Marão, as chamas



Serra da Estrela ao fim da tarde de ontem. Uma luta inglória

irromperam em Gondar e propagam-se pelas freguesias de Lufrei, Moure, Sanche e Olo.

A mesma fonte dos bombeiros disse, esta madrugada, que a situação era «crítica», prevendo-se que o combate às chamas se prolongue por toda a madrugada e manhã.

A corporação de Amarante tem no local a quase totalidade dos efectivos, apesar de se encontrar a combater outros incêndios, nomeadamente na freguesia de Chapa, onde o fogo chegou a atingir uma zona florestal propriedade da empresa Portucel.

Entretanto, o ministro do Ambiente, Fernando Real solicitou, ontem, ao responsável pela pasta da Defesa Nacional, Fernando Nogueira, a disponibilidade de meios para combater o incêndio que lava na Serra do Soajo e do Lindoso, concelho de Arcos de Valdevez. Estes dois fogos lavram há

quase 24 horas e, segundo os bombeiros a operar no local, a situação é «incontrolável».

A gravidade da situação levou Fernando Real, que ontem visitou o parque nacional da Peneda-Gerês, onde anunciou o plantio, nos próximos cinco anos, de dez milhões de árvores, a contactar telefonicamente o ministro da Defesa com vista à requisição de forças militares para combater o incêndio. As corporações de bombeiros instaladas no local manifestaram-se «insuficientes» para apagar o incêndio de Soajo e Lindoso.

Maior parte está extinta

Notícias provenientes de Coimbra referem, entretanto, que a maior parte dos incêndios que lavram, ontem, nas matas da região centro foram consideradas extintas ao cair da noite e, cerca das 23 horas, encontravam-se em fase de rescaldo.

No entanto, no concelho de Miranda do Corvo, o fogo continuava, à mesma hora, a progredir perto das povoações de Espinho e Tábuas.

Os sinistros registados nos últimos dias no distrito de Coimbra destruíram cerca de 11 quilómetros de cabo telefónico, no grupo de redes de Coimbra. Fonte da empresa Telecom Portugal informou que ficaram isoladas diversas localidades nestas zonas, prevendo-se uma normalização do serviço no prazo de um mês.

Também nas redes de Fátima e Chão de Macas foram afectadas as ligações telefónicas de várias povoações, estando aquela empresa a procurar restabelecer as comunicações, a nível provisório, até final desta semana. Os circuitos regionais de Oleiros, igualmente destruídos pelas labaredas, deverão entrar hoje ao serviço, a «título precário», adiantou a mesma fonte.

Insucesso em reunião na Carris

Termina amanhã o prazo dado pelo Sitra e Festru ao primeiro-ministro para que responda às reivindicações dos trabalhadores da Carris. Nenhum contacto com os sindicatos foi estabelecido e a reunião realizada ontem entre representantes sindicais e a administração da empresa saldou-se em mais um fracasso.

A administração da Carris convocou o Sitra (UGT) e a Festru (CGTP) para uma reunião, conjunta. As quatro reivindicações das organizações que estavam pendentes respeitavam o enquadramento

profissional, a redução do horário de trabalho, a actualização salarial (4 contos por trabalhador) e direitos e regalias (consagrados no AE mas que estão a ser violados).

«Nenhum dos quatro pontos do caderno reivindicativo foi sequer objecto de resposta», afirmou ao DL José Brandão, do Sitra, acrescentando que a administração «limita-se a marcar reuniões para poder dizer que dialoga».

Segundo o sindicalista, o Sitra «apostava mais nesta reunião do que na resposta

do primeiro-ministro, que, quando nos recebe, ouve tudo, mas depois não corresponde aos nossos anseios, uma vez que não dá indicações à tutela. Mais uma vez fica claro que os trabalhadores da Carris têm pouco a esperar da administração e de quem nos governa».

A única questão que ficou clara na reunião de ontem é que «a empresa não cumprirá nada dentro dos prazos estipulados pelos sindicatos», afirmou José Brandão.

Se até amanhã nenhuma resposta chegar do primeiro-ministro, os trabalhadores

da Carris cumprem o calendário de protesto inicialmente previsto, que se inicia já na próxima semana com a recusa às horas extraordinárias.

Entretanto, o Sitra distribuiu aos trabalhadores da Carris um comunicado onde faz um balanço da reunião de ontem, dizendo: «Chegámos à conclusão de que a Comissão Administrativa numas coisas diz que tem vontade mas não pode, noutras vê-se que pode mas não tem vontade».

E.A.

CULTURA

Quarteto de Bennie Wallace ontem na Gulbenkian

Quente, quente, quente...

O saxofonista norte-americano deliciou a audiência, acompanhado por três músicos de grande qualidade, com um jazz criativo, simples, muito influenciado pelas origens daquela forma musical.

Se o objectivo do «Jazz em Agosto 90» era dar uma imagem da recuperação e, de certa forma, ao retorno (criativo) às «primitivas formas musicais da cultura afro-americana», como se pode ler no programa, ele foi plenamente atingido e teve uma expressão alta, com a actuação, na noite de quarta-feira, do quarteto de Bennie Wallace (bem mais do que com o trio de Brandford Marsalis).

Tratou-se de um concerto memorável pela aplicação que o quarteto pôs na execução dos temas, pela beleza melódica, pelo calor que emanou da sua música. No fim apetecia dizer: «Play it again... Ben»

O saxofonista branco Bennie Wallace («eloquente representante da tradição sulista», como refere Rui Neves) apresentou o público com um som cheio, impregnado de ritmo, quente, pleno de influências de jazz clássico, de «blues», de «rhythm & blues» e do «gospel».

Um jazz aparentemente simples que, por certo, agradaria a todos aqueles que com certos preconceitos afirmam não gostar daquele forma musical. Interessante, para um músico que passou pelo «free-jazz»: um retorno às origens, como vem acontecendo com grande número de executantes que viram esgotadas as possibilidades do tecnicismo estéril e sem beleza.

Aquele músico, apresentou um conjunto de temas muito bem construídos, com variações rítmicas criativas, que permitiram improvisações excelentes tanto para o seu saxofone como para o guitarrista (um grande executante - tanto nos solos como nos acompanhamentos - que retirou da sua guitarra sons limpidos, lembrando alguns dos melhores clássicos que se dedicaram àquele instrumento).

Nos temas mais lentos, muito «bluesy», onde Wallace demonstrou a sua ascendência musical e geográfica, o sul dos EUA, sendo de destacar a beleza atingida nas improvisações, especialmente chegados os registos graves, lembrando Ben Webster e Coleman Hawkins.

Gostáramos de destacar o último tema do concerto - antes do «encore» - que se iniciou com um longo solo de Bennie Wallace, no qual o músico demonstrou todas as

suas potencialidades e influências, uma capacidade rítmica invejável (que deve algo a Rollins, um mestre nesta matéria), um perfeito domínio técnico, um raro bom gosto e beleza. Por curiosidade, refira-se uma outra música que teve por base o tango, muito do agrado do público que encheu quase por completo o anfiteatro ao ar livre da Gulbenkian.

Não devem esquecer-se as actuações do contrabaixista Edward William «Bill» Huntington e do baterista John Vidacovich (com especial destaque para este último, pelo seu «jogo» variado), uma secção rítmica excelente, muito segura, que permitiu o desenvolvimento da criatividade de Wallace e do guitarrista que travaram, por vezes, «diálogos» interessantes.

De referir que foi apresen-

tado um tema ainda não gravado, «It Happens to You», e outros do último álbum de Wallace, «The Art of Saxophone».

Influências musicais

Bennie Wallace cresceu no Tennessee e cedo sofreu a influência da música «country», dos «blues», do «bluegrass» e do «gospel». Ouçamos as palavras do próprio músico: «No Sul, quando tocava com os cantores de «espirituais», sentia-me muito perto da origem da minha música. A música que ouvira e tocara ao crescer no Sul foi um dom especial que mantive comigo ao longo dos anos como executante de jazz. Agora estou a regressar a ela».

«No conservatório começou a ouvir John Coltrane, Sonny Rollins e, mais tarde Eddie «Lockjaw» Davis.

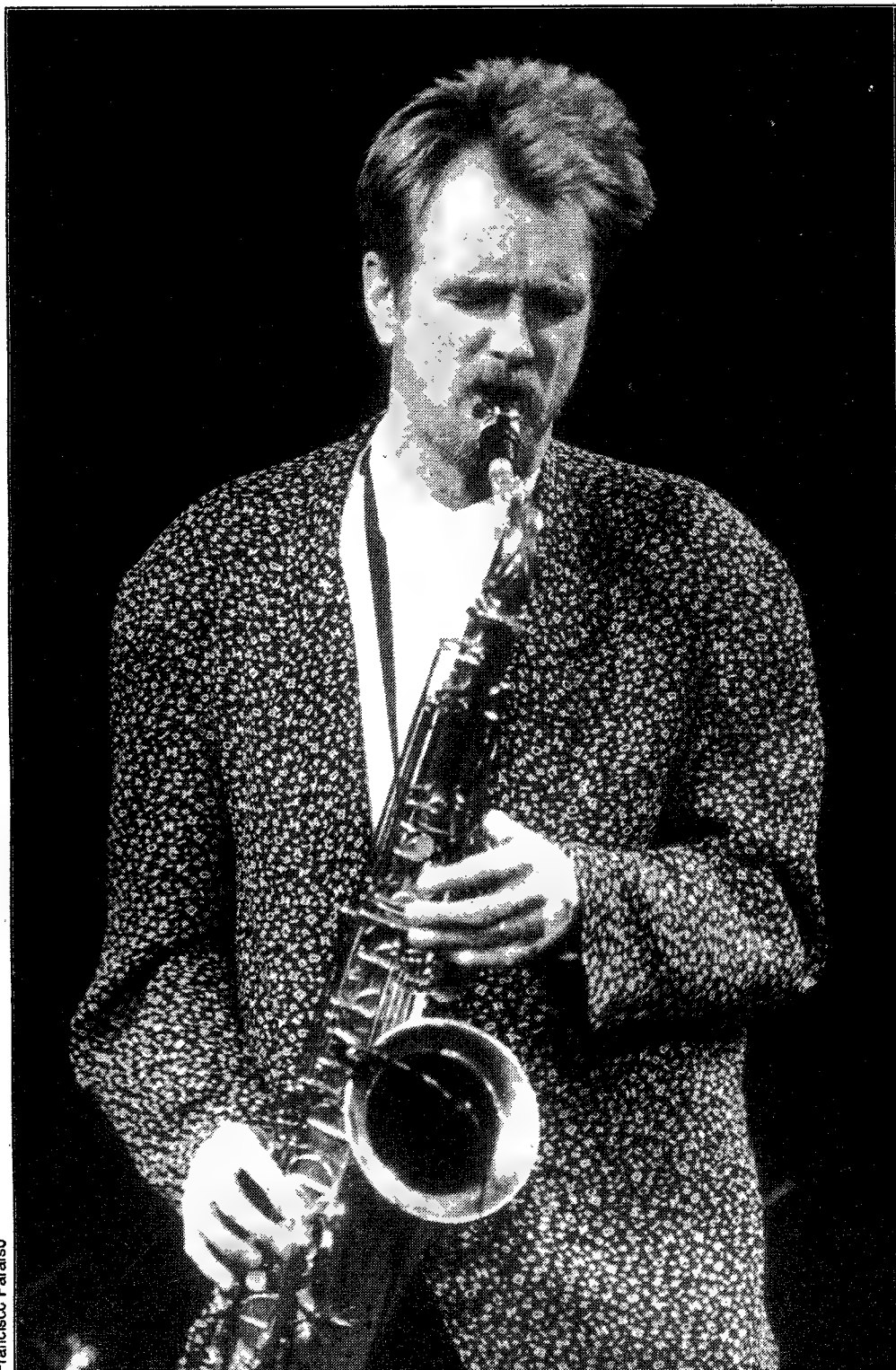
«O saxofonista tocava

«blues» e «be bop» em bandas que gravavam à volta de Knoxville.

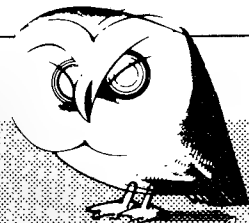
«Bennie Wallace firmou-se como um saxofonista tenor de classe, através de uma carreira que realçou duas abordagens da improvisação. Nas baladas e tempos lentos privilegiando um lado romântico e lírico (...). Nos tempos mais vivos com um fraseado mais abstracto caracterizado por longos intervalos, variações temáticas e arpejos de larga amplitude tímbrica», como refere Raul Vaz Bernardo no programa do «Jazz em Agosto 90».

Gravou vários discos entre 1977 e 1984, tendo optado, a partir de 1985, pelo retorno (já referido) a um jazz mais clássico, com o disco, gravado para a prestigiosa «Blue Note», «Twilight Time».

M.R.



Bennie Wallace: Som quente e beleza melódica



olhar de mocho

Camaleões e vira-casacas

O filme documentário de serão do 2 de ontem tem para nós, portugueses, uma indiscutível vantagem: podemos assistir ao repugnante espectáculo dos nazis e dos colaboracionistas sem que as orelhas nos inchem de rubor e de vergonha. Passa-se tudo em França e na Alemanha, mas isso fica lá longe, e como dizia o Goethe quando lhe contaram de um terramoto na Turquia, «Turquia, isso fica tão distante...»

De facto, em relação ao Hitler e ao fascismo europeus, nós nada tivemos a ver - o Salazar assumiu a ideologia da neutralidade. Não tivemos só uma política neutral, também, politicamente herdámos a neutralidade. Passaram-se já 16 anos sobre a queda do regime mas ninguém se sente motivado e legitimado para um ajuste de contas com o «antigamente». E até parece que o salazarismo se está a transformar numa espécie de sebastianismo: o pagode (político) deseja que ele regresse. E se haverá poucos que acreditem na manhã de nevoeiro em que o Dom António, prior de São Bento e de Santa Comba, entrará mesmo na barra do Tejo, contudo, a cirurgia plástica mais inteligente consiste em transformar o salazarismo em sebastianismo - uma galáxia perdida e nebulosa onde não convém tocar. «Hotel Terminus», Marcel Ophuls, o realizador, os crimes de Klaus Barbie, o colaboracionismo francês, o apoio maciço do povo francês ao regime hitleriano, tocaram, em espectáculo televisivo de grande nível, na delicada questão da espécie humana dos vira-casacas e dos camaleões. O problema é apenas delicado porque diz respeito às maiorias e em democracia a maioria não pode ser tratada a pontapé. Mas, pelo menos, da França não nos vem só dinheiro dos emigrantes - agora também temos, via TV, um ajuste de contas com o passado. A questão está em sabermos, pelo menos desde a série que ontem começou, que esse ajuste de contas é possível, é necessário, e mais, que sem ele, nunca haverá verdadeira democracia. A maioria dos franceses foi colaboracionista mas essa maioria também permitiu a realização e emissão de um produto televisivo como o de ontem à noite.

De pouco serve recordar no papel da Imprensa escrita a nódoa sangrenta do colaboracionismo francês e os crimes do nazismo. A nossa RTP tem o condão de anestesiar o petisco, servindo-o bem embalado entre as «Ruas de São Francisco», um policialzito e uma boa dose de «Fados do Fado». Assim, ninguém se lembra de perguntar se o Hitler, mais o extermínio dos judeus; mais o Klaus Barbie são histórias reais ou westerns. Além disso, não vemos quaisquer indícios de se preparar uma discussão televisiva, tipo «Primeira Página» ou «Sinais dos Tempos» ou «Hora da Verdade». O filme, uma obra-prima, passou numa noite quente de Agosto, que é como quem diz, o filme passou com muito éter e clorofórmio para acordar o telespectador português da letargia política que convém à continuidade política. Como o Salazar teve uma política de neutralidade, nós nada temos a ver com o nazismo e nunca houve fascismo. Em Portugal, o dia da raça, o 10 Junho, coincide com o dia mundial do camaleão espécie política que importa preservar. E filmes, como o do Marcel Ophuls, ameaçam de extinção a raça dos camaleões. Ora nós temos identidade própria: Lisboa, não sejas francesa, como diz o fado.



José Sousa Monteiro

CINEMA

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Face a duas piroseiras («Corações Solitários» e «Ventos de Mudança»), um filme assim-assim («Joe Contra o Vulcão») chega e bota figura. Mais do que merece, mas, neste deserto de estreias, é o que há

Do mal o menos

Uma actriz, meia dúzia de planos, outras tantas ideias, nenhum filme, por assim dizer, que se veja -eis o que a (miseranda, mais uma...) semana de estreias teve para nos dar em Lisboa. Chega isto para salvar a honra do convento, já de si muito desonrada? Não chega. Dá isto para o petróleo, entenda-se para pagar as despesas do menu? A avaliar pela minha experiência de espectador, também não: em nenhum dos filmes estive na sala com mais de dez comparsas. Então? Então... é assim, pode quem manda, para o caso quem distribui e exhibe, baralha e torna a dar, dado que fosse não se agradecia.

É que nem o facto de (com excepção de «Jules e Jim») os melhores filmes a ver estarem em cartaz desde Abril ou Maio serve de incentivo a uma programação de continuada qualidade. Não. E é uma tristeza para a qual se não vê remédio, intuindo-se que, por este caminho, tudo em breve ficará pior do que antes do 25 de Abril, se é que já não está. Exceptua-se, obviamente, a censura, que desapareceu... para ser substituída por outra, mais subtil. E é esta que, em nome do liberalismo todo-o-terreno, nos impede de ver muito do bom cinema que se faz no Mundo, para em vez dele nos impingir, aliás sem lucro comercial visível, produtos inqualificáveis, coisas para esquecer.

Estamos assim perante uma verdadeira colonização pelo mau gosto, estamos também a assistir à morte, por asfixia lenta, de um espectáculo: o cinema. Ao contrário, precisamente, do que se passa noutras áreas culturais, da música à literatura, do teatro ao bailado e por aí fora. No cinema não: por cada filme óptimo, há três péssimos, meia dúzia medíocres mais ou medíocres menos, um molho deles que se rejeita por uma questão de higiene mental («ça abrute les gens» -dizem os franceses).

É por isto também que um filme assim-assim («Joe Contra o Vulcão») tem esta semana honras de coisa de primeira. Não porque o seja, mas porque, fundamentalmente e comparado com as estreias restantes, é a menos má.

A menos má porque a concorrência resumiu-se a uma comédia triste, feita na Austrália em... 1981, e um filme de um humanismo taralhoco com a acção a decorrer no Zimbabué pré-independência.

Claro que o mal não é das datas e locais. O mal é que, por exemplo, «Corações Solitários», o filme australiano, é, cinematograficamente, uma nulidade, não revelando o realizador a mais leve centelha de talento. A seu favor -e do filme- joga apenas o seguinte: face aos horrores que por aí estão em cartaz, «Corações Solitários» foge à receita habitual da acção «made in USA». Não temos, portanto, murros e correrias; mas temos a lamechice sem auréola, com o «happy end» da praxe: os dois solitários juntam os trapos (antes assim porque só se perde uma casa) e, já agora, perder-se, perdeu-se também o capachinho que o «herói» usava e deita fora no

climax da paixão.

«Ventos de Mudança» ainda é pior, porque medíocre e com mensagem. Tudo se passa na África dos anos 60, quando o Zimbabué ainda se chamava Rodésia, mandava por lá um tal Ian Smith, não sei se se lembram, se não se lembrarem também não é grave.

O filme tem duas partes, diria o sr. de La Palisse que a primeira e a segunda. Na primeira, brancos e pretos ainda não tinham começado a andar às turras, a África era um paraíso (para os brancos, claro); na segunda, o caldo começa a entornar-se, sopram os tais «ventos de mudança» e ficamos todos às portas do inferno.

Os heróis da história são brancos, gostam de África (ah, aqueles pores do sol...) e gostam também muito dos pretos bonzinhos. Às tantas, porém, quando o colonialismo começa a dar as últimas, os heróis ficam sem perceber patavina do que se passa, que é mais ou menos a situação em que ficou o realizador perante a história. Vai daí, tudo acaba, subitamente, em 1965, com um funeral. Fica-se na dúvida se a metáfora tem a ver com a África ou se com o próprio filme. Mas também não tem importância...

«Joe Contra o Vulcão» é diferente, é melhor, tem ideias (uff...), mas peca justamente por isso: são de mais as ideias que tem. Em termos de cinefilia, navega nas águas de Fritz Lang

e de Frank Capra, o que só lhe ficaria bem, não se desse o caso de unidade estética ser coisa que daqui não resulta. Faltando a unidade, falta tudo (ou quase tudo) o resto: o filme anda aos arranques, aqui e ali «entope» e perdem-se ideias (e mesmo personagens) pelo caminho. De ambição em ambição, como o legado Lang/Capra não fosse já demasiada areia para esta camioneta, ainda há três obras literárias (e que obras...) como memória: «Odisseia», «Romeu e Julieta» e «Robinson Crusoe». Outra vez tudo bem não acontecesse dos fios destas meadas não resultar uma sólida estrutura dramática, antes uma manta de retalhos.

Um desastre? Nem tanto, porque o realizador, apesar de tudo, consegue organizar algumas boas sequências, o filme tem momentos saborosos entre o surreal e o non-sense, revelando o conjunto uma certa alegria de filmar.

Falando do realizador, diga-se ainda e em seu abono que esta é a sua primeira obra, pois até aqui John Patrick Shanley era só conhecido como argumentista («O Feitiço da Lua» e «Agarrem Este Detective») são, neste domínio, alguns dos seus títulos.

Em abono do filme, diga-se que possibilita a interpretação talvez mais convincente de Tom Hanks e a confirmação do grande talento de comediante de Meg Ryan, vê-la é sempre um regalo.

É tudo isto em si bastante? Seja que não seja, é o que há. Melhor do que isto só o que já havia. Esta foi mais uma semana, em que melhor teria sido rever do que...ver.

Rodrigues da Silva

Sessões especiais

Filme de Ermanno Olmi antestreia na Caparica

As sessões especiais de cinema prosseguem neste Agosto. Não em Lisboa, mas pelo menos na Costa da Caparica, no Porto e em Viseu. Na Caparica, graças ao Centro de Férias do Inatel. No Porto, com as noites duplas (de quinta-feira) do Coliseu. Em Viseu, com a actividade do Centro Cultural Distrital no auditório

Mirita Casimiro.

De todas estas sessões, o destaque vai para a antestreia nacional do filme de Ermanno Olmi, «Por Muitos Anos e Bons» (1987), na Costa da Caparica.

Registe-se, ainda na Caparica, a exibição do filme de Eric Rohmer «Paulina na Praia», E registe-se não só pela exibição em si. Também

para assinalar que de Rohmer longevão os tempos em que os seus filmes passavam em Portugal. Como esta «Paulina na Praia», de 1982.

Eis porque a exibição deste Rohmer de há oito anos faz lembrar que os três últimos filmes do cineasta («Quatre Aventures de Reinette et Mirabelle», «L'Ami de Mon

Amie» e «Conte de Princes» estão por estreiar em Portugal. «Conte de Princes», porém, está anunciado para Setembro, no Forum Picoas, o que significará o regresso de Rohmer às nossas salas de estreia depois de «O Raio Verde» (1986).

R. da S.

A ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

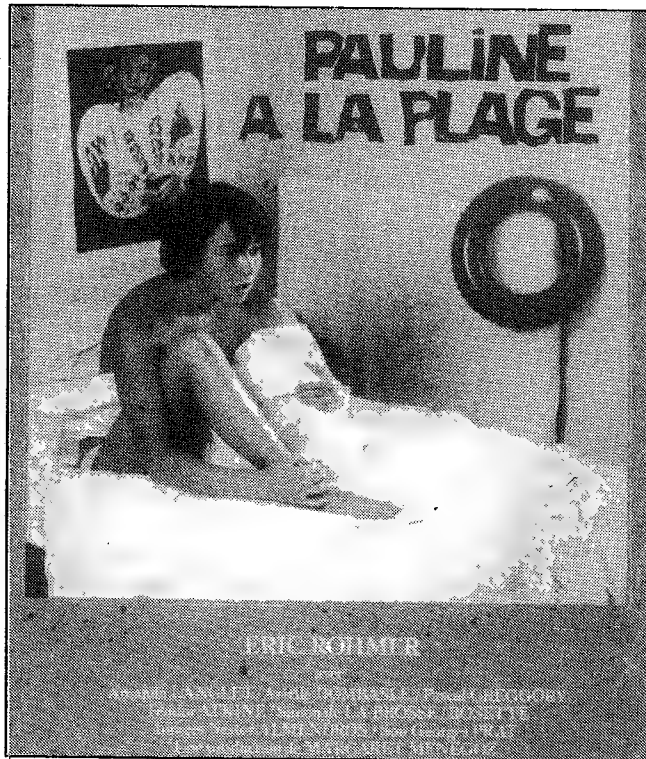
Em estreia

- «Sonhos», Akira Kurosawa (1990)
- «Tempo dos Ciganos», Emir Kusturica (1988)
- «Sempre», Steven Spielberg (1988)
- «Henrique V», Kenneth Branagh (1989)
- «Canhões Perdidos», Bob Clark (1989)
- «Cenas de Lutas de Classes em Beverly Hills», Paul Bertel (1989)
- «Joe Contra o Vulcão», John Patrick Shanley (1990)
- «Ata-me», Pedro Almodóvar (1990)
- «Cookie», Susan Seidelman (1989)
- «Na Corda Bamba», John Badham (1990)
- «Olha Quem Fala», Amy Heckerling (1989)
- «Ninguém é Santo», Neil Jordan (1990)
- «Corações Solitários», Paul Cox (1981)
- «Ventos de Mudança», Terence Ryan (1988)
- «As Minhas Noites São Mais Belas que os Vossos Dias», Andrzej Zulawski (1989)
- «Duro de Roer», Bruce Malmuth (1990)
- «Desafio Total», Paul Verhoeven (1990)
- «O Triunfo do Espírito», Robert M. Young (1989)

Em reposição

- «Jules e Jim» François Truffaut (1961)

R. da S.



«Paulina na Praia», esta noite, na Costa da Caparica: rever um Rohmer de há oito anos, agora que os últimos filmes do cineasta não estreiam em Portugal

O calendário, a seguir:

Centro de Férias da Costa da Caparica (Inatel)

«Paulina na Praia», de Eric Rohmer (hoje); «Aliens-O Reccontro Final», de James Cameron (amanhã); «Indiana Jones e A Grande Cruzada», de Steven Spielberg (depois de amanhã); e «Por Muitos Anos e Bons», de Ermanno Olmi (domingo). Todas as sessões às 21 e 30.

Porto

(noites duplas do Coliseu) «Bird», de Clint Eastwood; e «Blue Velvet», de David Lynch (hoje às 21 horas).

Viseu

(auditório Mirita Casimiro) «A Bela de Dia», de Luis Buñuel (hoje, às 21 e 30); «A Paixão de Camille Claudel», de Bruno Nuytten (dias 11 a 15, sempre às 21 e 30, e dia 12, também às 16).

CULTURA E ESPECTÁCULOS



No dia em que «Paulina na Praia» -de passagem- regressa numa reposição, registe-se o que o «Le Monde» diz a propósito do último filme de Eric Rohmer («Conte de Printemps»), anunciado para breve no Forum Picoas

Um conto das quatro estações

«Conte de Printemps» é o último filme de Eric Rohmer e primeiro de uma nova série intitulada «Contos das Quatro Estações».

À excepção de «Le Signe Du Lion» (1959), «La Marquise d'O» (1975) e «Perceval le Gallois» (1978), que são filmes autónomos, a obra de Rohmer compõe-se dos «Seis Contos Morais», das «Seis Comédias e Provérbios», de «Quatre Aventures de Reinette e Mirabelle» e deste «Conte de Printemps». Tal como nos filmes anteriores, neste último reconhece-se o ritmo, o pensamento, o estilo do mais literário dos autores da «nova vaga», herdeiro cinematográfico do romance de análise, da «Princesse de Clèves» e de um século XVIII filosófico e moralista.

É justamente de filosofia que se trata em «Conte de Printemps». Jeanne (Anne Teyssedre) é professora num liceu da região de Paris, onde faz um estágio enquanto espera a sua nomeação para a província, juntamente com o noivo, Mathieu, que é matemático. Ele é o homem invisível. Nunca aparece em todo o filme. Anda

em viagem. E, como sempre acontece nos filmes de Rohmer, uma situação aparentemente simples vai originar uma complicação cerebral. Com Mathieu ausente, Jeanne não quer ficar no apartamento que com ele partilha, mas emprestou o seu estúdio a uma prima que recusa sair de lá. Assim, aceita a hospitalidade de Natacha (Florence Darel), uma adoloscete, cujo pai, Igor (Hugues Quester), divorciado, é um homem maduro e sedutor, cujo maior defeito, aos olhos da filha, é ter um amante da idade dela (Eloise Bennett). E tenta afastá-la, empurrando Jeanne para Igor. Junta-se a tudo isto uma Primavera molhada por uma chuva miúda, flores para marcar a estação e uma casa de campo em Fontainebleau, onde todos se encontram para jogar um jogo que corre o risco de correr mal. A intriga, construída por etapas, conserva -outra constante nos filmes de Rohmer- o seu quê de incerteza. Para mais - e é um ponto que nos leva até «A Minha Noite em Casa de Maud», um dos mais célebres Contos Morais, primeiro e inesperado sucesso comercial do cineasta-

Jeanne resistiu à tentação de fazer amor com Igor, entricheirando-se atrás de um discurso filosófico, que repete durante uma conversa com Eva. Não se sabe muito bem o que é escrito e o que é improvisado nos diálogos proferidos pelas personagens de Rohmer. Mas, dos anos 60 ao fim dos anos 80, é sempre uma linguagem actual, de acordo com a condição social, a profissão, os costumes, o meio ambiente (ah! estes apartamentos, meio burgueses meio boémios, cheios de livros, com cenários, quer de província quer de arredor ou de bairros parisienses).

Hoje ela é mais importante do que a nova burguesia dos anos 70 fustigada por Claude Sautet e podia muito bem, embora inconscientemente, arremedar os intelectuais do universo de Eric Rohmer, porque também ele utiliza a estratégia dos discursos, uma filosofia superficial feita de lugares comuns que passa por «bom senso».

Jacques Siclier
serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»
Tradução de Maria Otília Moreira

CRÓNICA DE TOUROS

Rádio com vigário

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 5 de Julho de 1990. Touros do dr. Brito Paes para João Moura, Paulo Caetano, Joaquim Bastinhas, Pedro Franco e forcados amadores de Santarém (cabo Carlos Grave) e de Montemor (cabo Paulo Vacas de Carvalho)

Dez da noite, praça cheia, graças à radiodifusão portuguesa, uma semana martelando os ouvidos da incauta audiência, com tiradas ditirâmbicas: «um cartaz fabuloso», «uma noite à antiga», «gigantes à procura do triunfo», «O Campo Pequeno vai tremer, no ambiente escaldante da corrida da Rádio», «a de maior prestígio no calendário nacional», e afinal era tudo o conto do vigário, como é que podia a noite ser fabulosa, escaldante, tremer a praça com aqueles novinhos de Brito Paes, aquelas coisas pequenotas, que mandavam às urtigas essa do maior prestígio, qual prestígio, qual carapuça, numa tourada descaradamente sem touros, e dos chamados gigantes o Moura trivial, os aplausos maiores para as cambiadas, num cavalinho de crinas ao vento, que nos cites se enfeita as mãos com meneios a atirar ao aleijadinho, que afinal animaram o pagode, cada um come do que gosta, e o Caetano sem margem para seu nome acrescentar, a brega justa no segundo e arrastada no desluzido sexto, e o Bastinhas fazendo ouvidos moucos ao inteligente cravando teimoso o par não consentido, sem alturas atingir que justifiquem três quintas-feiras seguidas no Campo Pequeno, caso para dizer basta, e antes do intervalo veio o Pedro Franco, e pelo altifalante a voz de um senhor, reclamando que a corrida da Rádio sempre apoiou os jovens (incluindo pelos vistos os jovens touros), e a voz pelo sonoro continuou falando, «pela primeira vez no Campo Pequeno, vai estar o jovem Pedro Franco, para eles os vossos aplausos», isto são coisas das nossas touradas, pedir aplausos para o artista, antes dele ter feito coisa alguma, de começar com aquele ferro à gaiola, que o bicho não teve tempo de ver, acabado de chegar do escuro, e nos curtos foi o sucesso, de não sei quantas cambiadas, com desembaraço aplicou a moda vigente adeus ferros à estribeira, afinal a noite não era como na rádio prometiam, uma noite à antiga, não era nem podia ser, os forcados chamavam de largo, distantes as ajudas, as caras consumavam seguros, Santarém e Montemor, jaquetas de fama consagrada, só faltavam eram os touros, e também uma autoridade qualquer, para meter na ordem a vigarice.

Solilóquio

B R E V E S

Compactos de Amália: edição especial

Em edição especial limitada, vai estar em breve à venda uma caixa de oito discos compactos, intitulada «Amália 50 anos». A caixa reúne a série de colectâneas comemorativas do 50.º aniversário da carreira de Amália, publicadas originalmente em Dezembro último: «Os poetas», «O folclore e as marchas», «Amália internacional», «O teatro e o cinema», «Ao vivo», «Rara e inédita», «Os compositores», «Amália mais os poetas populares».

A edição especial é limitada a mil exemplares, numerados e autografados por Amália que, para o efeito, se deslocou expressamente à Valentim de Carvalho, responsável pela edição.

Teatro de Almada na Galiza

A Companhia de Teatro de Almada vai apresentar duas diferentes produções em festivais na Galiza: «Amor a quanto obrigas», adaptação de Virgílio Martinho de textos de Gil Vicente; e «Velharias de Scapin», de Molière. As encenações são, respectivamente, de Vítor Gonçalves e Julio Castronuovo.



CULTURA E ESPECTÁCULOS

Whitesnake fizeram transbordar ontem o pavilhão de Cascais

O fascínio das cobras brancas

É impossível ficar-se indiferente no meio de uma multidão heterogênea que transforma um acontecimento musical numa celebração com sabor tribal. Nesses momentos acredita-se, piamente, que o rock é uma linguagem universal e que, quem o elega como estilo musical preferencial é a força mais poderosa do mundo. Frustrações ao alto, cada um no colectivo se transforma num ser belo, forte e indomável.

O pavilhão de Cascais esteve a abarrotar ontem para ouvir e ver a banda britânica Whitesnake. E nem a insistência por parte de alguns em querer rotulá-los de forma simplista como "metálicos", ou de forma mais absurda como rivais dos Iron Maiden, conseguiu enganar os ouvidos mais atentos ou desmobilizar os que desconhecem o trabalho actual da banda. Não há confusão. Por isso não foi de estranhar ver lado a lado os mais velhos, contemporâneos dos Deep Purple, com os mais novos, fãs dos Metallica, Helloween ou Guns'n'Roses (nomes ostentados na maior parte das T-shirts usadas no pavilhão).

Línguas bifurcadas

O início do concerto estava previsto para as 21.30. Foi precisamente a essa hora que tiveram lugar os últimos pormenores necessários no palco para a actuação dos Whitesnake. Logo os isqueiros se começaram a acender, não para a banalizada cerimónia das chamazinhas oscilantes, mas para se aquecerem os fumos que a alguns abrem portas de bem-estar ou descontração. Até então coberto por panos pretos, o palco revela-se de grande simplicidade. Três níveis de actuação, onde sobressai a "concha" de pratos, timbales e bombo onde se encontra o baterista Tommy Aldridge. Em cena estão as cinco cobras brancas. A mel-

hor recepção tiveram-na o já histórico ex-Deep Purple Coverdale e o guitarrista Steve Vai. Começa a música, o espectáculo e a festa. Duas horas de concerto, com um *encore* incluído, em que pudemos escutar vários sucessos da banda, bem como alguns temas do seu último trabalho discográfico. Duas horas em ritmo vertiginoso, cobras de língua de fora, unhas cravadas nas cordas das guitarras e solos para todos os gostos.

Guitarra superstar

Se Coverdale é o líder e figura carismática do grupo, não é a ele que se devem os momentos mais espectaculares do concerto. Antes de mais na memória ficou Steve Vai e a sua relação com a guitarra. Da mesma forma que a toca o guitarrista se envolve fisicamente com ela. Assim, os seus solos passam de orgasmáticos a acariadores, de ternos a agressivos. Enquanto Steve a toca de pé, deitado sobre ela, por baixo dela, em todas as posições possíveis e imagináveis. No momento em que lhe cedem o palco, o guitarrista pura e simplesmente presta homenagem à guitarra. Troca a primeira por uma que esperava no escuro o passe de magia que a ilumina. É coberta de pequenos espelhos que reflectem as luzes dos projectores sobre o público num abraço envolvente. Antes de agarrar a terceira guitarra, a espelhada ergue-se, subindo no ar puxada por um cabo. Steve Vai tocou ainda uma outra, vermelha em forma de coração, com três braços - um à direita e dois à esquerda. De referir que o guitarrista mudou de roupa três vezes, sempre trajos com muito brilho, mas de bom gosto.

Um amigo íntimo

Na memória, em primeiro



Coverdale: o vocalista carismático dos Whitesnake

plano, está também o solo de bateria. Tommy Aldridge começou-o normalmente, batendo com as baquetas, para na sua segunda parte, depois de as atirar para a assistência, utilizar as mãos em contacto directo com o metal dos pra-

tos ou as peles dos tambores. É o delírio. Para além de original o que o torna significativo é que, ou com os pausinhos ou com as palmas das mãos, o seu solo é rigorosamente interpretado. Não é uma manobra de diversão,

mas uma entrega e um conhecimento muito grande da bateria.

Menos brilhante foi o momento em que Adrian Vandenberg teve o palco só para si. Menos brilhante, mas não menos competente. Aliás,

como deveria ser com uma banda de "hard rock", as guitarras são as rainhas da festa. O bom resultado final não seria possível sem o trabalho de Rudy Sarzo. O baixista é, pura e simplesmente, espantoso. Sendo o mais sóbrio dos cinco elementos dos Whitesnake, é a ele que se deve a harmonia do trabalho do grupo, a coesão do seu som e a batida intensa da sua música.

Por último, mas não em último, temos Coverdale. A sua voz continua a ser a que retemos na memória dos velhinhos Deep Purple. É ele que fala com o público. Há comunicação, e quase se acredita que «o gajo é nosso amigo íntimo». Quer ver os olhos da assistência, e pede que a sala se ilumine. E não houve ninguém naquele pavilhão que, pelo menos uma vez, durante o concerto não pensasse que era para si o seu olhar.

Uma grande festa

A iluminação do concerto é a desejável para aquela música e aquele espectáculo. O jogo de sombras dos guitarristas por trás dos telões brancos translúcidos, sendo simples, resulta num bonito efeito.

Da qualidade da amplificação de som não pudemos apurar, pois o único lugar que conseguimos não permitir ter a noção do que se ouvia na sala. Mas, no final do concerto, muitos se queixavam da sua deficiência.

Foram duas horas passadas entre o arpejo momentâneo, a contemplação fugaz e, principalmente, sentindo-nos parte integrante da multidão. Respirou-se ao mesmo ritmo, oscilou-se ao mesmo compasso e pulou-se à mesma altura. Foi uma festa roqueira proporcionada pelos anfitriões Whitesnake.

Maria José Belo Marques

ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

Estão abertas de 6 de Agosto a 7 de Setembro as inscrições para as provas de selecção aos cursos de Teatro e Realização Plástica do Espectáculo da Escola Superior de Teatro e Cinema.

Para mais informações contactar a secretaria da escola:

Rua dos Caetanos, 29 — 1200 LISBOA — Tel.: 346 17 94 / 32 36 85

A Direcção



ESPECIAL FÉRIAS/90 no HOTEL DO PARQUE VIANA DO CASTELO COSTA VERDE



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telex: (058)82 66 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



«GC — GESTÃO E COORDENAÇÃO, SA»

Conservatória do Registo Comercial de Lisboa
2.ª Secção — Matrícula
46133/731106
NIPC 500122792 Inscrição
03/04AP.29/30/900427

JOSÉ ATAÍDE ROCHA, 1.º Ajudante da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, CERTIFICADO que foi depositada a fotocópia da acta da assembleia geral de que consta a nomeação do conselho de administração e fiscal para o triénio de 1990/1992.

Conselho de Administração: — João Manuel Rosado Bago d'Uva — Presidente; José Simões; Álvaro Monteiro Rodrigues Pato. Conselho Fiscal: — Rui Fernando Raposo Couto dos Santos — Presidente; A. Marquillo, M. Correia & E. Santo. SROC e José Carlos Coelho Albino. SUPLENTE — António Francisco Escaramela Marquillo.

Foram ainda depositados os documentos — respeitantes à prestação de contas, referentes ao ano de 1989.

Está conforme

Lisboa, 90.07.16

O Ajudante

«DL» — 9/8/90

Gravuras rupestres em Vila Chã

Um dolmen com gravuras rupestres e um espólio importante foram descobertos em escavações arqueológicas realizadas em Vila Chã, no concelho de Esposende. O investigador da Universidade Portuguesa vem procedendo a um trabalho sistemático de escavações em vários monumentos daquele tipo na região minhota e na bacia do Douro.

Constituído por nove lages graníticas que definem uma câmara funerária poligonal aberta, onde foram detectadas as pinturas rupestres, o dolmen possui ainda um corredor ou a galeria orientado a nascente.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

CANAL DA CRÍTICA

RTP perdeu a ilusão

Chegou ao fim a *D. Beija*, telenovela da Rede Manchete que fez brecha no domínio da Rede Globo.

Talvez o seu êxito inicial se justifique pela convicção (aliás muito propalada) da existência de cenas eventualmente chocantes. Afinal, quase nada. Quem deu por elas? Nesse aspecto, filminhos há, a meio da tarde, que batem *D. Beija* por KO.

A audiência acabou por se deixar prender pela história da menina que luta contra o colonialismo (machista e político) utilizando a única arma de que dispõe: a sua beleza. Ai, ninguém manda a não ser ela. Disso dispõe ela como entende. Pioneira feminista, a seu modo. Modo que algumas feministas canastrões não entenderam.

Ao lado dessa história, outras se desenvolviam. Os preconceitos sexuais, os malefícios do colonialismo, a luta do povo brasileiro pela independência do seu país, a organização de tipo feudal e uma certa forma de clericalismo submetido e apaziguado tão contestados hoje no Brasil.

Quanto à história da *D. Beija*... Ninguém saberá hoje muito bem onde se apartam a verdade e a lenda. Dessa ambiguidade se enriquece todo o imaginário. Isso mesmo quer alcançar uma personagem quando diz: «Sabe-se lá o que se vai dizer de *D. Beija* daqui a muitos anos...»

Pois. Sabe-se lá. Se mandou tramar António à bala ou se o fez ela própria, com veneno. Se morreu assim, em cheiro de santidade, ou se foi descendo «na vida» de degrau em degrau. Se... Se... Se...

Estávamos bem arranjados se as histórias tivessem de ser verdadeiras. Safava-se alguma?

O pé que perdeu o pé

A indústria tem razões que a literatura desconhece. Com gradações de indústria para indústria - ou de linguagem para linguagem, se preferem.

Não há filme, por maior que seja, superior a um grande livro. As comparações acabam por ser inevitáveis porque a matriz é comum. Na realidade, são coisas diferentes.

De *O Meu Pé de Laranja-Lima*, de Mauro de Vasconcelos, que já vai em não sei quantésima edição, se fez um filme já corrido na televisão. O filme está à medida do livro. O livro está lá, passo a passo. Ambos nos fazem chorar nos mesmos pontos, o conteúdo distribui-se igualmente em ambos os frascos.

Tal não acontece na telenovela com o mesmo nome que passa ao fim da tarde e conta com tantos espectadores fiéis.

De facto, comuns a ambos só praticamente o título. São diversos os ambientes, as situações, o andamento, as personagens. Daquilo, quase nada acontece no livro. E daquilo que acontece no livro, quase nada acontece ali...

Não é impunemente que se tem

de elaborar quase duzentos folhetins. Para isso, a historietazinha de um pirralho desastrado, que alterna as surras com as conversas da árvore de estimação, não dava nem para a cova de um dente. Daí, as novas personagens, os novos enredos, os casos que se vão entrelaçando, toda uma caldeira cheia de água onde a história de Mauro de Vasconcelos se dilui até quase nem se dar por ela. Um dedal de capilé num garrafão de cinco litros. Mais do que pretender-se como transcrição de uma obra, a telenovela antes se assume como homenagem. Nisso, nada a dizer.

Só para assistir ao trabalho de Alexandre Raimundo - o Zezé - vale a pena. Aparece ele e tudo o mais fica na sombra.

À roda do fogo

Cabeça de um grande império económico, Renato Vilar era a ambição em pessoa. Não recuava diante de nada. Fosse ele português e seria hoje candidato a uma TV privada. Tê-la-ia.

Eis que lhe surgem umas tremendas enxaquecas. Angioma, diz a medicina. Em tempo de enxaquecas como o nosso, quantos milhões de portugueses já não se julgam possuídos de um formidável angioma?

Ângio. A primeira vez que vi a palavra foi nos *Inéditos de Alcobaça* e

vocado pela proliferação dos vasos sanguíneos. Julgo não se tratar de uma doença muito comum, caso contrário a televisão não a mencionaria. A não ser talvez a televisão americana, a quem nenhum sentimento mórbido escapa.

Pois o Renato tem uma perspectiva de vida entre os três e os seis meses. Então, reviravolta-se. Vê como tudo é transitório - o poder, a glória, a hipocrisia. A própria vida, longa ou curta, só vale na medida em que não a usamos como arma de agressão, mas de protecção. O seu combate, agora, é pelo direito à felicidade. Nesse combate mobiliza o caudal de simpatia da audiência.

Esse será, digamos, o pretexto da telenovela. No miolo, está a denúncia do poder iníquo, a hipocrisia social, a mentira de alma do sistema. Pela primeira vez, que me lembre, a política mais quente do Brasil vem ao de cima. Maura, participante da luta clandestina, deixou o filho ainda pequeno. Este, já homem, condena-a por isso. Ninguém lhe ensinou a ter orgulho nela...

Lembro José Magro, 22 anos preso. Não podia ter consigo a filha na clandestinidade, deixou-a ao cuidado da avó, a Flora, que já tinha outra filha, a Helena, na clandestinidade, onde morreu. Flora soube incutir nos netos o orgulho pelo pai e pela mãe que tinham.

ver. Aquele «menino» servidor do Mário, sabem?, é um criminoso, antigo agente da polícia política...

Também temos alguns. Andam por aí descansadinhos, com pensões de reforma e tudo, graças a Deus.

Flora, Flora, tantos tormentos, tanta fominha que, por nós, passaste e tão ignorada que morreste...

1

Conta-gotas

Manuel Luís Goucha é o gastrónomo que está na crista da onda. Só porque ele sabe estar na cozinha? Não só, mas também porque ele sabe estar na televisão. A gastronomia não o ajudou no teatro; o teatro ajuda-o na gastronomia.

Depois, inteligente e modesto, sabe criticar-se, sabe aprender. Entre ele, agora, e o das primeiras presenças na TV - que diferença!

Não sabe apenas aprender. A ensinar, também. Ouçamo-lo quando se refere às receitas e aos segredos culinários. «O segredo - diz ele - está nos dedos, no amor com que se fazem as coisas.»

Não apenas na culinária, digo eu.

2

No programa de Manuel Luís Goucha apareceu Fernanda Tavares Rodrigues a dizer versos. Começou agora. Pois continue, são os meus votos.

Não é fácil dizer poesia. Por que será que há tantos músicos e tão poucos recitadores? Porquê, sendo naqueles maior a exigência, mais complexo o domínio do material?

As pessoas, em geral, sofrem do complexo da recitação. Para elas, recitar é mostrar que se emocionaram. Grave equívoco. Sentir, sintam quem lê - já lá dizia o outro. Ou quem ouve.

A mim quer-me parecer que Fernanda Tavares Rodrigues coloca demasiado sentimento no que diz. A certa altura, «escutamos» mais a emoção dela do que a dos versos. Isto não é recitação, é manipulação.

Na profissão de Manuel Luís Goucha sabe-se que o melhor mestre é aquele que respeita o sabor próprio das coisas. O molho fez-se para fazer realçar o sabor e não para o destruir ou para o aldrabar. É assim ou não é?

Pois a esse princípio deve obedecer quem diz poesia. Gesto, inflexão, piano ou forte, só os indispensáveis. Aprendi isto com Manuela Porto, Helena Domingos, Mário Viegas.

Fernanda: pense no que lhe digo. Pois, se lho digo, é porque acho que vale a pena.

3

Telejornal sofre, como todos os mediocres, de macrocefalia. Cada emissão é uma lástima. Abundam as noticiinhas de Lisboa e seus termos, quando o órgão é nacional. O que mais interessa o algarvio, o beirão, o transmontano, o madeirense é saber não sei quê as Avenidas Novas, não sei quê a circular, não sei quê o trânsito em Cascais.

Imaginem só. Há dias, *Telejornal* deu, para todo o País, imagens de um incêndio, em Lisboa, de dois mil fardos de palha.

Não quero fazer, a propósito, ironia barata. Mas francamente, meus senhores!

4

Há dias, acabada a *Roda de Fogo*,

larguei-me para o *Jornal das Nove*. Ao princípio julguei que me enganara, pois continuei a ouvir sotaque brasileiro.

Não era telenovela. Era um brasileiro, motorista de camiões TIR, que dava a sua opinião sobre a IP-5.

- Quem fez a IP-5 - dizia ele - é um cara que não sabe mesmo como se faz uma estrada.

De «caras» corajosos assim é que se precisam no *Telejornal*. Aqui só há ministros...

5

Foi a corrida TV. Não vou aqui falar das incidências dela. Solilóquio o fará com o habitual salero.

Ah, mas aquele Maurício do Vale! Como é estranho andar pela TV há tantos anos com tamanha assiduidade - e não ter aprendido nada - nem a fazer um comentário, nem uma entrevista nem construir meia-dúzia de frases sem cair no mau gosto, na linguagem exuberante e mal comandada! Alguns mimos:

- Nisto de touros, se calhar quem sabe mais são os touros.

- Por uma questão pessoal, não gosto daquelas hastes alvinegras.

- O touro de lide é um dos animais que mais pontificam no nosso país.

Mais este brinquinho da sua conversa com o senhor Diogo, maior de Rio Frio:

- Você trata os touros com carinho ou despreza-os?

- Eu trato bem deles até ao momento de serem mortos...

Na corrida houve um minuto de silêncio pela morte de Cabral Valente, a quem Maurício chamou o «pioneiro» dos relactores tauromáquicos na televisão.

Faltou dizer que, como ele, não houve mais nenhum. Seria interessante saber-se que Cabral Valente foi saneado da RTP por imposição dos barões da tauromaquia que lhe temiam a independência e a frontalidade crítica...

Nem o pai morre nem a RTP aprende

Pronto. Parece que desta vez se perdeu na RTP a mania e a ilusão das telenovelas. Louvor ao bom senso! Não temos nem gente, nem estruturas, nem tradições. Riske-se da agenda.

Temos outras actividades. Luís Filipe Costa, Artur Ramos, António Vitorino de Almeida, etc., aí estão para lançar mãos à obra. Teledramáticos, histórias, séries de via reduzida - marcadas, programadas, com dia certo, hora certa. E seja o que Deus quiser!

De repente aparece essa fancaria que dá pelo nome de *Nem o Pai Morre*... Mas tudo tão mau, tudo tão primário, tudo tão soletadinho, decoradinho, declamadinho, representadinho! Júlio César e Rosa Lobato de Faria ainda procuram mostrar como se está em TV, mas tudo acaba por naufragar na pepineira da rotina e da mediocridade. Como é que actores tão consagrados não percebem que palco é uma coisa e TV é outra? Que estando ali ao pé de nós, na sala, não precisam de gritar? Manuela Maria, então, deixa-nos atarantados. Que foi que lhe deu, a ela, que sabe ser tão natural, tão sóbria?

O pai não morre. Por este andar, morremos nós!

Mário Castrim



Dona Beija: «Pioneira feminista, a seu modo»

por interposta transcrição: *Ouve medo Moisés e non ousou acatar o ângio. Quer dizer, o anjo.*

No *angioma*, do grego *aggeion* (isto é que é erudição!) o elemento significa vaso sanguíneo. Logo, o que Renato Vilar tem é um tumor pro-

Flora, Flora, uma vida de sofrimento e de combate. Tu és, sim, TU, uma grande mulher portuguesa. Às vezes, olho para certas condecorações e sinto cá uma revolta...

Vem esta memória a propósito da RODA DE FOGO. Continuem a

Falta gente nesta corrida

NEVES DE SOUSA
Enviado especial

Abalámos do Fundão, na procura da Covilhã. Vão ser 165 quilómetros de tais voltas-retas que nenhum toureiro do mundo suportava sem rasgar o brilhante traje de lúces que, há anos, eu ia com o meu bom camarada Américo Saraiva Mendes, ver entregar a Manuel dos Santos ou a José Trinchera, pela mão do melhor alfaiate dos maestros nas arenas, que se chamava Armindo e, segundo contou Solilóquio, o escritor maior das coisas vividas defronte ou com pretexto nos cornos do bicho pouco manso, já voou para onde mora a casa que ninguém conhece.

Jogámos ontem futebol: e, pela vez primeira nos anos mais contemporâneos, bate-mos, ultrapassámos, encostámos à parede, derrubámos e reduzimos ao mutismo a for-

tíssima, excepcional, ofuscante e superdotada equipa chefiada por Serafim Ferreira, o director de corrida e comandante de «O Jogo» que seleccionou a embaixada que baixou bandeira perante a minha modesta escolha. Com uma mais que tendenciosa arbitragem do conimbricense João Faria, apitador à medida do que vem acontecendo com os discípulos (atentos, venerandos e sempre obrigados) do marechal Lourenço Pinto, batemo-nos com tal brio que o êxito tinha de escolher o melhor sinal: entrando com uma formação baseada em Martins Morim, Carlos Ferro, Linhares, António Matos, Braga, Ramos Tavares, António Barroso, José Carlos de Sousa, Marinho Neves, Pedro Azevedo e Adriano Rocha, sucessivamente reanimada por entradas de Paulo Sérgio, Joca Magalhães, Costa Santos, Carlos Alberto Vermelho, Fernando Emílio, Artur Jerónimo, Fernando Paulo, José Mendes,

Fernando Neves de Sousa, José Rosa, António Ribeiro e João Oliveira, num torvelinho que o Valdemar Afonso não tinha tempo de registar para a Lusa nem os repórteres fotográficos (Bruno Neves, Amílcar Teixeira, Acácio Franco), tampouco a voz atapetadora do evento registar em toda a dimensão (porque Abel de Figueiredo estava contra o sol), ganhámos a esgrima por 2-1 (tentos de Adriano Rocha e António Barros contra um pontapé ocasional de Márcio Santos, assessor técnico da organização) deixando na algibeira uma equipa que até se reforçara com o presidente federativo Henrique Castro, com o «speaker» Neto Gomes, com o publicitário Sousa e Castro, com o médico Manuel Barreiros de Magalhães, arregimentando a peso de ouro o jornalista Rodrigo Pinto (traidor de profissão...), o tenente Matos Sousa (comandante da Brigada de Trânsito), todos aqueles que, dispondo de bo-

SMALTEX

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

SMAL — Sociedade Mecânica e Acessórios, Ld.ª

R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

tas, caneleiras e preparação caprichosa, pretendiam afrontar a Orima/Presa, que, escrupulosamente seleccionada por este vosso escriba, conseguiu um sucesso que está tendo repercussão pelas terras fora.

Sem brincadeiras

Abandonemos os devaneios, entremos em outras realidades que não apenas a festa de confraternização da caravana em que se jogou futebol no Estádio Municipal do Fundão onde compareceram todos os jornalistas excepto qualquer delegação da RTP

que, curiosa e paradoxalmente, não se privou de aparecer daí a pouco no petisco oferecido pela edilidade local aos pontapeadores do esférico, muito provavelmente porque no Lumiar ou na 5 de Outubro não lhes deram fundos para pagamento de um simples almoço onde se fizeram obrigatórios convidados.

Adiante. Haverá muito para contar (relembrar) quando se fizer a história desta Volta. Fundão meteu uma lança em riste divulgando o livro de José Monteiro, o prosador inigualável da Cova da Beira, poeta e investigador etnográfico, arqueológico e histórico com centenário do nascimento comemorado em Fevereiro. O dr. Sampaio Lopes (presidente camarário) e os vereadores António Leitão e Carlos São Martinho, mais Alexandrino Bento, Luís Leitão, José Maria Fortunato e Jorge Santos trocaram palavras connosco, sempre fazendo confluir o seu vértice para um interesse co-

não mais estão aqui a nosso lado, espreitando a tenacidade de Venceslau Fernandes, a coragem profissional de Marco Chagas ou as autenticadas credenciais desse moço quase indomável que é Joaquim Gomes.

Em voo de pássaro, percorro entre árvores frondosas. Lá estão, no mesmo ramo, Jorge Lara e Ribeiro da Silva, professor e aluno, o mestre cada dia que foi galgando para a aceleração final mais envolvido numa teia de aranha que não poderia perdoar-lhe o comando de quantos sabem alguma coisa de ciclismo, o discípulo e integrante dessa plêiade ofuscante que o homem-desporto da Riopelle tinha reunido no Académico do Porto a despedir-se de todos nós naquela noite em que um acidente de motocicleta o escamoteou à vida. Jorge Lara, anos a fio director da Volta e planificador de uma sucessão de grandes prémios, ensinador de muitos outros vin-



Pausa dos guerreiros

A nossa equipa de reportagem viaja numa viatura RENAULT gentilmente cedida por:

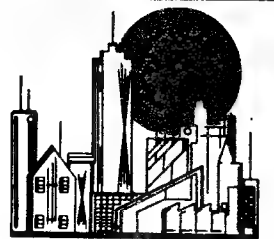
SACAVENAUTO

Estrada Nac. N.º 10 — N.º 69 • Sacavém • Tel. 942 50 40 • 942 52 40

mum: para o ano, haverá não apenas uma chegada ao Fundão mas também um contralógio na cintura da cidade, «porque nada melhor que o ciclismo para chamar milhares de pessoas a cada meta» — como salientou o timoneiro da edilidade, perante convivas onde sobressaía Mário Miranda de Almeida (o empresário do Orima/Cantanhede) que nos forneceu equipamentos para o joguinho e a quem os jornalistas resolveram oferecer o troféu da Sicasal que estava na balança dos atentados à segurança e resistência da esfera aos pulos.

Era fácil trazer para aqui as mil conversas escutadas durante o dia de pausa no Fundão: tantas e tão variadas que vão dar para alimentar crónicas futuras. Mas, o que me deu para cismar foi no peso e classe de tantos amigos que o ciclismo foi perdendo e, hoje,

douros, vendo marchar à sua frente o vencedor dos lusitanos Tours de 55 e 57, estabelecida uma oposição a Alves Barbosa e criada uma luta homérica que deliciava as multidões. Foi aquele tempo em que Agostinho Ferreira e Alberto Carvalho, Antonino Baptista e outros pedaladores de muito rija cepa continuavam os feitos autorizados pelo jornalista Raul de Oliveira, então director do extinto «Sports» (mais tarde «Mundo Desportivo»), naquele leque de provas organizadas pelo «Diário de Notícias» nos bons e velhos mas belos tempos da nossa pedalada ter gigantes como João Rebelo e Fernando Moreira, figuras que tinham recebido o testemunho de Nicolau e Trindade, Faísca e Francisco Inácio, lendas (ou não?) dessa epopeia do homem sobre o selim que a maior excelência da pena des-



urbicidade
MEDIADORES
ALMADA

TEMOS PARA VENDA

**EM LISBOA: LOTES DE TERRENO — PRÉDIOS DEVOLUTOS
COM PROJECTO APROVADO EM TODAS AS ZONAS DA CIDADE
AOS MELHORES PREÇOS — HABITAÇÃO — ESCRITÓRIOS
— CENTROS COMERCIAIS — HOTÉIS — APARTHOTÉIS**

CONTACTE-NOS:

Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 46, 4.ª, Esq. — 2800 ALMADA-PORTUGAL — Telef.: (01) 274 42 56 - 274 42 57 — Fax 274 36 53 — Telex 61004 TRIALM P — Apartado 33 — ALMADA-PORTUGAL



O nosso camarada Neves de Sousa no momento em que determinava o plano tático para o confronto de ontem no Estádio Municipal do Fundão



portiva domesticada (refiro-me, obviamente, ao dr. Tavares da Silva) cantou para sempre nas páginas do nosso «Diário de Lisboa».

Em doses que corroeram o coração e afrontaram a resistência a lágrimas, foram desaparecendo do nosso convívio os perfis de Morbey Rodrigues e Joaquim Faisca (idealizadores de competições patrocinadas pela Philips), aquela infernal dupla Fernando Ávila/Mateus, o jornalista e o seu condutor arrebatando para o «Diário Popular» larga falange de clientela que, no seu bem-querer, nem sabiam que o Ávila da bela Teresinha do Parque Mayer mais o seu «chauffeur» sabiam de cor e salteado todas as manhas para baterem, nas épocas quase he-

róicas em que fazer reportagem de uma Volta a Portugal obrigava a argúcia incomum para não ficar no zero, nesse idos tempos em que tudo se transmitia ao nosso jornal pelo telefone, estavam as pensões a ressonar, ficavam ocupadas pela lubrificada parelha de vizinhos aqui da rua, tudo o que era transmissão antes do tombar da noite. A malta bem solicitava pré-avisos telefónicos: Fernando Ávila (que nos céus lhe perdoem essa estúcia) ficava minutos infinitos perguntando para Lisboa como estava o tempo, quem chegara ao aeroporto ou à Doca da Rocha do Conde de Óbidos. O importante (e quase sempre conseguido) era impedir que a concorrência mais directa, tivesse acesso ao fio que condu-

zia as notícias.

Já lá está, ao lado de um dos mais excelentes amigos que o ciclismo alguma vez conheceu: João Damasceno Covão, homem mais que forte na Robbialac de anos em torrente que conseguiu (até) associar o nome da sua empresa a uma Volta a Portugal. Deu alma a

corpo a um punhado de competições hoje lembrados com palavra embargada, foi o grande «culpado» desse rapaz de Brejijas Joaquim Agostinho ter entrado firmemente no ciclismo mundial. Na época em que Agostinho começou, Damasceno Covão encabeçava o Conselho de Justiça da Federação de Ciclismo e, logo, numa das primeiras provas em que o corredor de leão ao peito mostrou que não era sopa, o mocetão travou-se de razões com o benfiquista Pedro Moreira, foi uma esgrima de sopapo na estrada que criou bicho. Podiam ter sido irradiados, mas o valor do sportinguista aflorou no julgamento de Damasceno Covão: e a punição ficou-se pelas meias-tintas, perdoado igual-

SMALTEX

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

SMAL — Sociedade Mecânica
e Acessórios, Ld.ª

R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

SMALTEX

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

SMAL — Sociedade Mecânica
e Acessórios, Ld.ª

R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

mente o esguio Pedro Moreira por charneira ao futuro campeãoíssimo, Damasceno para sempre satisfeito por ter ajudado a fazer regressar ao seu desporto o ciclista que então apenas tinha pedalado numa dúzia de provas mas em cada uma ia afirmando maior validade para os voos mais elevados.

Agostinho, o rapaz traquina do «douce» para travagem do pelotão, que também já anda pelos céus, certeza indagando do dr. Pereira da Silva o rumo a dar a esta inesperada carreira entre nuvens. E lá bem por cima viaja mais gente: Idaliano de Freitas (presidente excepcional da Federação de Ciclismo, personalidade intocável no seu benfiquismo e no conhecimento de tudo o que era velocipedista), Alberto Oliveira (o melhor estafeta-moto que alguma vez a Volta conheceu), um rei do «sprint» que foi conhecido por Fernando Moreira, um treinador da envergadura de Honório Francisco (colhido na rede da infelicidade duas semanas depois de ter conduzido o Louletano para o máximo êxito, estava o vitorioso

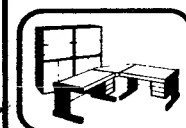
treinador ao volante de um automóvel que subia a Calçada de Carriche), José Zeferino traçado pela foice numa competição algarvia, José Amaro levado pelo cancro para a mesma carruagem onde foi deitado o meu muito querido companheiro de tantos mil quilómetros que foi Adolfo Rodrigues, alma-mater do Pinheiro de Loures e, anos a fio, timoneiro do carro que o «DL» enviava para a estrada na reportagem voltista.

Dos vivos, apenas episodicamente passam a nosso lado Domingos Claudino e Casimiro Coelho Lima, Mandanças e Manuel Tiago, já nem aparecem os chefes de equipas como Mário Miranda ou António Teixeira, os patrocinadores de turmas do quilate de António Domingues ou do Garcia Joalheiro. Foram desaparecendo camisolas: Louletano/Vale do Lobo, Torreense, Ajactó, Coimbrões, Bombarralense, Águias de Alpiarça, Sangalhos. Não se houve falar nessa contínua e sempre renovada lengalenga usada em tempos de eleição no Benfica, no Sporting, no Futebol Clube do Porto, no Machado Leite e outros bons fregueses do ciclismo estão distantes mil abraços da nossa saudação.

Não restem dúvidas: muita gente está faltando nesta Volta. Em 1991, quantos mais de nós teremos encostado às boxes, dizendo adeus ao convívio que em cada ano rejuvenesce muitas vidas mas, simultaneamente, cada vez faz aflorar mais compactas e duras saudades?



Delícias da Sicasal



maquirema

Soc. Imp. e Rev. de Máquinas

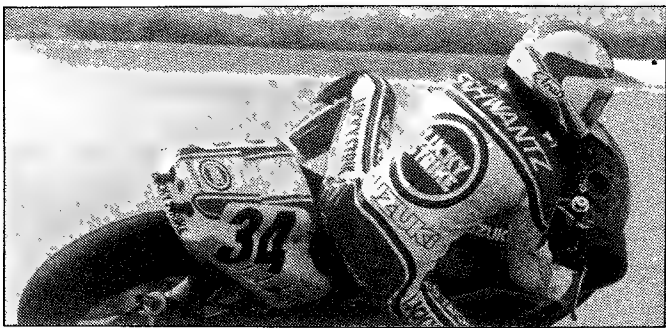
Um espaço no seu escritório

Telefones 474 46 52 - 474 50 74

Amanhã: Covilhã-Lamego

Amanhã, com a «alvorada» marcada para as 10 horas, disputa-se a 11.ª etapa entre a Covilhã e Lamego na distância de 169 quilómetros com passagem em Gaia, Vendas da Vela, Santa Cruz, Celorico da Beira, Chãos, Porto de Carne, Lageosa do Mondego, Ratoeira, Freches, Trancoso, Rio de Mel, Bem Vende, Ponte do Abade, Vila da Rua, Leomil, Barracão, Granja Nova, Ponte Nova, Rossas e Britiande. A chegada está prevista para as 14 e 30 horas se a média de 37 km/h for respeitada.

DESPORTO



Mundial de motociclismo

Schwantz soma e segue

O norte-americano Kevin Schwantz (Suzuki/Lucky Strike) registou em Donington Park, o seu segundo triunfo consecutivo no Grande Prémio de Inglaterra e a quinta vitória desta temporada.

Largando da primeira fila da grelha, partilhada com Eddie Lawson e Wayne Rainey (ambos da Yamaha/Marlboro) e Wayne Gardner (Honda/Rothmans) que detinha a *pole position*, Schwantz apenas secundou Lawson durante as primeiras dez voltas.

Gardner, que aspirava à vitória junto do público que o viu estrear na alta competição, foi traído pelo motor da Honda/Rothmans, sem chegar a completar uma volta. O australiano experimentava um novo motor e um sistema inédito de travagem, composto por um disco de aço e outro de carbono.

Durante as primeiras voltas, Lawson comandou sempre, seguido de muito perto por Schwantz (que faria logo na terceira volta o melhor tempo) e Rainey. Entretanto, um outro grupo composto por McKenzie (Suzuki/Lucky Strike) e Michael Doohan (Honda/Rothmans), destacava-se do pelotão sem hipótese de se chegar aos pilotos da frente.

Há nona volta Schwantz ultrapassou Lawson, que o voltou a ultrapassar. Não resistindo ao andamento que o norte-americano retirava da Suzuki/Lucky Strike, Lawson passou a defender a segunda posição enquanto a corrida não registava mais alterações nos cinco primeiros lugares.

Imparável, Schwantz está agora a 27 pontos do comandante do Campeonato, Rainey, que arrecadou três pontos em Donington Park.

Na corrida de 250 c.c., Luca Cadalora (Yamaha/Marlboro) superiorizou o piloto japonês Mashiro Shimizu (Honda/Ajinomoto), e o alemão Helmut Bradl (Honda/HB) que terminou na terceira posição.

John Kocinski catu quando liderava a corrida, vendo-se ultrapassado no comando do Mundial pelo espanhol Carlos Cardus (Honda/Repsol), que cortou a meta, em Donington Park, na quinta posição.

J.F.

Atletismo: Europeu de juniores

Lucrécia Jardim: mais um recorde

Lucrécia Jardim foi a figura de proa da selecção portuguesa que se encontra na Bulgária a participar nos Mundiais de juniores, ao correr a distância em 11,60, tempo que passa a constituir recorde nacional da categoria. Será que a jovem atleta benfiquista irá, na final, derrubar o máximo absoluto (11,56) na posse de Virginia Gomes?

Igualmente em evidência estiveram as gémeas Maria José e Maria João Valamatos nos 400 metros barreiras e Pedro Rodrigues na

mesma disciplina.

Vejam os resultados dos nossos atletas durante a jornada inaugural:

Dcatlo: Mário Aníbal (100m: 11,51; comprimento: 6,63; peso: 12,98; altura: 2,03). **400m barreiras:** Pedro Rodrigues, 52,01; **400m:** José Mendes, 47,99; **800m:** Henrique Meira, 1.52,43. **100m:** Lucrécia Jardim, 11,60; **400m barreiras:** Maria João Valamatos, 58,78; Maria José Valamatos, 59,44; **800m:** Carla Sacramento, 2.10,56.



Évora: desporto para todos

A fase concelhia das II Olimpíadas Populares do Distrito de Évora, prossegue nos vários concelhos, com animação e muitos participantes, pelo que tudo leva a crer que os 12 mil praticantes, anunciados na recente conferência de Imprensa da Associação dos Municípios do Distrito de Évora, sejam atingidos ou até ultrapassados.

O público também tem aderido especialmente aos jogos de futebol, mas tem sido particularmente notada a grande participação de jovens praticando as diversas modalidades. Deste modo, as câmaras municipais continuam a apetrechar-se com meios humanos e materiais de forma a corresponderem ao crescente entusiasmo das populações

pela prática desportiva.

Resultados finais de algumas contempetições de âmbito concelhio de apuramento para a fase distrital das II Olimpíadas Populares do Distrito de Évora que se realizará em Setembro com o festival de encerramento marcado para o dia 30:

PORTEL: Pesca Desportiva: Seniores - 1.º Lameira (Portel); 2.º António Filipe (Monte Trigo); 3.º Jorge Luís (Monte Trigo). Iniciados: 1.º Paulo Mata (Portel). Segundo curso - Seniores: 1.º José Luís; iniciados: Jorge Miguel.

Futebol de onze - 1.º Grupo Desportivo de Monte Trigo que venceu, na final, GD S. Bartolomeu do Outeiro, no

desempate por grandes penalidades (7-6).

Sueca - 1.º Manuel Rebocho/Manuel Joaquim Neves; 2.º Manuel João Fialho/Francisco Rasgado.

BORBA: Futebol de 5 masculino - Resultados: Pátria Nuno - Curvomarmores, 6-3; Miléne - Armazéns Aragones, 4-3; Desconhecidos - Construções Metálicas, 2-2; Pastelaria Castanha - Diabos Vermelhos, 7-1; Lusíadas - Vulcanizador, 4-4; Café Central - Curvomarmores, 7-1; Vulcanizador - Curvomarmores, 1-5; Lusíadas - Rádio Borba, 0-6; Curvomarmores - Miléne, 5-2; Pastelaria Castanha - Desconhecidos, 3-1; Construções Metálicas - Diabos Vermelhos, 3-0.

ARRAIÓLOS: Futebol de 5 (masculinos) - classificação final: 1.º CCD Santana do Campo, 4 pontos; 2.º LCD Arraiolos, 0; 3.º VFC Sabugueiro, 0-0. O primeiro classificado jogará na fase distrital.

Évora: Tiro aos pratos - Efectivos: 1.º José Manuel Martins (Évora); 2.º Mateus Vasques (Azaruja); 3.º José Prates (S. Miguel de Machede). Suplentes: 1.º Gabriel Vicente (S. Manços); 2.º Francisco Carvalho (S. Miguel de Machede); 3.º Arlindo Gato (Évora).

MORA: Tiro ao alvo - Classificação final: 1.º Carlos Correia (Brotas), 176 pontos; 2.º José Miguel Vitorino (Brotas), 160; 3.º José Pinto (Brotas), 160.

assim vai o

totobola

Penalti: 212 121 111 1111; Jornal da Beira: 21X 121 111 1111; O Comércio de Leixões: 211 X21 111 1111; De Tudo Um Pouco: 2XX 221 2X1 11X1; Correio de Coimbra: XIX 121 111 X111; Correio do Vouga: X11 XX1 111 X11X; A Defesa: X12 111 X11 2111; Defesa de Espinho: 21X 21X 12X 1X21; Diário de Lisboa: 1X2 11X 211 112X; Diário de Viseu: 1XX 121 1X1 11X1; Rádio Nova Antena: 212 X2X 111 X111; Folha do Domingo: 22X XX1 111 111X; Ecos de Cacia: 212 121 X11 1111; Eu Sei Tudo: 112 XIX X21 1112; O Jornal de Felgueiras: XX1 X21 X11 X111; Jornal de Gaia: XX2 2X1 1X1 1X12; O Almonda: XIX 111 111 X111; Rádio Guarda: X12

XXX 1XX 112X; Jornal da Graça: 2X1 221 21X 2X1X; Rádio Totobola: X12 X21 X11 111X; Linhas de Elvas: 2XX 122 X11 111X; Litoral: 21X X21 X11 X111; O Jornal da Lixa: 112 121 X11 1111; Maria da Fonte: X22 121 211 1111; O Mensageiro: 11X X21 11X 2211; No Estádio e No Estádio: 1X2 1X1 121 X111; Notícias de Felgueiras: XX1 X21 X11 X111; Notícias de Gouveia: X21 121 211 2112; Jornal 1X2: 2X2 X21 111 1X11; Notícias de Viseu: 11X 121 111 11X1; Semanário da Região Bairradina: 11X XX1 111 111X; Bom Dia: 22X 221 X11 11X1; Tempo e Resultados: X12 X21 111 11X1; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 2X2 121 X11 1X11;

Tempo de Desporto: XX2 121 211 111X; RR/Desporto: 111 XIX 211 X1X1; Frente Desportiva: 112 X11 1X2 112X; Alvo Desportivo: 11X 111 111 1111; Rádio Alvo: 111 121 111 1111; Alvo: XX2 XX1 X11 1111; Alvo Suplemento: 111 1X1 111 1111; A Voz do Domingo: 21X X21 X11 1111; Voz de Lamego: 111 111 111 1111; A Voz dos Ridículos: 111 X11 X11 1111; Desporto/Rádio Guarda: 1XX 11X X11 XX11; Contacto/Rádio Guarda: X21 22X 12X 21X2; Encontro Com a Manhã: 212 XX1 XX2 X121; Meia Tarde: XXX 11X X11 1X1X; Convidámos para Lançar: 111 XX1 22X X2X1; Tarde Desportiva: 2XX 1XX 1X1 X11X; Livre e Directo: X11 X21

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 32/90 DE 12 DE AGOSTO DE 1990

	RESUMO			BOLAS (º)		
	1	X	2	1	X	2
1. Nantes - Mónaco	18	21	18	4	4	4
2. Caen - Sochaux	32	20	5	7	4	1
3. Metz - Bordéus	16	20	21	3	4	5
4. Lille - Toulouse	28	23	6	6	5	1
5. Lyon - Marselha	15	12	30	3	3	6
6. Nice - Cannes	41	13	3	8	3	1
7. Auxerre - Saint Etienne	27	21	9	6	4	2
8. Toulon - Brest	41	9	7	9	2	1
9. Bayern - B. Leverk.	48	7	2	10	1	1
10. E. Franc. - Karlsruhe	34	17	6	7	4	1
11. Hamburgo - Kaisersl.	44	11	2	9	2	1
12. Colónia - F. Dusseldorf	41	9	7	9	2	1
13. B. M'Galdbach - Bochum	37	13	7	7	3	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
X12 121 111 1111

XX1 2111; Rádio Viriato: XX2 1XX 111 X112; Um Caso Por Semana: X22 11X X11 XX12;

Foi Notícia: XIX 122 X11 1X2X; Desporto e Música: 111 X12 211 XX21; Cultura e Recreio:

2XX 121 X2X 1111; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: XX1 11X 1X1 XXX2.

DESPORTO



O Sporting realiza amanhã o primeiro encontro a contar para o Troféu Marlboro defrontando o Alianza de Lima. Dos elementos que, na passada terça-feira, formaram o onze inicial que «cilindrou» o Atlético de Madrid, Venâncio não se deslocou aos EUA por medida de precaução

William ingressou no Benfica

Benfica e Vitória de Guimarães, através de Jorge de Brito e Pimenta Machado, acordaram na transferência do brasileiro William do clube minhoto para a Luz. Inicialmente, o presidente do Vitória colocava na base negocial a cedência de Pacheco que recusou servir de «moeda de troca» originando novo encaminhamento das conversações e, ao que sabemos, os «cifrões» foram reajustados e, a partir de hoje, Aldair já tem substituto no eixo defensivo da turma benfiquista do mesmo modo que Samuel conta com novo concorrente.

Benfica-Belenenses hoje no Estádio da Luz

Para apresentação da equipa aos seus associados e demais adeptos, o Benfica receberá hoje (21 horas) a turma principal do Belenenses (com Chalanha incluído) para um confronto «amistoso» que, naturalmente, irá proporcionar a presença de muitos milhares de espectadores afectos aos dois emblemas em presença.

Vitor Santos: homenagem

Por iniciativa de Acácio Rosa, Fernando Martins e Fernando Oliveira vai ser constituída uma comissão alargada destinada a promover uma homenagem, de carácter nacional, ao jornalista Vitor Santos, chefe de redacção de «A Bola».

Controlo «antidoping» na «liguilla»

O presidente do Clube de Futebol União (Madeira), Jaime Ramos, disse ter solicitado à Federação Portuguesa de Futebol a introdução do con-

trolo «antidoping» em todos os jogos relativos à «liguilla» de acesso à Primeira Divisão.

Segundo Jaime Ramos a decisão do clube madeirense prende-se com a necessidade de salvaguardar a igualdade entre todos os clubes intervenientes na competição, impedindo deste modo o recurso a subterfúgios, nomeadamente, a utilização de produtos proibidos.

O dirigente insular disse que a proposta do União «foi aceite pela Federação Portuguesa de Futebol» o que implica a realização, em todos os jogos, de controlo «antidoping» medida que considerou «de grande importância para todos os participantes na competição».

«Dragões» na Holanda

O FC Porto, sem Madjer e Geraldão, partiu hoje para a Holanda, onde amanhã defronta o Sparta de Praga a contar para o Torneio Internacional de Roterdão.

No domingo, os portistas jogarão contra a formação holandesa do Feyenoord, numa prova que conta ainda com a participação da equipa inglesa do Everton.

O torneio dispõe de um peculiar regulamento e o vencedor será a equipa mais pontuada após os dois encontros e para a eventual necessidade de desempate na classificação final em todos os jogos proceder-se-á à marcação de grandes penalidades após os noventa minutos regulamentares.

O lote dos jogadores convocados é constituído por Vitor Baía, Padrão, João Pinto, Tavares, Aloísio, Branco, Bandeirinha, Abílio, André, Kiki, Jaime Magalhães, Seme-

do, Jorge Couto, Domingos, Jorge Plácido, Paille e Kostadinov.

Pancadaria nos Barreiros

O encontro Marítimo Nacional a contar para o Torneio Madeira Autonomia foi caracterizado pela violência por culpa (não exclusiva) do árbitro Teixeira Dória que há muito demonstrou não reunir as condições mínimas para exercer a missão. O Marítimo — que venceu por 2-1 — é já o virtual vencedor do torneio.

Braga vence Taça Amizade

O Sporting de Braga conquistou a Taça Amizade, em futebol, ao empatar a um golo com o Vitória de Guimarães, em encontro da segunda mão disputado no Estádio Primeiro de Maio, na capital minhoto.

No jogo da primeira mão, efectuado sábado último em Fafe, a turma bracarense havia ganho por 1-0, conseguindo assim um total de 2-1 a seu favor, nos dois jogos.

O encontro de ontem foi dirigido pelo internacional bracarense Fortunato Azevedo e as equipas alinharam: Sporting de Braga: Luís Manuel; Chico Silva; Laureta e Moroni; Vitor Duarte, José Mário; Valtinho, Pinga (Carvalho, 82 minutos), e Serra; Vinicius (Fernando Pires, 45) e Santos (Gama, 70).

Vitória de Guimarães: Jesus; Alberto, Jorge, Fonseca e Bené, Basaúla (Carvalho, 75), João Batista, N'Dinga (Peixoto, 78) e Chiquinho, Soeiro e Basílio.

Prado diz «não» à «liguilla»

O Grupo Desportivo de

Prado faltará domingo ao jogo com o Fronteirense, da «liguilla» de apuramento para a Terceira Divisão nacional de futebol.

Fundado em 1927, e tendo já disputado o Campeonato Nacional de futebol da II Divisão, o Grupo Desportivo de Prado atravessa a sua maior crise directiva dos últimos anos, encontrando-se neste momento sem direcção, treinador e jogadores.

O ex-secretário do clube enviou já uma carta à Associação de Futebol de Braga onde afirma que o Prado não comparece ao jogo com o Fronteirense, que ficará assim automaticamente apurado para a segunda eliminatória da «liguilla» que dará acesso ao Campeonato da Terceira Divisão.

«Chicotada» no Bordéus

O treinador belga Raymond Goethals desvinculou-se do compromisso que o vinculava ao Guirondins de Bordéus desde a temporada transacta.

A iniciativa pertenceu ao clube francês, tendo Goethals acordado na proposta de rescisão do contrato. O técnico adjunto Gernot Rohr, assumiu desde logo a missão de render Raymond Goethals.

O treinador belga, que exerceu durante alguns anos o cargo de seleccionador do seu país, trabalhou igualmente no futebol português ao serviço do Vitória de Guimarães.

Na época passada, o Bordéus concluiu o Campeonato francês na segunda posição, logo a seguir ao Marselha, e no Campeonato em curso obteve, nos três jogos já realizados, apenas um triunfo e duas derrotas, ocupando a 17.ª posição na tabela.

Equívocos

Por muito que o jurista-presidente do Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol, dr. Lourenço Pinto, insista em fazer crer que reina plena concórdia entre os membros do sector que dirige e que existe aceitação generalizada quanto ao funcionamento que entendeu isoladamente implantar, a realidade é bem diferente. E para que não hajam equívocos bastará atentarmos nesta afirmação do seu colega (dirigente e não advogado) Porfírio Alves em entrevista hoje publicada no jornal «A Bola»: «Acredito que o próprio dr. Lourenço Pinto, como pessoa inteligente e culta que é, irá propôr ao Conselho as mudanças necessárias para o tornar um grupo forte e coeso, capaz de transmitir respeito e confiança aos agentes desportivos e tranquilidade aos árbitros. E, ao libertar-se do desgaste a que, forçosamente, estará sempre sujeito qualquer nomeador exclusivo, o dr. Lourenço Pinto até passará a dispor de mais tempo para, com o apoio dos seus colegas de elenco, conseguir a autonomia administrativa, questão essencial, quer para se oferecerem melhores condições aos árbitros (responsabilizando-os, ao mesmo tempo, por um comportamento social-desportivo que dignifique a arbitragem), quer para se avançar para um plano de formação ousado, com objectivos traçados a curto, médio e longo prazo (de modo a conseguir-se, progressivamente, uma melhoria qualitativa dos árbitros, nos aspectos técnico e intelectual), quer ainda para apetrechar os serviços do Conselho de Arbitragem (parado há muito tempo no capítulo de modernidade, situação certamente frustrante para os funcionários competentes e dedicados que o compõem) com os meios tecnológicos necessários a um mais rápido e mais eficiente funcionamento».

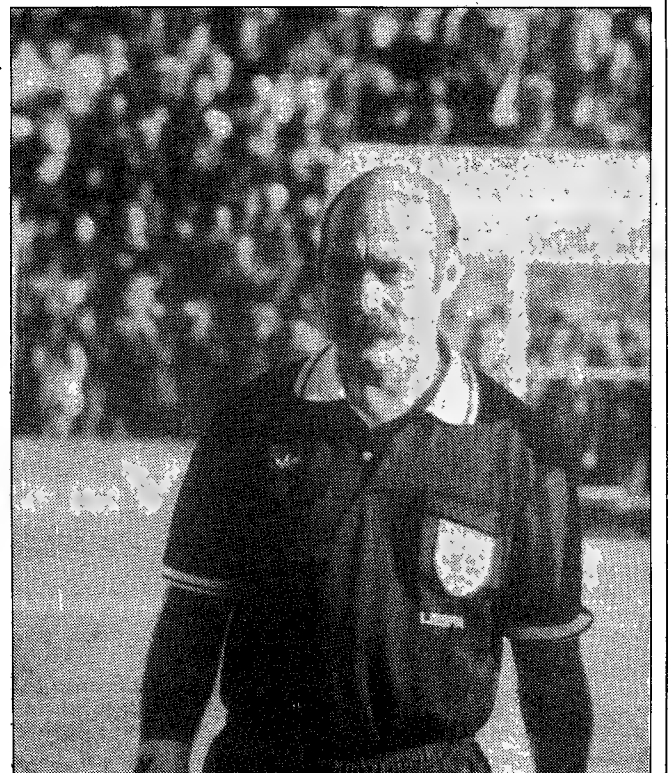
A denúncia quanto à prepotência, falta de coesão entre os membros do conselho e a necessidade do reapetrechamento dos serviços fica à consideração do dr. Lourenço Pinto e, obviamente, que os demais cinco parceiros de Porfírio Alves, não deixaram de lhe avaliar os reparos feitos. Que não se limitam aos acima citados, nem estes se apresentam com maior gravidade.

No que respeita às tabelas classificativas, é indecifrável como os árbitros atingidos pelo critério do presidente ao elaborar (como publicamente afirmou) duas pautas distintas e os delegados técnicos silenciaram a afronta. A propósito, aqui se transcreve o que se encontra legislado sobre o assunto: «As classificações dos árbitros serão atribuídas pelo Conselho de Arbitragem da Federação, a partir dos relatórios dos delegados técnicos, sendo utilizados os factores de correcção obrigatórios uniformes e previamente estabelecidos no início de cada época e que, em princípio, serão os seguintes:»

- «a) grau de dificuldade dos jogos;»
- «b) os resultados dos testes escritos e físicos a realizar durante a época;»
- «c) o factor de correcção dos delegados técnicos.»

«Os árbitros em observação, candidatos a internacionais, deverão ser objecto de delegações especiais, que apenas influenciarão a classificação entre si.»

É isto que consta do Regulamento da Arbitragem (Art.ºs 38.º e 39.º) mas assim não foi cumprido. E sabe-se que Francisco Silva surgiu na pauta de valores colocado em 31.º lugar para depois aparecer no 7.º posto. Um caso que talvez um dia o dr. Lourenço Pinto possa explicar e é bom que o faça sem demora.



Rosa Santos: mais duas chamadas

Mudando de tema. Rosa Santos (Grasshoppers - Estrela Vermelha, para a Taça dos Campeões, e Roménia - Bélgica, para o «Europeu» de selecções «A»), Carlos Valente (Antuérpia - Frencvaros, para a Taça UEFA), Pinto Correia (Espanha - Islândia, de Sub-21) e Fortunato Azevedo (Espanha - Itália, para o «Europeu» Feminino) foram nomeados pela UEFA, o que atesta que o valor da nossa arbitragem é reconhecido para lá de Barrancos.

Alves Henriques

I Série N.º 183
Dia 9 de Agosto
DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Assembleia da República

Lei n.º 25/90:
Autorização legislativa sobre o regime jurídico das assembleias distritais.

Lei n.º 26/90:
Elevação da povoação de Carregosa à categoria de vila.

Lei n.º 27/90:
Elevação da povoação de Carapinheira à categoria de vila.

Lei n.º 28/90:
Elevação da povoação de Izeda à categoria de vila.

Lei n.º 29/90:
Elevação da povoação de Sendim à categoria de vila.

Lei n.º 30/90:
Elevação da povoação de Juncal à categoria de vila.

Lei n.º 31/90:
Elevação da povoação de São Martinho do Porto à categoria de vila.

Lei n.º 32/90:
Elevação da povoação de Barrosas à categoria de vila.

Lei n.º 33/90:
Elevação da povoação de Carrazedo de Montenegro à categoria de vila.

Lei n.º 34/90:
Elevação da vila de Ílhavo à categoria de cidade.

Lei n.º 35/90:
Elevação da vila de Loures à categoria de cidade.

Lei n.º 36/90:
Elevação da vila de Alverca do Ribatejo à categoria de cidade.

Ministério das Finanças

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 3.874.396 contos.

Ministérios das Finanças,
do Planeamento e da Administração
do Território e da Justiça

Portaria n.º 652/90:
Aumenta os quadros de pessoal da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, do Ministério da Justiça.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 34/90:
Aprova o Protocolo Adicional ao Acordo de Cooperação Jurídica entre a República Portuguesa e a República da Guiné-Bissau.

Decreto n.º 35/90:
Aprova o Acordo de Cooperação Técnica no Domínio da Polícia entre a República Portuguesa e a República de Cabo Verde.

Portaria n.º 653/90:
Fixa os mapas do pessoal assalariado das embaixadas e consulados, com efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1990.

Avisos:
Torna público ter a Finlândia assinado e ratificado o Acordo Europeu Relativo à Supressão de Vistos para os Refugiados e assinado e aceite o Acordo Europeu sobre a Transferência da Responsabilidade em relação aos Refugiados.
Torna público terem a URSS e os Estados Unidos da América aceite as emendas de 1986 introduzidas nos artigos 24.º e 25.º da Constituição da Organização Mundial de Saúde, assinada em Nova Iorque, em 22 de Julho de 1946, conforme foram adoptadas pela 39.ª Assembleia Mundial de Saúde.

Ministério da Agricultura,
Pescas e Alimentação

Portaria n.º 654/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Brava» e outras, situadas na freguesia e concelho de Mértola.

Portaria n.º 655/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade dos Concelhos» e «Herdade de Alcarou de Cima», situadas na freguesia e concelho de Arraiolos, e «Herdade de Alcarou do Meio», situada na freguesia de Pavia, concelho de Mora.

Portaria n.º 656/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Defesa de S. Brás» e outras, situadas na freguesia de São João Baptista, concelho de Moura.

Ministério das Obras Públicas,
Transportes e Comunicações

Decreto Regulamentar n.º 24/90:
Estabelece a servidão aeronáutica do Aeródromo Municipal de Cascais.

Ministério do Emprego
e da Segurança Social

Decreto Regulamentar n.º 25/90:
Regulamenta alguns aspectos da Lei n.º 1/89, sobre a protecção nas incapacidades permanentes resultantes de paramiloidose familiar.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

H O J E
CONTINENTE

Em todo o território
Céu pouco nublado ou limpo.
Vento fraco do quadrante Leste, soprando moderado de Noroeste durante a tarde no litoral Oeste. Neblinas ou nevoeiros matinais na faixa costeira ocidental.

Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e na Costa Sul, também de pequena vaga mas com ondulação sueste de 1 metro no Sotavento e inferior a 1 metro no Barlavento.

Amanhã e depois
Céu pouco nublado ou limpo.
Vento geralmente fraco, soprando moderado de Noroeste durante a tarde no litoral Oeste. Neblinas ou nevoeiros matinais na faixa costeira ocidental.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado.
Vento fraco a moderado de Nordeste.
Mar de pequena vaga a cavado com ondulação norte de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Céu geralmente pouco nublado.
Vento fraco.

Amanhã e depois
Períodos de céu muito nublado.
Vento fraco a moderado de Nordeste.

AÇORES

Grupo Ocidental
Céu geralmente muito nublado.
Vento fraco a moderado de Sueste, por vezes com rajadas fortes, rodando gradualmente para Nordeste. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação nordeste de 1 a 2 metros.

Grupo Central
Céu geralmente muito nublado.
Vento moderado de Sul, por vezes com rajadas fortes. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação nordeste de 1 a 2 metros.

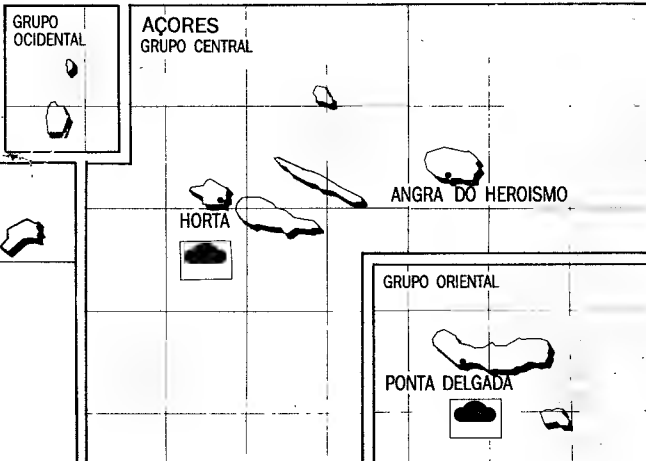
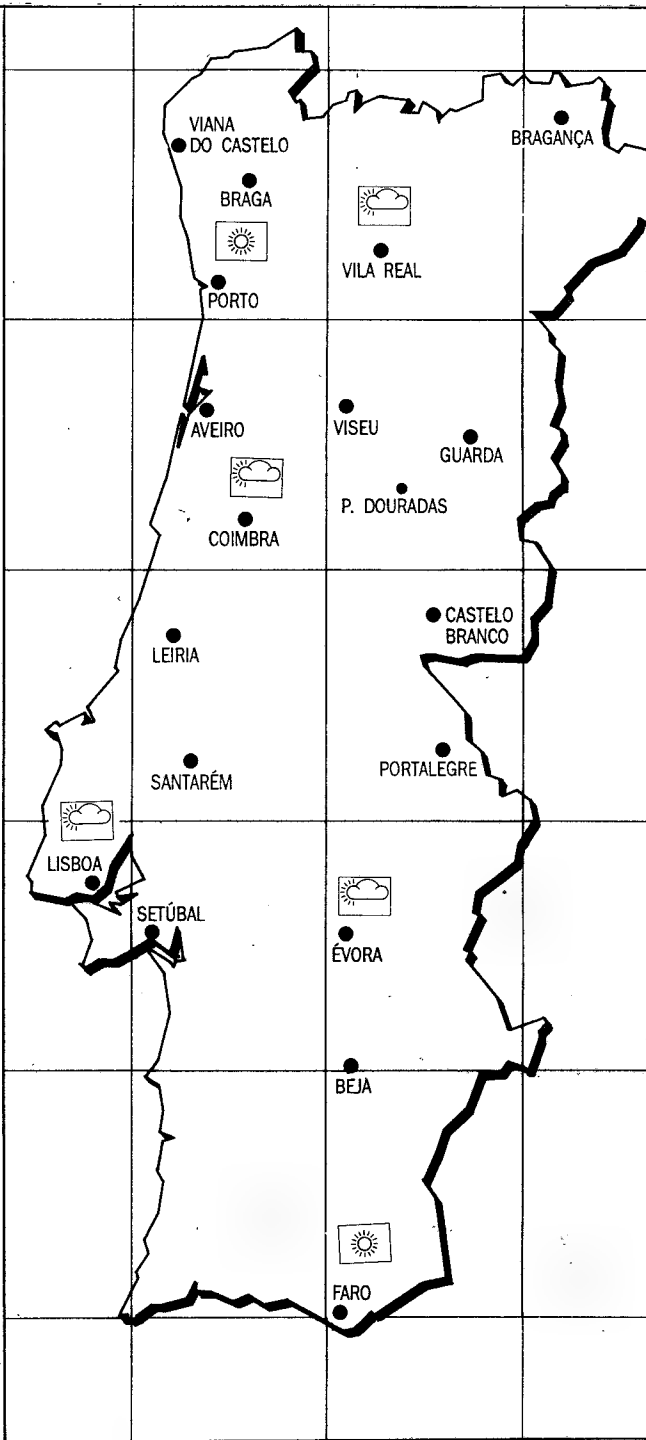
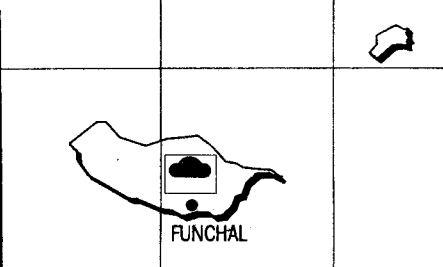
Grupo Oriental
Períodos de céu muito nublado.
Vento fraco a moderado de Sul, por vezes com rajadas fortes. Possibilidade de aguaceiros.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação nordeste de 1 a 2 metros.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado.
Vento fraco a moderado do quadrante Sul, por vezes com rajadas. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado.
Vento fraco a moderado do quadrante Sul. Aguaceiros.

MADEIRA



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoadas
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

M A R É S

Hoje			
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
05.43	3,6m	11.15	0,6m
17.56	3,8m	23.39	0,5m
Amanhã			
05.17	3,6m	11.53	0,6m
18.32	3,7m	00.18	0,6m

PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança.....	14	14	Limpo
V. Castelo.....	15	15	Neblina
Vila Real.....	17	17	Limpo
Porto.....	18	19	Bruma
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	16	16	Limpo
C. Carvoeiro.....	16	17	Neblina
C. Branco.....	21	21	Limpo
Portalegre.....	19	19	Neblina
Lisboa.....	20	21	Bruma
Évora.....	21	21	Limpo
Beja.....	22	22	Neblina
Sines.....	-	-	-
Faro.....	22	23	Limpo
Sagres.....	20	20	M. nub.
P. Delgada.....	21	22	Neblina
Horta.....	20	21	Aguaceiros
Funchal.....	21	21	Limpo

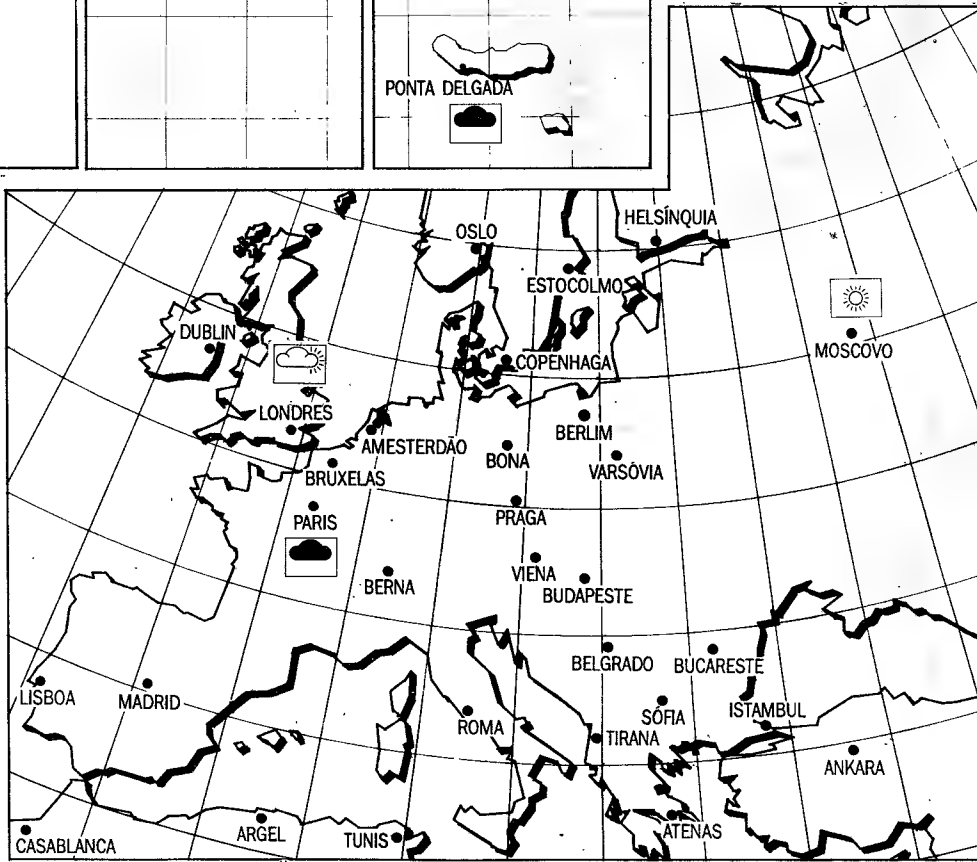
EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid.....	18	18	Limpo
Londres.....	14	15	M. nub.
Paris.....	13	14	M. nub.
Bruxelas.....	15	15	M. nub.
Amesterdão.....	13	16	Neblina
Genebra.....	9	11	Limpo
Roma.....	18	20	Limpo
Oslo.....	14	15	P. nub.
Copenhaga.....	13	15	Chuva
Estocolmo.....	13	14	M. nub.
Berlim.....	14	15	Encoberto
Viena.....	12	16	Limpo
Varsóvia.....	10	14	M. nub.
Atenas.....	23	27	Limpo
Moscovo.....	15	24	Limpo

M U N D O

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires.....	16	25	-
Caracas.....	20	29	-
Hong Kong.....	28	32	-
Joanesburgo.....	4	20	-
Los Angeles.....	22	31	-
Montreal.....	20	27	-
Nova Deli.....	27	32	-
Nova Iorque.....	22	29	-
Rio de Janeiro.....	17	28	-
São Francisco.....	15	23	-
São Paulo.....	12	22	-
Tóquio.....	27	34	-

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Alto Santo Amaro: Teles, Rua João Barros, 2 - Frente, Tel. 3638176; Alvalade: Belo, Av. Roma, 53-A, Tel. 776314; Benfica - Portas Benfica - Damaia: Progresso, Estrada-A-Damaia, 64-C, Tel. 702226; Campo de Ourique: Lobel, Rua Infanteria 16, 98-B, Tel. 688807; Campo Pequeno - Apolo 70: Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10, Loja 18-19, Tel. 771661; Chile - Alto São João: Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; Lumiar - Quina das Mouras: Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B, Tel. 7594174; Olivais Sul: Antunes Rosas, Pc. Cidade do Luso, Lote 199, Tel. 313610; Rato: D. João V, Rua D. João V, 16-C, Tel. 7591131; São Vicente: Rosa & Viegas, Rua São Vicente, 31-37, Tel. 864351; Tivoli - Restauradores: Galénica, Rua das Pretas, 12-14, Tel. 322588; Carnaxide: H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; Moscavide: Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13-B, Tel. 2518520; Odivelas: Joleini, Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B, Tel. 9310812; Pontinha: Pontinha, Estrada Santo Elói, 4-Lote Se, Tel. 479220.

REFORÇO

Alvalade - Pote d'Água: Paris, Rua Reinaldo Ferreira, 5, A-B, Tel. 890131; Amoreiras - Campolide: Pinto, Rua Campolide, 11, Tel. 682610; Anjos: Góis, Rua dos Anjos, 12, 12-D, Tel. 8140101;

Areeiro: Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; Baixa: Teixeira Lopes, Rua do Ouro, 154-155, Tel. 324816; Caminhos Ferro: Alves Carvalho, Rua Vale Santo António, 7-9, Tel. 8140125; Campo Grande: Neoterapia, Campo Grande, 138-140, Tel. 774682; D. Carlos I: Lys, Rua da Esperança, 17-19, Tel. 660913; Enc. Restelo - Esc. P. Vicente: Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, Tel. 612248; Picheleira: Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; Saldanha: Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55, Tel. 543938; Sete Rios: Canto, Est. Laranjeiras, 202-B, Tel. 7264841; Brandoa - Amadora: Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; Olivais Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; Linda-a-Velha: Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; Tires: Guimarães, L. Duarte, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcabideche: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; Porto Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; Carcavelos:

Central, R. 5 de Outubro, 25, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Oeiras: Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; Parede: Grincho, Av. República, 87-. Tel. 2471204; S. João do Estoril: S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; Sasseiros: Amaral Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; Madorna: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Cascais: Nova, Est. Alvide - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Jardim, Av. Conde Oeiras, 120-Reboleira, Tel. 4953424. Permanente; Confinça, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A, Tel. 4938149. Até às 22 horas; Damaia: Lemos, R. Goa, 21-A, Tel. 971121. Permanente; Queluz: Serra & Pinto, Av. D. Ant.º C. Sá, 50 - GE, Tel. 4377619. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42-Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; Cacém: Rodrigues Garcia,

Av. Bons Amigos, Lote 5-B, Tel. 9243693. Permanente; Algueirão: Vitor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 horas; Mercês: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rio de Mouro: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; Sintra: Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-a-Pendola, Tel. 9232747. Permanente; Colares: Abreja, Tel. 9290088; Loures: Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA
BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1. Tel. 2750271. Permanente; Cova da Piedade: Louro, R. Alex. Herculanio, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; Monte de Caparica: Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 horas; Costa de Caparica: Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 horas; Laranjeiro: Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; Sesimbra: Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 horas; Lavradio: J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 horas; Barreiro: Santa Marta, R. Dr. Manuel P. Nobre, 44, Tel. 2072141. Permanente; Baixa da Banheira: Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044. Até às 19 horas; Corroios: Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; Amora: Moura Carneiro, P. Gen. Humberto Delgado, 16-C, Tel. 2243729. Permanente; Seixal: Godinho, L. Igreja, 51, Tel. 2213580. Até às 22 h; Montijo: União Mutualista, R. Almirante Reis, 93, Tel. 2310035. Até às 22 horas.

HÁ 20 ANOS

Retirada do Vietnam até 1972

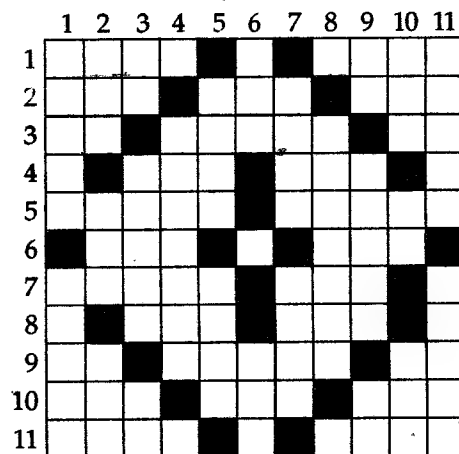
Funcionários do Departamento da Defesa indicaram, no dia 4, que as forças norte-americanas estacionadas no Vietnam deixarão de participar em operações ofensivas de combate, a partir do dia 1 de Maio do ano que vem. Depois dessa data, bater-se-ão apenas em defesa própria e das suas bases.

Caparica - sardinhas de 'borla'

Os leiteiros de Viena de Áustria instalaram na cidade postos de distribuição gratuita de leite como protesto contra o facto do Governo ter autorizado um aumento de preço inferior ao pretendido pelos vereadores. Na Caparica, o Grupo dos Amigos da Costa ofereceu uma sardinha aproveitando o ensejo para protestar contra a falta de iniciativa que impede aquela zona de ocupar um lugar ímpar no panorama turístico nacional.

Laurence Olivier hospitalizado

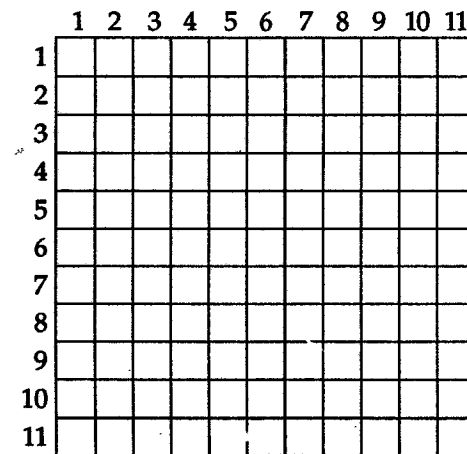
«Sir» Laurence Olivier, de 63 anos, está hospitalizado em Londres desde o fim da semana passada, devido a um ataque de pleurisia, que foi classificado de benigno - soube-se hoje.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 17976
HORIZONTAIS:

- 1 - Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Polir.
- 2 - Criminoso. Cidade de França. Ruim.
- 3 - Brisa. Filtra. Sua Majestade.
- 4 - Oceano. Arara. Artigo definido.
- 5 - Dá mensagens a. Mover os remos.
- 6 - Cólera. Pronome pessoal.
- 7 - Bolha de ar. Preposição.
- 8 - Preposição e artigo (pl). Emprega.
- 9 - Nosso Senhor. Sagrado. Mulo.
- 10 - Sinal ortográfico. Eco. Duzentos e cinco em romano.
- 11 - Jarro (planta). Para.

VERTICAIS:

- 1 - Destemida. Ventã.
- 2 - Prefixo que designa ar. Dê nios. Senhor em inglês.
- 3 - Ruténio (s.q.). Rio de França. Nota musical.
- 4 - Pacíficos.
- 5 - Um dos estados do Brasil. Sufixo que designa abundância.
- 6 - Sadias. Artigo definido. Filtra.
- 7 - Empregar. Inocente.
- 8 - Areento.
- 9 - Artigo indefinido. Nome de fruto. Cento e um em romano.
- 10 - Seguias. Arsénio (s.q.). Mil e duzentos em romano.
- 11 - Sussurro. Embriaguês. (Bras).


PROBLEMA N.º 16788
HORIZONTAIS:

- 1 - Cidade da antiguidade, cujas ruínas à beira do Eufrates se encontra a 160 km a SE de Bagadá.
- 2 - Antiga cidade da Mésia Superior. Bigorna de aço sem hastes.
- 3 - Cidade de Espanha. Invulgares.
- 4 - Cicatrizara.
- 5 - Mexerico. Cidade do estado do Rio Grande do Sul.
- 6 - Serviço Nacional. Curso de água natural e abundante. Filtro.
- 7 - Mar interior nos confins da Europa e da Ásia.
- 8 - Rio da Polónia.
- 9 - Conquista.
- 9 - Cidade do Chile. Passados.
- 10 - Ajustados.
- 11 - Osmio (s.q.). Vila e sede de concelho (Braga).

VERTICAIS:

- 1 - Cidade de Itália. Senhor.
- 2 - Nome de letra. Rio de Portugal.
- 3 - Cidade da Palestina. Circuito.
- 4 - Roteiros.
- 5 - Arroja. Crómio (s.q.).
- 6 - Perfilhara.
- 7 - Relata. Satélite de Júpiter. Prefixo de negação.
- 8 - Prefixo de privação. Refeição.
- 9 - Travo luta com. Adória.
- 10 - Irmão de Moisés. Porção.
- 11 - Cidade do estado do Paraná. Povo antropófago que atingiu o Gabão, ido do Nordeste, pelo meado do século XIX, e que chegou até ao Congo.

RESOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17.977

HORIZONTAIS: 1 - QUEIJO. É. Ma. 2 - Urr.º. Pi. BOM. 3 - Ira. Cremara. 4 - Nasal. Léu. 5 - Tacos. Cr. 6 - Arruma. Aura. 7 - Airosas. Id. 8 - Ar. Avô. 9 - Ab. Dó. Armas. 10 - Damos. Ad. 11 - Ora. Ousas.

VERTICAIS: 1 - Quintá. DADO. 2 - Urra. R-a. Bar. 3 - Eras. Ri. Ma. 4 - Io. Aturado. 5 - Clamórosa. 6 - Rio. Cás. 7 - PELO AVARO. 8 - Mesas. 9 - Baú. Amas. 10 - mor. Crivada. 11 - Amarrados.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16.787

HORIZONTAIS: 1 - Bambinela. 2 - Agarrar. Goa. 3 - Marão. Aca. 4 - Ópio. 5 - Operara. Rue. 6 - Catária. 7 - Hia. Rs. Baço. 8 - Ardiam. Asa. 9 - Toa. Saul. Nu. 10 - Au. Atiravas. 11 - Acasos. La.

VERTICAIS: 1 - Bambochata. 2 - Agá. Pairou. 3 - Marretada. 4 - Bra. Rã. AC. 5 - Iró. Arrasta. 6 - Na. Crismais. 7 - Era. Aa. Uro. 8 - Co. Balas. 9 - Agapetas. 10 - Iú. Canal. 11 - Balordo. Usa.

PROVÉRBIO:
QUEIJO É BOM,
DADO PELO
AVARO.
EFEMÉRIDES
1792

- É estabelecida a Comuna Revolucionária de Paris.

1942

- A Grã-Bretanha ordena a prisão de Mohandas Gandhi, nacionalista indiano, que fica detido até 1944.

1945

- Um bombardeiro norte-americano, o «Grande Artista», lança a segunda bomba atómica sobre o Japão, destruindo mais de metade da cidade japonesa de Nagasaki.

1958

- O almirante Américo Tomás assume as funções de Presidente da República Portuguesa, cargo que manterá até 25 de Abril de 1974.

1969

- Três homens e duas mulheres, incluindo a atriz norte-americana Sharon Tate, mulher do realizador cinematográfico Roman Polanski, são assassinados numa casa de Beverly Hills, Califórnia, EUA.

1975

- Em Portugal, é divulgado o «Documento do COPCON», tido como uma resposta ao «Documento dos Nove».

1978

- O Presidente da República Portuguesa, indigita Nobre da Costa para o cargo de primeiro-ministro, na sequência da exoneração de Mário Soares, em 27 de Julho.

1984

- Unidade navais egípcias, sauditas e norte-americanas mantêm uma apertada vigilância nas águas do mar Vermelho, onde, nos últimos 15 dias, foram danificados, pelo menos, 14 navios atingidos por minas de origem desconhecida.

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

NA CORDA BAMBA
Filme de John Bradham
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M. Young
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
JOE CONTRA O VULCÃO
Filme de John Patrick
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

O TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M. Young
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6

NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7

FOGO MALDITO II
Filme de Tony Randel
M/18 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

ATA-ME
Filme de Pedro Almodóvar
M/16 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
DESEJOS ESCALDANTES
Hard-core - 1.º escalão (pomo)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMOES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
OS PIRATAS DOS MARES DA CHINA
Filme de Leonid - Ho
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Prata da Vitória, 37 - T. 533253
DURO DE ROER
Filme de Steven Seagal
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
SANGUE E AREIA
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
Encerrado para férias

ESTÚDIO SHEZA

Encerrado para férias

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
CONSULTÓRIO SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (pomo)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
(Encerrado para férias até dia 3 de Setembro)

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DESAFIO TOTAL
Filme de Richard Marguana
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.15 e 21.45

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1

R. Buião Pato, 1-C - T. 8480808
FÚRIA SILENCIOSA
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

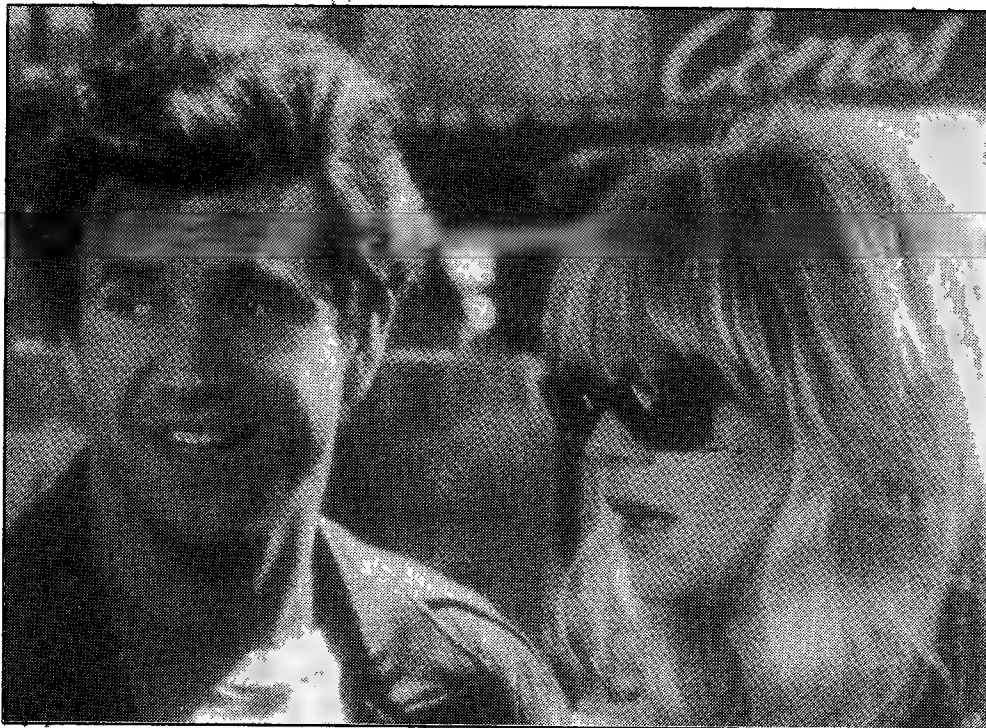
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
DESAFIO TOTAL



«Na corda bamba», em exibição em várias salas de cinema

M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Faria - T. 596743
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
ACADEMIA DO F.B.I.
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
SEXO PARA RICOS E POBRES
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2

DESAFIO TOTAL
M/12 - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão - T. 326305
VENTOS DE MUDANÇA
Filme de Terence Ryan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOITES SÃO MAIS BELAS QUE OS Vossos DIAS
Filme de Andrej Zukavski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3

AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
Filme de Walt Disney
(Falado em português)

M/6 anos - Às 15.00, 17.00 e 19.00
COOKIE
M/12 - Às 21.45 e 24.00

QUARTETO 4

CORAÇÕES SOLITÁRIOS
Filme de Paul Cox
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SAO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175
T. 679144
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SAO JORGE 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

SAO JORGE 3

O TRIUNFO DO ESPÍRITO
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A
T. 706666
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9
T. 3468446
(Encerrado para férias)

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
ADEUS AO REI
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2

COOKIE
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2906350
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLANTIDA CINE

Telef. 2465663
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30
LIQUID DO SURF
Hoje e amanhã às 24.00

CASCAIS

MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841769
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
ASTÉRIX E A SURPRESA DE CÉSAR
Para todos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144
Sala 1
ATA-ME
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
DRAGÕES PARA SEMPRE
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
O JOVEM EINSTEIN
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

ABC

Parque Mayer - T. 3466783
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45
Dom. e feriados às 16.00
AI CAVAQUINHO

CONVENTO DO BEATO

Fábrica Nacional - T. 7266910
Às 22.00
BICHOS
De Miguel Torga, pelo Grupo de Teatro «O Bando»

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Rebelo.

RITZ CLUBE

R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

ALGÉS

PRIMEIRO ACTO

R. Eduardo Augusto Pedrosa, 16-A
T. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 22.00
O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA, OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
De Fernando Gomes

CASCAIS

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

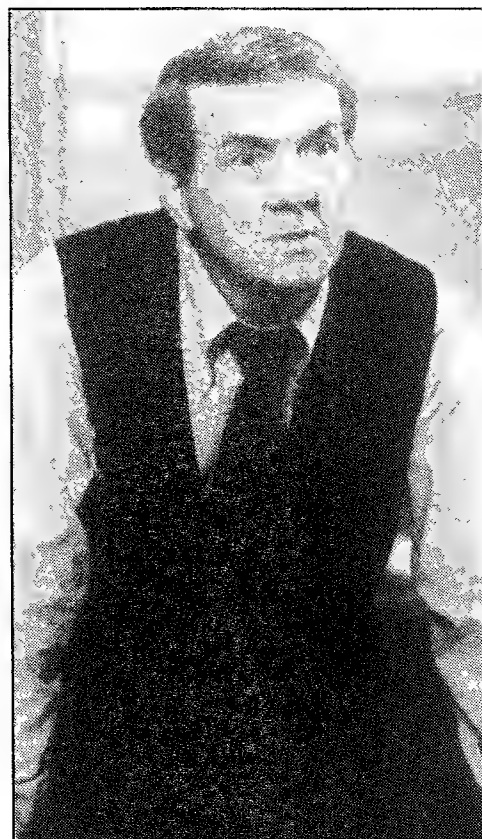
- 15.35 - CASA DE IRENE
- 16.05 - DESENHOS ANIMADOS
- 16.10 - DERRICK
Último episódio
- 17.15 - O MUNDO ANIMAL
- 17.35 - BRINCA BRINCANDO
Com «A Baleia Decimal», «Ferdie» e «Tao-Tao»
- 18.35 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
- 19.00 - ESPECIAL VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA
10ª Epata - Fundão / Covilhã
- 19.30 - JOGO DE CARTAS
- 20.00 - TELEJORNAL
- 20.30 - BOLSA DIA A DIA
- 20.35 - O TEMPO
- 20.40 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.45 - RODA DE FOGO
34º Episódio
- 21.40 - UM ESPÍO NO PURGATÓRIO
11º Episódio
- 22.40 - LUTA PELA DEMOCRACIA
4º Episódio: O francês Alexis de Tocqueville escreveu um dia sobre «a tirania da maioria», expressão que significa que a democracia nem sempre

promove a justiça social. Com base nessa teoria, o jornalista Patrick Watson analisa os conflitos entre maioria e minoria, tendo por base três exemplos: o movimento negro norte-americano para os direitos civis, as campanhas dos camponeses australianos e os católicos da Irlanda do Norte.

- 23.35 - MURPHY BROWN
- 00.05 - 24 HORAS
- 00.35 - REMATE

RTP-2

- 15.00 - AGORA, ESCOLHA!
Bloco A: «Destino Aventura»
Bloco B: «Quando as Mulheres Triunfam»
- 16.25 - OS CENTURIÕES
18º Episódio
- 16.50 - ESPECIAL DESPORTO
Campeonato Mundial de Basquetebol, com a transmissão do jogo Austrália / Itália.
- 18.45 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
166º Episódio
- 19.25 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus o Duende» e «Uma Pequena Maravilha»
- 19.55 - VIA RÁPIDA



«Ruas de S. Francisco»,
no 2º canal às 20.05

20.05 - CLÁSSICOS DA TV

«Ruas de S. Francisco»: Um informador está prestes a fazer importantes declarações referentes a nomes e lugares quando o seu irmão é assassinado. Mike Stone tem que descobrir o assassino antes que ele próprio seja assassinado. Intérpretes: Karl Malden, Michael Douglas, Steve Forrest, Michael Strong, Richard Anderson, Shirley Knight Hopkins, Betty Ann Riss, Norman Alden, Sandy Kenyon, Eddie Ryder.

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - EMOÇÕES
28º Episódio

21.55 - SINAIS DO TEMPO

22.45 - O PROCESSO FRANCHISE
3º Episódio: A nimosidade em Milford Shropshire aumenta à medida que se desenrola o julgamento da velha Mrs. Sharpe e da sua filha Marion. Ambas são acusadas do rapto de Betty Kane, mas o solicitador local, Robert Blair, está convicto de que Marion está inocente. O único erro das duas mulheres foi

aceitarem viver na «casa proibida», The Franchise.

PARABÓLICAS ALBA

- Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor estereofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.
- Poder de captação:
 - Actual: 8 canais
 - A partir do final do ano: 24.

Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

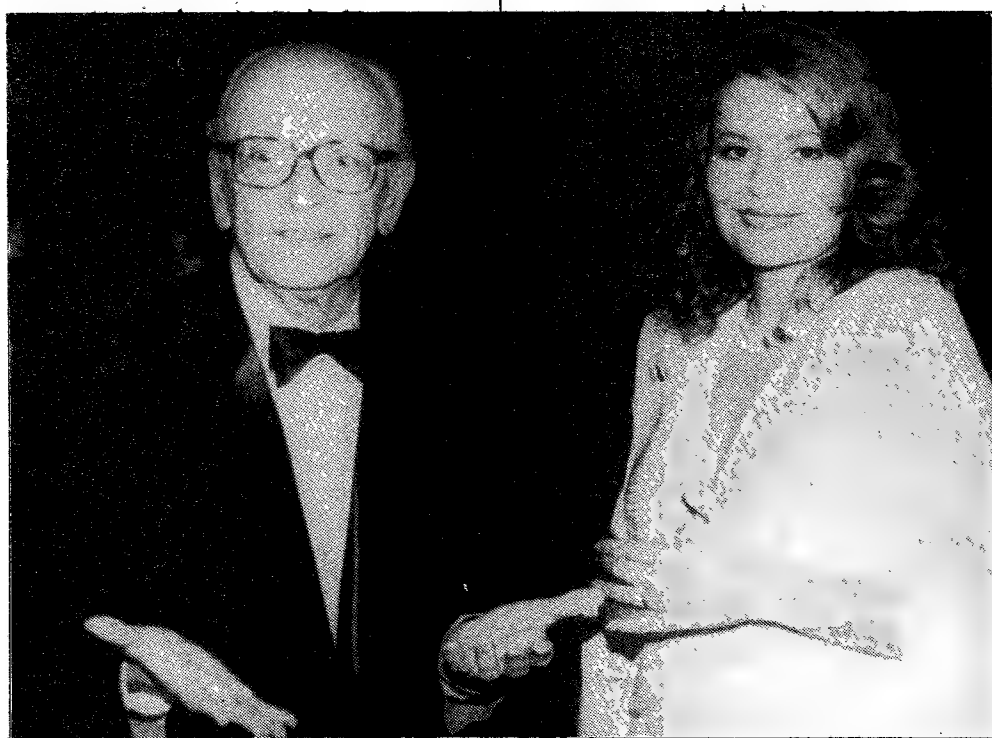
AUDIMAX T. 4106275 Algés

AMANHÃ RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.00 - A GATA COMEU
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA DIA A DIA
- 13.30 - GUERRA E PAZ
- 14.25 - O MAR E A TERRA
- 14.50 - STEVE MILLER BAND
- 15.20 - CASA DE IRENE
- 15.50 - DESENHOS ANIMADOS
- 16.00 - OS AMORES DE NAPOLEÃO E SOSEFINA
- 16.45 - O MUNDO ANIMAL
- 17.10 - BRINCA BRINCANDO
- 18.30 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
- 19.00 - ESPECIAL VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA
- 19.30 - JOGO DE CARTAS
- 20.00 - TELEJORNAL
- 20.30 - BOLSA DIA A DIA
- 20.35 - O TEMPO
- 20.40 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.45 - RODA DE FOGO
- 21.45 - CARTÃO DE VISITA
- 22.00 - 15º ANIVERSÁRIO DO C.R. AÇORES
- 23.30 - WOLF
- 00.20 - CHEFE, MAS POUCO
- 00.50 - 24 HORAS
- 01.20 - REMATE
- 01.35 - PELA NOITE DENTRO «A Madame»

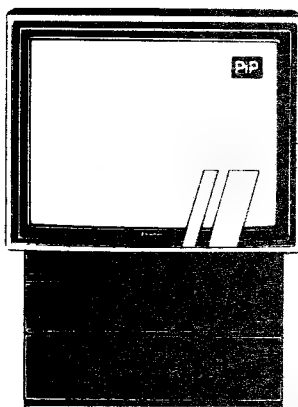
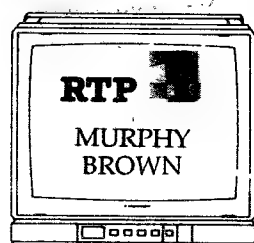
RTP-2

- 14.02 - PRIMEIRO JORNAL
- 14.20 - OS SUPERGATOS
- 14.45 - ESPAÇO INFANTIL
- 15.00 - FILHOS E FILHAS
- 15.25 - AGORA, ESCOLHA!
- 16.50 - HERÓIS
- 17.15 - AVENTURA DO SILÊNCIO
- 17.40 - 1º ANDAMENTO
- 18.15 - ZIRCUS
- 18.50 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 19.25 - ESPAÇO INFANTIL
- 19.55 - VIA RÁPIDA
- 20.05 - AS AVENTURAS SOB O SÉU DE ÁTICA
- 20.35 - BUCHA E ESTICA
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - O PAGADOR DE PROMESSAS
- 23.00 - ESPECIAL DESPORTO
- 00.30 - ROTAÇÕES
- 01.30 - HAJA MÚSICA



No 1º canal às 20.45, o 34º episódio da telenovela «Roda de Fogo»

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

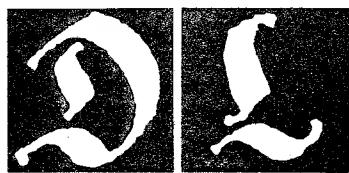
Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL
O SEU CABELEIREIRO

**MAIS RÁPIDO
ECONÓMICO**
EXTRAÇÃO DE PELOS

ELÉCTRICA SEM DOR E SEM MARCAS
E A CERA QUENTE OU FRIA

Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38



QUINTA-FEIRA, 9 AGOSTO 1990

«É preciso combater esta nossa tendência árabe para a desertificação»

Vitor Direlto, «Correio da Manhã», 08.08.90

A PERGUNTA DO DIA



Gomes de Almeida
director-geral
do Comércio Externo

Portugal vai acatar a decisão do Conselho de Segurança das Nações Unidas de interromper totalmente o seu comércio com o Iraque e com o Kuwait?

«Na sequência da posição tomada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, toda a Comunidade decidiu promover o embargo de todo o comércio de exportação e importação com o Iraque e o Kuwait. Apenas será permitido o envio de uma reduzida lista de artigos com fins humanitários, que serão imprescindíveis para a ajuda das populações atingidas pelo conflito. O embargo entrou em vigor no dia 7 de Agosto de 1990. Portugal, como membro da Comunidade, associa-se a esta tomada de posição, suspendendo de imediato as exportações que existiam com estes dois países.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

O escândalo que abalou a Itália

Os saldos de Verão em Lisboa

«O socialismo e o futuro» por F. Piteira Santos

O individualismo na revista «Finisterra»

ENTREVISTA

É de Vila Franca, chama-se José Júlio e foi matador de touros. Hoje, está retirado, não porque se sinta velho ou fracassado, mas porque já pouca gente parece interessar-se pela lide apeada

«Mataram o toureiro a pé»



D.L. - Em sua opinião, o que se pode fazer para não deixar morrer o toureiro a pé?

J.J. - De há uns anos para cá, formou-se um estrato social que conseguiu destruir o toureiro a pé. Os matadores começaram a ter que ir a Espanha e a outros países onde a festa brava tem expressão para tomarem alternativa. No entanto, nos anos 60 a festa teve o seu grande auge e não houve toureiros que conseguissem projectar Portugal tão bem no estrangeiro como os matadores. Chegámos a actuar na Indonésia, em África, em países sem quaisquer tradições nesta área.

D.L. - Qual a razão desta predominância do toureiro a cavalo?

J.J. - Antigamente, mesmo os grandes mestres do toureiro a cavalo, como o mestre João Nuncio, faziam questão de actuar com matadores. Hoje em dia, os toureiros a cavalo estão cegos e estão a esquecer as coisas que os mestres ditaram. Há todo um estrato social que, estupidamente, avançar não sei para onde. O fenómeno acentuou-se depois do 25 de Abril, quando a aristocracia falida, pensou que ia perder os seus privilégios. Eu defendi muitas ganadarias porque não podia deixar que os touros desaparecessem, senão não podia trabalhar. Entretanto as coisas acalmaram, e esses senhores passaram a chamar-me comunista e resolveram passar por cima de todos os valores da festa, na qual o matador - geralmente vindo das classes mais baixas - se impõe pelo seu valor. Hoje, o toureiro a pé é uma *persona non grata*.

D.L. - Mas não estão a aparecer novos valores no toureiro a pé?

J.J. - Os novos valores não podem aparecer porque são cortados à partida, não são aceites pelos ganadeiros. Há mesmo quem discuta o que é que tem mais valor: se tourear a cavalo ou a pé. Eles toureiam a cavalo, correm à frente do touro e correr é fugir. Eu tenho 14 rasgões no corpo feitos pelos touros. A sociedade está a esmagar todo o toureiro a pé. Quando uma empresa decide organizar uma corrida, não convida matadores, faz uma corrida marialvista. Neste momento, um dos maiores toureiros portugueses, o Victor Mendes, foi obrigado a ir para Espanha e não

trabalha em Portugal. Está milionário. Aqui, mataram o toureiro a pé por razões sociais, políticas, sei lá.

D.L. - Qual a razão que o levou a retirar-se?

J.J. - Retirei-me no ano passado, e não foi por estar fracassado ou velho. Os toureiros de idade avançada podem ser uma mensagem para os novos. Mas não tenho trabalho, não me sinto bem, não sou apoiado. Já ninguém me conhece e os que me conhecem afastam-se de mim. Há uma grande má vontade contra os toureiros. São os ecologistas, os protectores dos animais, a televisão que acha que picar o touro é uma violência, embora continue a passar filmes de pessoas a rebentarem o crânio umas às outras.

D.L. - Por que se tornou toureiro?

J.J. - O meu pai era bandarilheiro e morreu quando eu tinha três anos, num desastre de mota. Eu decidi completar a obra que ele deixou incompleta. Depois, porque nasci em Vila Franca, onde toda a gente tem algo de toureiro, até as mulheres. Primeiro levava isto a brincar mas, com doze anos, tive o meu primeiro encontro com uma rez brava. Foi catastrófico, o bezerro arrancou comigo, eu fiquei cheio de medo e jurei que nunca seria toureiro. Lembro-me até que fugi e me escondi em casa para ninguém me ver. Só que o bicho estava cá dentro e eu queria-me promover socialmente, queria alternar com os aristocratas, entrar em bons hotéis, casar com as filhas dos ganadeiros ricos. Consegui alcançar tudo isso, e não casei com a filha do ganadeiro, porque não quis. Só era feliz quando estava na arena sozinho com o touro.

D.L. - O seu tio, o escritor Alves Redol, teve alguma influência na sua vida?

J.J. - Eu vivia em casa dos pais do meu tio, que eram padeiros e não queriam que eu fosse toureiro, tal como não queriam que ele fosse escritor. Ele teve conhecimento das minhas façanhas, falou com os pais e dizer-lhes que eu tinha que ir para a Golegã, para a escola de toureiros. É a ele que eu devo o primeiro empurrão e, durante toda a vida, sempre me acompanhou e apoiou.

D.S.

C R Ó N I C A

Prós e contras

Já há muito que se sabe disso, mas o nosso orgulho nacional manda que se repita: somos os melhores. Quem duvidar, leia o que disse o sr. Issa Diallo, alto funcionário da ONU, que há dias, no decorrer de conversações sobre a paz no Sahara Ocidental, nos apontou como os mais altos paladinos da conciliação, do diálogo, da solução negociada e pacífica dos conflitos.

Pensamos, no entanto, que o mérito da fama de tais qualidades - que são, aliás, a essência da diplomacia e nos livram do ridículo que seria, com a força que temos, sermos a favor de soluções de força - que o mérito, dizíamos, cabe por inteiro aos rapazes das Necessidades, os únicos portugueses que provavelmente o sr. Diallo conhece, de os ver a «partir pedra», nos areópagos internacionais, com paciência e compostura inextinguíveis.

Entre os povos e os seus diplomatas há, no entanto, grandes diferenças. Em relação a Portugal, isto tanto pode ser bom como pode ser mau. Se é de louvar que assim seja, contrapondo-se à eventualidade de serem os diplomatas iguais ao povo, o que nos levaria por certo a uma situação de guerra, é igualmente de lamentar, por o povo não ser igual aos seus bem educados, tranquilos, bem falantes, amáveis e bem vestidos diplomatas.

A realidade, que é a diferença assinalada, tem, como ficou provado, os seus prós e os seus contras. Quase todas as realidades os têm, quando vistas por olhos portugueses, porque característica nacional - essa sim - é a capacidade de descobrir aspectos positivos mesmo na situação mais desfavorável, o que tem por reverso não haver também felicidade que em absoluto nos satisfaça.

A consideração dos prós das coisas más e dos contras das coisas boas conduzem frequentemente os portugueses à indecisão, a dilemas donde são incapazes de sair ou, pelo menos, de sair a tempo.

Caso característico dessa indecisão é o de um amigo meu que não conseguiu ainda resolver se deve ou não tirar férias em Agosto. É o que lhe apetece fazer, quando pensa no forno em que a cidade se transforma, no fecho, durante todo o mês, do seu bar preferido, na péssima programação dos cinemas. Mas a ideia das bichas nas estradas, das praias superlotadas e dos fogos florestais, que podem encher de fumo e fazer acabar numa evacuação qualquer estadia no campo, retêm-no normalmente em Lisboa, ou melhor, no emprego, porque uma das vantagens de não se tirar férias em Agosto é poder gozar o ar condicionado do escritório, um luxo que aí é gratuito, mas nos hotéis, nos restaurantes ou nos cafés se paga bem, mesmo que não se sinta. A sua preocupação é não poder provavelmente sair em Setembro, porque os filhos começam agora as aulas mais cedo. Poderá até não tirar férias este ano. Toda a família está contra esta decepcionante eventualidade, mas o meu amigo confiou-me que, mesmo assim, encontra nela uma vantagem indesmentível: poupa um dinheirão.

Para que não julguem que sou pessoa de mau gosto, esclareço que ando por cá só porque já se me acabaram as férias. E confesso que não consigo, nestas circunstâncias, encontrar a consolação de qualquer vantagem.

Rui Camacho

A.M.A. Auto Monumental de Auto

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa** 9 DE AGOSTO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

O Sono da Razão, Ernesto Sampaio, pág. 3; A Indetreminação do Escritor, Pedro Alvim, pág. 4 e 5; Cultura e Política, José A. Bragança de Miranda, e o Boletim de Taveiro, Luís de Miranda Rocha, pág. 6; Literatura e Cinema: ligações perigosas, Maria João Martins, pág. 7; Livros novos, pág. 8

I

Era um fosso talvez com flores e urtigas
e toda a paciência minuciosa do mundo
Havia no fundo a estática transparência
que se dourava num tranquilo azul
A ausência era visível como uma torre invertida
O subterrâneo perfume entre o zumbir de abelhas!
Pertencíamos ao tempo e às cisternas do silêncio
Estávamos ali misteriosamente densos
numa residência sem pena no absoluto enigma
de um redondo sossego enamorado

II

Pela graça que tem tão subtil
vê-la é ver o branco iluminar o tema
que não havia nem latente nem abstracto
como se apenas se abrisse o leque
da página que em si subisse a uma alta estância
E quanto se diz é produzir o acto iluminante
que faz ser visto o movimento de estar vendo
a animação silenciosa de um vazio navio
que é só feito do vento de não haver mais nada
do que o estremecimento do silêncio na palavra

III

É a coroa da sombra que ensimesma
até ao ponto de sermos nave imóvel
sobre a montanha E cada vez mais a pedra
enraíza a solidão e a alisa
dourando a concentração e azulando-a
Assim suspensos na perfeição da ignorância
entristecemos numa atenção tão íntima
que a própria distância em nós se irisa
E se nos movemos pelos campos
vamos em sonolenta lucidez
orientados por uma luz longínqua
que em nós alarga o brilho e a sombra
para dentro do mar e da montanha
uma só nave de verde transparência

IV

Ó prisioneira de um imóvel pássaro
o teu reino é branco sob uma coroa de silêncio
o teu nome é a tua própria respiração
O teu quarto é uma imagem mas é também uma pedra
As tuas pálpebras são irrigadas pelas falanges da chuva
Num lado tu desvias e separas
no outro situas e reúnes
A íris escuta sob a íris
o horizonte divisa-se através das árvores
os círculos esvaziam-se dos seus nomes
o vazio multiplica os elos do vazio

V

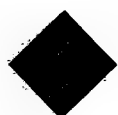
São objectos da noite nos limites da luz
Sombra e palavras em confusas massas
areias ervas ondas e números sementes
alfabetos e entre os cabelos flutuantes
uma cabeça verde Uma espécie de pele
forma um volume azul de contornos negros
Mas o cego que gira no centro de uma roda
restabelece o vazio e a brancura perfeita
Aí se encontram todos os fios da trama
e nela o tranquilo sono de uma estrela

(Do livro «Delta»
a sair em tempo oportuno)

POEMAS INÉDITOS DE RAMOS ROSA



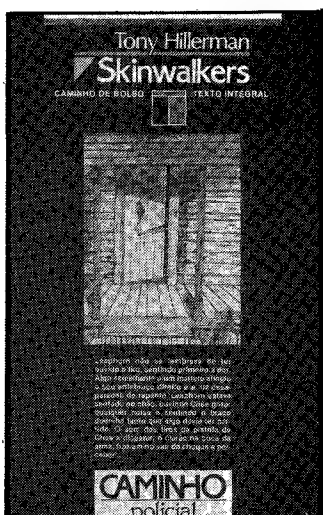
novidades CAMINHO



Inquirido sobre a sua raça, respondeu:
— A minha raça sou eu, João Passarinheiro.
Convidado a explicar-se, acrescentou:
— Minha raça sou eu mesmo. A pessoa é uma humanidade individual. Cada homem é uma raça, senhor polícia.

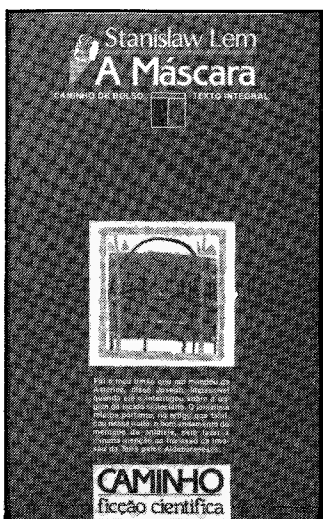
(Extracto das declarações do vendedor de pássaros)

ISBN 972-21-0071-8 184pp. 1200\$00



«Skinwalkers», palavra realmente intraduzível como o leitor verá, é o título de um livro em que se mistura habilmente a curiosidade muito viva pelo mistério a deslindar com o interesse profundo pelo universo dos índios Navajos, que Hillerman tão bem sabe despojar de qualquer exotismo respeitando a sua singularidade, atendendo às circunstâncias actuais e criando personagens inesquecíveis, como Leaphon e Jim Chee, os seus detetives habituais, que neste livro se cruzam pela primeira vez. «Skinwalkers» é um livro a não perder!

ISBN 972-21-0501-9 198pp. 380\$00



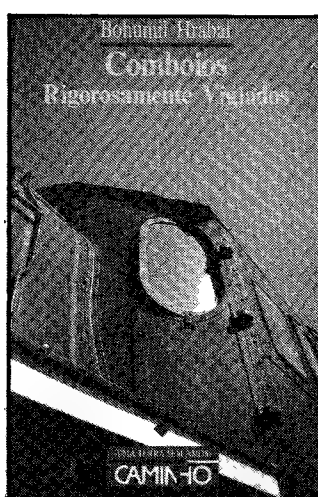
Na ficção científica não há escritor como o polaco Stanislaw Lem. As suas histórias são sempre de uma labiríntica e atraente complexidade e de uma agudeza quase arrepiante no seu humor tão corrosivo e na sua escrita tão imaginativamente rigorosa. Neste livro chamado «A Máscara», repleto de interrogações insidiosas e de mistérios e descobertas sem fim, Lem satisfará plenamente os leitores fascinados dos seus outros livros, dos quais a Caminho de Bolso publicou «Memórias Encontradas Numa Banheira» (n.º 1), «Congresso Futurológico» (n.º 31) e «Viagens de Ijon Tichy» (n.º 45).

ISBN 972-21-0502-7 200pp. 380\$00



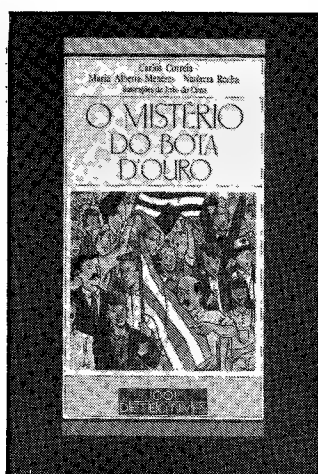
Albie Sachs, advogado sul-africano, branco, defensor destacado dos direitos humanos nos tribunais, militante do ANC, preso, exilado, professor de Direito na Universidade de Southampton, e, depois, na Universidade de Maputo [...] era, por tudo isto, um dos principais alvos dos grupos terroristas. [...] A Suave Vingança de um Combatente da Liberdade é um relato que começa no preciso instante em que uma bomba explode no seu carro e ele é projectado; é o relato de uma recuperação tenaz e inteira de um homem que faz do seu amor à vida e à luta e do seu profundo sentido de humor as armas mais eficazes para esta singular e superior «vingança» de continuar vivo, com todas as capacidades intactas, toda a alegria, todo o saber.

ISBN 972-21-0508-6 208pp. 1700\$00



Actualmente Bohumil Hrabal é um dos nomes mais prestigiados da literatura checa, com grande repercussão em todo o mundo. O leitor português tem agora à disposição esta célebre, insólita e sagaz história que se chama *Comboios Rigorosamente Vigados*, sem favor uma obra-prima da narrativa contemporânea.

ISBN 972-21-0080-7 76pp. 800\$00



Será verdade que o crime organizado também existe no futebol? Há quem afirme que sim, e há quem diga o contrário. O Gabriel e a Maria David, acompanhados por um jornalista, investigam as razões do rapto de um jogador célebre e chegam a conclusões extraordinárias. No final da história eles convidam o leitor a ser repórter desportivo de um desafio emocionante.

ISBN 972-21-0507-8 132pp. 490\$00



Quando ofereceram a Omri um índio de plástico e um velho armário de casa de banho, pareceu-lhe natural guardar o índio no armário. Porém, não podia imaginar a pesada responsabilidade que assumia ao fazê-lo. A responsabilidade pela vida e segurança de um verdadeiro guerreiro índio, muito pequeno mas muito exigente. A escritora britânica Lynne Reid Banks é autora de livros tanto para adultos como para crianças e jovens. *O Índio no Armário* é decerto o seu título de maior êxito: vendeu mais de um milhão de exemplares na língua original e será proximamente adaptado ao cinema.

ISBN 972-21-0072-6 200pp. 550\$00

CAMINHO

o prazer de ter bons livros para ler

CD a distribuição

O SONO DA RAZÃO

Diz a legenda de um célebre desenho de Goya que «o sono da razão engendra monstros». Quer se trate do sono de um indivíduo quer do adormecimento de uma colectividade, é verdade que o dormir provoca a ressurgência de condutas, atitudes, formas de viver e de pensar que toda a história da cultura humana se esforçou por dominar e ultrapassar.

Graças a esse esforço milenário - disse-o Freud - os homens puderam emergir de uma vida vegetativa, exclusivamente submetida ao princípio do prazer e da necessidade imediata, e desenvolver formas de existência social não fundamentadas apenas nas relações de força, cultivando a arte, a ciência, a filosofia.

Esta construção sempre frágil corre agora sério risco de desabar, abalada e minada que está pela irresistível ascendência do irracional.

Rejeição do pensamento teórico e do rigor lógico, afirmação do primado das excitações (ou dos «curtiões») sensoriais sobre o trabalho intelectual, regresso a um ego que volta a ser a fonte única de prazer: a «libertação da espontaneidade», como dizem os apologistas da ideologia liru, conduz milhões de homens a viver a sua própria vida às avessas. A infantilizar-se. A desfazer neles a obra da Humanidade. A destruir o longo trabalho através do qual o *homo faber* saiu pouco a pouco da natureza e se criou *homo sapiens*.

Quantos intelectuais (professores universitários, escritores, artistas) se submetem a toda a espécie de ritos insensatos e humilhantes só para conquistar o direito a aproximarem-se de um guru e a usar ao pescoço a efígie do mestre. Expandem-se de novo na Europa a menos de dois séculos depois das Luzes - o mais espesso obscurantismo (é a mesma coisa) a sombra de um novo totalitarismo.

Com efeito, quase todas as características de uma sociedade totalitária estão reunidas na actual situação: institucionalização da violência, correcção e reeducação dos transviados, conformismo moral, vulto da autoridade, submissão à ordem estabelecida, exploração económica desenfreada, etc. Fundamentalismo, autoritarismo, paternalismo: estes três ídolos alegremente deitados abaixo pelos jovens de 1968, aí estão cuidadosamente recolocados no seu pedestal pelos jovens de 1990. Longe de prefigurar um novo tipo de existência, as seitas desenvolvem até às suas últimas consequências uma lógica já em curso na sociedade global.

Essa lógica rege-se pelo absurdo e pela morte, e exige a renúncia aos imperativos da razão, a entrega aos mitos de pacotilha, o abandono aos sonhos baratos prodigalizados por adivinhos, profetas, videntes, homens providenciais, traficantes de droga. Não se libertam em vão os fantasmas mais arcaicos, nem se solicitam impunemente os monstros adormecidos no inconsciente dos povos, e não seria a primeira vez que, possesas de quimeras, as multidões em delírio matavam.

Quando perto de sete milhões de homens confiam a condução da sua vida ao guru Mahaj Ji e mais de dois milhões de outras pessoas esperam que Sun Myung Moon pense por elas («Eu sou o vosso cérebro», diz o mestre), quando vinte milhões de adeptos da Soka Gakai («Sociedade Criadora de Valores») praticam alegremente a «Shakubuku» (ou evangelização forçada) não se está muito longe daqueles anos negros em que um outro «salvador supremo» transformava a nação mais «cult» do mundo num povo fanatizado e a lançava à conquista de «espaço vital». Ninguém melhor que os nazis soube canalizar para fins políticos as pulsões do irracional, esse fascínio da morte.

Fascínio trágico que levou homens a

queimar outros homens em fornos crematórios, a interná-los, aos milhões, em campos de concentração, a exterminar etnias e a destruir culturas. Formas extremas de loucura colectiva que anunciam ou tomam possíveis - já que participam da mesma lógica - as suas manifestações mais correntes: racismo, violência selvagem ou organizada, submissão cega à autoridade, culto dos ídolos. O irracional da história enraiza-se nos delírios do indivíduo, e quando os povos perdem toda a capacidade de reflexão e de razão, adeus (por muito tempo) democracia e adeus liberdades.

A desarticulação da cultura humanista gerou uma nebulosa de mitos, de formas duradouras de irracionalismo, de deformada consciência social. O mito é o contrário do *logos*, está imerso na reiteração ritual, na condenação desclassificativa e nega-se a considerar as causas dos fenómenos. A mistificação substitui os factos por palavras, e essas palavras (que constituem respostas

sempre ao mesmo nível) não se aguentam sem a assistência da força.

A retórica começa por ser um pretexto dialéctico que oculta as formas sociais vivas e acaba por fundamentar a mecânica da opressão. Está na sua natureza. E estas questões têm particular acuidade no nosso pobre país, cenário, de há quase dois séculos para cá, de uma inútil, comovente e em certo sentido heróica tentativa, por parte dos melhores portugueses, para apanhar em andamento os perdidos comboios e fazer andar a nação à velocidade dos tempos, nem que fosse nos furgões de carga ou em desmantelados vagões de terceira.

Sabe-se o que aconteceu: sempre que a iluminada esperança progressiva ousou levantar a cabeça, o garrote do obscurantismo fanático alto-ganancioso funcionou com precisão e rigor. Tudo isto veio naufragar no que hoje não falta aqui: envilecimento, servilismo, ignorância, parasitismo.

Ernesto Sampaio



Desenho
de António Domingues

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____ Pelo período de

1 ANO	— 18 000\$00
6 MESES	— 9 000\$00
3 MESES	— 4 500\$00
1 MÊS	— 1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00 • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA



Aristóteles é geocêntrico. Tão geocêntrico, tão cumprindo a ordem das figuras cosmológicas da sua época, que afirma no seu discurso a impossibilidade de alguém ver o *estar sentado*.

O que se pode ver é o *indivíduo que está sentado*. Mas num futuro tempo heliocêntrico (Copérnico), tempo em que a Terra gira em torno do Sol, aquele juízo aristotélico furta-se à realidade por imposição de um outro *estar*... Que outro *estar*? Simplesmente o *estar em órbita*. O indivíduo inserido no movimento heliocêntrico está sempre em órbita, pelo que, quando o vemos, o vemos em órbita sempre. Não faz sentido, pois, afirmar a impossibilidade de alguém ver o *estar em órbita* - e só valer como visível (ie, conhecível) o *indivíduo que está em órbita*. Explícite-se: *estar em órbita* é inerente ao indivíduo que habita a Terra, pelo que sujeito e verbo não podem ser considerados separadamente. Ora o *estar sentado* é também inerente ao indivíduo. Não é a cadeira (ou qualquer outro ponto de apoio) que possibilita ao indivíduo a posição de sentado. O *estar sentado* faz também parte da sua estrutura física. Assim sendo, quando se vê o indivíduo de pé temos de o ver potencialmente sentado (ou noutra posição qualquer). Caso contrário, o indivíduo seria tomado como um conjunto de partes fraccionais e não como um todo posicional. Até porque a sua situação no espaço o determina em diversas posições: de cabeça para baixo, perpendicularmente ao eixo da Terra, em diagonal com o centro do globo, etc. Nos dias de hoje, século XX, temos também de considerar o indivíduo em estado de imponderabilidade: todas as posições, nesse estado, podem ser assumidas, pelo que o indivíduo é um *estar* multiforme. Significa isto que é o espaço, para lá da gravidade terrestre, que fixa, em constante movimento, as posições do indivíduo, e não o indivíduo que impõe ao espaço as posições fixas assumidas pela Física clássica. Não se pretende, nestes breves considerandos, menosprezar o subtilíssimo raciocínio aristotélico ("riscar" o passado é sempre um erro na história da evolução do pensamento), e sim chamar a atenção para o facto do indivíduo ter deixado de ser geocêntrico há já alguns séculos - e de haver colocado o pé na Lua já nos anos da nossa vida...

Realidade mesma, realidade outra

Sem dúvida que há uma realidade física que serve de apoio ao discurso de Aristóteles. Mas essa realidade é o espelho de um tempo determinado. Posteriormente operou-se um *movimento* - e se admitirmos o *trânsito* do mesmo para o outro, temos também de admitir o *trânsito* de uma realidade mesma para uma realidade outra. Ou por outras palavras: temos de respeitar o *discurso* do tempo na interpretação da realidade. Atenção, no

entanto: não se encare aqui realidade na acepção quotidiana e corrente do termo, isto é, a captação pelos nossos sentidos de nós próprios e dos fenómenos circundantes. O que importa apreender, num máximo esforço de concentração, é a *irrealidade* dessa realidade que, por hábito diário e por falta de abstracção, se pode quase sempre tocar com o dedo. Só quando nos convenceremos da realidade dessa *irrealidade* é que estaremos face a face com a realidade *probabilística* do mundo e de nós: um átomo radioactivo pode transformar-se por emissão de um electrão, mas também pode não o fazer. Esse modo de ser inerente à *probabilidade* é que constitui o fundamento da realidade que nos é dado apreender por abstracção - e não as substâncias reais aristotélicas como o ar, a água, a terra, o fogo, a madeira, as pedras...

Antes de, face à Ciência do nosso tempo, nos pronunciarmos sobre o conceito de causalidade (de relevante valor filosófico), relembremos as quatro causas de Aristóteles: 1) a matéria ou possibilidade passiva de um processo de formação; 2) a forma (essência, o ser do ente), ou por outras palavras, o acto da matéria; 3) o princípio do movimento; e 4) o fim. Temos que no Estagirita toda a natureza é concebida sob o aspecto de consecutivas transformações da matéria na forma e vice-versa. Via na matéria um princípio passivo, atribuía a actividade à forma e reduzia a esta o princípio do movimento e do fim. A fonte última de todo o movimento, segundo Aristóteles, seria Deus: «motor primeiro e imóvel». Aceita-se a ideia filosófica de Deus - mas quanto a nós, em termos físicos, falta em Aristóteles a ideia de *átomo*, precisamente o tal acto radioactivo que pode transformar-se ou não por emissão de um electrão. Situemo-nos, no entanto, correctamente: *átomo* já admitido na Antiguidade, mas só adjectivado de *radioactivo* nos nossos dias. Antes de tomarmos, porém, o *átomo* adjectivado, encaremos o *átomo* como *substantivo*, como *substância*, como *substante*, como *subjacente*, como *fundo*, como um *ai*. Tenhamos o cuidado de cumprir tal tarefa num tom humanista, claro, simples e distinto, como aliás se impõe a quem medita sobre o mundo das coisas, sobre as coisas do mundo. Prossigamos...

Movimento Browniano

Somos sempre postos em movimento por outros. Só dentro de uma visão quotidiana da existência é que temos a sensação de que nos movemos. Quando nos dirigimos a determinado ponto, quando vamos de um lugar para outro, quando deixamos uma casa por outra casa, convencemo-nos de que tais deslocações foram determinadas pela nossa vontade. Persuadimo-nos de que somos senhores das nossas acções: eu faço isto, tu fazes aquilo, ele faz aquilo e isto. As coisas, no entanto, não são assim tão simples, tão primárias, tão à flor dos olhos.

A INDETERM

Então como são as coisas, então como somos nós, então como agimos uns face aos outros...? Para conseguirmos uma resposta que satisfaça esta pergunta tripartida (coisas, nós, outros), temos de abandonar a realidade quotidiana, que se toca com os dedos, e socorremo-nos de uma realidade subjacente a tudo. Difícil...?

Temos de mergulhar, pura e simplesmente, na observação de quanto os nossos olhos não nos ofertam. E tudo sendo tão complicado, *escuro*, como tudo é tão simples, *claro*! De uma clareza que nos aproxima, quanto possível, das coisas primeiras da existência.

Ora como...?

Imaginemos um grão de pólen suspenso numa gota de água. Esse grão de pólen, quando examinado ao microscópio, revela-se animado de movimento deslocando-se ao acaso e em todas as direcções. Porque se move assim esse tão leve grão de pólen, ora neste sentido, ora naquele sentido, ora ainda em todos os sentidos...?

O grão de pólen move-se dessa maneira pelo simples facto de sofrer continuamente o impacto de partículas invisíveis. Por outras palavras mais concretas: se o grão se move em consequência de colisões com partículas invisíveis, essas partículas só podem ser átomos.

Assim também nós, à semelhança do grão de pólen suspenso numa gota de água, sofremos o embate de milhões e milhões de átomos todos aglomerados nos nossos semelhantes. E são eles, os nossos semelhantes, os outros enfim, que nos põem em movimento: e é assi que nos vamos de um ponto para outro ponto, deste lugar para aquele lugar, desta casa próxima para aquela casa longínqua. É sempre um movimento originado por outrem - e designa-se este fenómeno, do ponto de vista científico, por *movimento browniano*. Historiando em breves linhas: por 1827, o botânico escocês Thomas Brown havia descoberto que um grão de pólen suspenso numa gota de orvalho, quando examinado ao microscópio, se revela animado de movimento, deslocando-se ao acaso e em todas as direcções. Em 1905, Einstein mostrou ser esse movimento regido por leis estatísticas definidas, devido ao de o grão sofrer continuamente (como acima se disse) o impacto de partículas invisíveis. «Átomos» - concluiu Einstein. Mas antes do autor da Teoria da Relatividade fundamentar esta ideia em bases matemáticas firmes, muitos cientistas respeitáveis duvidavam da existência de átomos... Embora a suspeita da sua existência, diga-se de passagem, nos viesse já da Grécia Antiga. Na verdade, Demócrito de Abdera (460-370 a. C.) pretendia explicar a complexidade do Universo supondo todas as coisas constituídas por várias espécies de átomos imutáveis, cada uma com a sua forma e tamanho, e sempre em contínuo movimento. «Tudo o que existe são átomos e espaço vazio: o resto é mera aparência» - escreveu Demócrito. Mais tarde Epicuro de Samos (341-270 a. C.) e o romano Lucrecio Caro (97-55 a. C.) perfilharam a mesma ideia. Mas nesses tempos esta não foi a teoria favorita para explicar a natureza das coisas - e as ideias de Aristóteles, seguidas as quais tudo era feito de quatro elementos (fogo, terra, ar e água), foram durante muito tempo mais populares. Assim, pela época de Cristo já a teoria atomística estava quase esquecida, enquanto os quatro elementos de Aristóteles foram aceites por mais de dois mil anos. Dir-se-ia que o pensamento humano tinha encontrado uma verdade irrefutável. Quanto à natureza das coisas tudo parecia estar resolvido. Até que em

1905, como já referimos, Einstein, estudando o movimento browniano, pronunciou a sentença até aos nossos dias aceite: «Átomos». Einstein estendia a mão a Demócrito de Abdera.

Acontece simplesmente

Recapitulemos. A fonte última de todo o movimento, segundo Aristóteles, seria Deus: «motor primeiro e imóvel». Aceita-se a ideia filosófica de Deus - mas quanto a nós, em termos físicos, falta em Aristóteles a ideia de *átomo*, precisamente o tal átomo radioactivo que pode transformar-se ou não por emissão de um electrão... «Tal como os estudiosos da radioactividade, Einstein pensava ser provisória a explicação probabilística. Estudos posteriores viriam



MINAÇÃO DO ESCRITOR

ando certamente a revelar as causas de cada ou a transição. Ora foi precisamente aqui que a teite: teoria quântica começou a divergir das ideias o a clássicas. Nunca se descobriu nenhuma razão oculta para a desintegração ou para as transições electrónicas se darem num certo instante, num certo átomo. Parece que estas mutações ocorrem ao acaso, de uma forma estatística. E isso levanta interrogações fundamentais - eis o que se lê em «A Procura do Gato de Schrödinger», de John Gribbin, subtítulo «A Física Quântica e Sua Influência no Mundo Actual», Editorial Presença, tradução de Mário Berberan Santos, do corpo docente do IST, pág. 55.

É sabido que no mundo clássico tudo tem uma causa. Ou admitimos o Big Bang (ponto de vista cosmológico) ou admitimos

a Criação (ponto de vista religioso). Mas no m undo atômico (e voltamos ao livro de Gribbin, mesma página) «uma tal cvasualidade desaparece assim que plhamos para as transições electrónicas ou para as desintegrações radioactivas. O electrão não desce de um certo nível para outro inferior num certo instante por qualquer razão especial. Quanto mais baixo estiver esse nível final, é tanto mais apetecível ao átomo a transição, e a sua probabilidade é até calculável. Mas não há maneira de se prever o instante em que se vai dar. Nem o electrão executa a transição sob influência de qualquer causa externa, nem existe nenhum cronómetro no interior do átomo para fixar o instante da transição. Acontece, simplesmente, e nenhuma razão explica por que se deu agora e não antes» - (sublinhados nossos).

Podemos desde já adiantar que o que é existe num estado indeterminado. O que é, como tentaremos demonstrar mais adiante, é não o sendo e não o sendo é. Numa palavra: a indeterminação é o que é. Vejamos como.

Diálogo ontem/hoje

Erwin Schrödinger foi um cientista alemão que em meados dos anos 20 desempenhou um papel muito importante no desenvolvimento das equações de um ramo da Ciência hoje conhecido por Mecânica Quântica. Ramo da Ciência não será a expressão adequada, pois a Mecânica Quântica constitui, hoje em dia, a base de toda a Ciência. As equações que descrevem o comportamento de objectos muito pequenos - digamos de dimensões iguais ou inferiores às atômicas - e constituem a única fonte de conhecimento do mundo microscópico. De certa maneira, e recorrendo a Aristóteles, é aquilo que é compacto, fixado em si. Sem estas equações, os físicos teriam sido incapazes de planejar centrais nucleares (e bombas nucleares), construir lasers ou explicar por que razão o Sol se mantém quente. Sem Mecânica Quântica, a Química ainda estaria na Idade Média e a Biologia Molecular - conhecimento do DNA, engenharia genética, e tudo o resto - não existiria.

Para maior facilidade de exposição, construíamos um diálogo entre o homem de hoje e John Gribbin como porta-voz de alguns cientistas (do princípio do século) ligados a essa nova interpretação da realidade, apoiando-nos no livro acima mencionado, com a respectiva indicação das páginas.

Vamos, pois, ao diálogo.

Homem de Hoje

- Que vem a ser, afinal, a teoria quântica?

John Gribbin

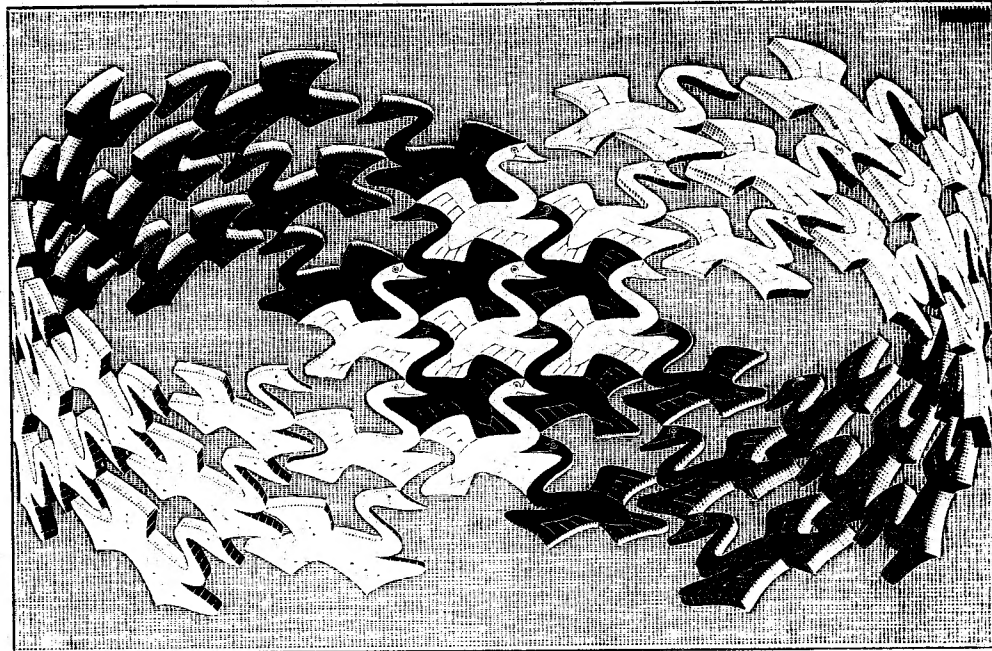
- É a maior criação da Ciência, de significado muito maior e prático do que a Teoria da Relatividade. (...) Permite fazer estranhíssimas previsões. O mundo da mecânica quântica é tão estranho que mesmo Albert Einstein não o conseguiu compreender e recusou-se a aceitar todas as consequências da teoria desenvolvida por Schrödinger e outros (pág. 12).

Homem de Hoje

- Porquê essa atitude de Einstein?

John Gribbin

- Einstein, como muitos outros cientistas, julgou muito mais adequado supor que as equações da mecânica quântica são um processo matemático que permite uma descrição geral do comportamento das partículas atômicas e subatômicas, mas impedindo o acesso a uma realidade mais profunda de acordo com a nossa experiência quotidiana (pág. 12). Socorramo-nos aqui de um juízo aristotélico que, em nosso ver, se aproxima do que ora mesmo atrás ficou



exposto: «...abandonados o comprimento, a largura e a profundidade, nada vemos ficar debaixo, a não ser se algo no fundo é delimitado por aqueles e, por conseguinte, a matéria apresenta-se necessariamente como única entidade aos que estão nessa perspectiva» (Metafísica, Livro Z, III, 1029a, 15).

Homem de Hoje

- Possível uma explicação mais clara...?

John Gribbin

- A Mecânica Quântica diz-nos que nada é real, e que nada podemos afirmar acerca dos fenómenos excepto quando os vemos (pág. 12).

Homem de Hoje

- Como concretizar esse juízo...?

John Gribbin

- Schrödinger serviu-se de um expediente...

Homem de Hoje

- Que expediente...?

John Gribbin

- Utilizou um gato.

Homem de Hoje

- Um gato...?

John Gribbin

- Um gato, exactamente. O gato de Schrödinger foi pensado como exemplo para mostrar claramente as diferenças existentes entre o mundo quotidiano e o mundo quântico (pág. 12).

Homem de Hoje

- Mas que diferenças são essas...?

John Gribbin

- É que no mundo quântico já não vigoram as leis que nos são familiares. Os acontecimentos são regidos por probabilidades. Tomemos como exemplo um átomo radioactivo. Ele pode transformar-se, digamos que por emissão de um electrão. Mas também pode não o fazer. É possível montar uma experiência de tal modo que num certo intervalo de tempo haja uma probabilidade de exactamente 50% de um dos átomos de uma amostra radioactiva se transmutar e que, a dar-se essa desintegração, ela seja detectada por um dispositivo (pág. 12).

Homem de Hoje

- Mas que fez Schrödinger com o gato...?

John Gribbin

- Imaginou o que ocorreria numa sala ou caixote fechado em cujo interior estariam um gato (vivo) e um frasco de gás venenoso, tudo disposto de maneira a que se a desintegração radioactiva se desse (a experiência com o átomo também se verificaria conjuntamente no interior do caixote ou da sala) o frasco seria quebrado e o gato morreria. Ora... (págs. 12/13).

Homem de Hoje

- Ora...?

John Gribbin

- Ora no mundo quotidiano a morte do gato tem 50% de probabilidades de ocorrer, e, sem olhar para o interior do caixote, podemos dizer com segurança que o gato ou está vivo ou está morto (pág. 13). Certo...?

Homem de Hoje

- Certo.

John Gribbin

- Mas no mundo quântico as coisas não se passam assim. O mundo quântico não é disjuntivo, não admite o ou... ou... Segundo a teoria, nenhuma das duas possibilidades de concretização (gato vivo e gato morto) tem realidade anão ser que seja observada. Assim a desintegração nem aconteceu nem não aconteceu - e o gato não morreu nem sobreviveu até que tenhamos olhado para o interior do caixote. (...) O gato existe num estado indeterminado que não é vida nem é morte, até que um observador olhe para dentro do caixote. Nada é real se não é observado (pág. 13).

O substantivo (até ver...)

Impõe-se aqui uma chamada de atenção. Aquele «nada é real se não é observado» não se filia de maneira nenhuma no juízo aristotélico segundo o qual «(...) o principal e o primário e, por assim dizer, o único [é estar] cerca do ente-endo que é assim, inspecionando o que é.» (Metafísica, Livro Z, I, 1028b, 5). Quanto a nós, esse juízo de Aristóteles é susceptível de ser aplicado à asserção seguinte: «(...) no mundo quotidiano a morte do gato tem 50% de probabilidades de ocorrer, e, sem olhar para o interior do caixote, podemos dizer com segurança que o gato ou está vivo ou está morto.» Entre ou... e ou..., somos levados a uma «ceracidade» intuitiva que nos impõe, sem olhar, a formular o que é. Mas no seio do mundo quântico (comportamentos das partículas atômicas e subatômicas da matéria) o que é aristotélico é sempre um que é indeterminado, estatístico e probabilístico. É um que é que não nos permite estar cerca de. Esse modo de ser (inerente à probabilidade, à estatística, à indeterminação) é que constitui o fundamento da realidade quotidiana que nos é dado observar: até mais ver, até outro progresso da inteligência, esse modo de ser é aquilo que pode ser considerado o substantivo, «aquilo em função de que o outro é dito.» (Metafísica, Livro Z, III, 1028b, 35). Logo (abreviando razões e numa certa atmosfera de choque): o escritor, ente-endo do mundo, por mais que pense o livro, a sua obra, é um ser sempre regido pela indeterminação...

Pedro Alvim

«O BOLETIM DE TAVEIRO»

Por estranho que possa parecer, é não em Lisboa mas na chamada província que se publicam não apenas a maior parte mas também e até mesmo das melhores revistas de cultura que se estão a fazer em Portugal presentemente.

A estranheza, se porventura ocorre, é apenas porque o facto dir-se-ia contrariar a tendência tradicional, onde é óbvio que existe um claro predomínio da capital — partilhado, todavia, durante algum tempo (segunda metade do século passado) por Coimbra e Porto.

Mas isto no tocante a revistas literárias, menos a revistas de cultura.

É preciso distinguir.

Por revistas literárias entendam-se aquelas publicações onde é mais forte o interesse pela criação literária, pela poesia, pela crítica, interesse às vezes extensivo à arte, às artes. Investe nelas um grande empenho, quase sempre geracional, ou de grupo, pelo menos.

Por revistas culturais entendam-se aquelas publicações onde se empenha e investe uma variedade de interesses que compreende, entre outros domínios, a história, a etnografia/etnologia, a antropologia ou geografia humana, etc., etc.

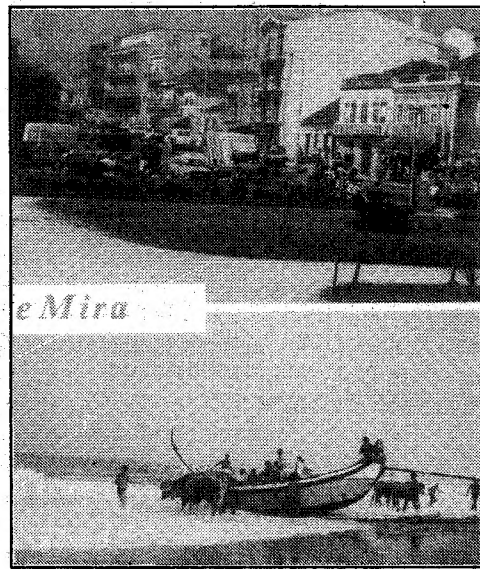
Distinção muito sumária, decerto. E às vezes nem é fácil fazer tal distinção. Ainda bem, talvez. E adiante.

Certamente, Lisboa tem algumas revistas culturais. Mas os dedos das mãos talvez sobrem para as contar. São insuficientes, porém, para contar as que se fazem na província.

Não temos números à mão, mas talvez se possa calcular em largas dezenas o



Praia de Mira



Freguesia de Taveiro, de que acaba de sair o número duplo 19-20, com data de Junho a Setembro de 1989. São 142 páginas e largas dezenas de textos distribuídos por áreas temáticas como a história e a vida local, educação, regionalização, letras e artes, etc., e assinados por nomes da intelectualidade local, de Coimbra (de fora e de dentro da Universidade), de outras áreas, e até da Galiza.

Entre temas e assuntos avultam a literatura, o teatro, a música, o pensamento cultural, social, filosófico, a história, Jaime Cortesão, a pedra de Ançã, os escritores novos, uma variedade quase inúmera de outros — que seria tarefa ociosa estar a enumerar aqui, tal como seria referir os nomes dos colaboradores, que são muitos, uns mais conhecidos, outros nem tanto, mas todos presentes e reunidos aqui numa prestação que é excelente, sobretudo como conjunto, e não menos como acto de generosidade e participação num projecto

número dessas revistas. Apenas alguns exemplos, que de momento ocorrem, são *Almansor* (Montemor-o-Novo), *Brigantia* (Bragança), *Arunce* (Lousã), *Cadernos Vianenses* (Viana do Castelo), *Cadernos do Tâmega* (Amarante).

Publicam-nas, geralmente, as autarquias, a nível de câmaras, via pelouros da cultura, bibliotecas ou arquivos regionais e locais, associações, instituições ou organismos vários e diversos. Nas suas páginas aparece um pouco de tudo quanto possa ter a ver com a história e a actualidade da vida local ou regional. Não só: em muitos casos há uma franca abertura à criação literária e poética de autores locais, «da terra», como se costuma dizer, mas não só: igualmente ainda autores de projecção nacional e até internacional. Tornam-se assim revistas literárias.

O último caso de que temos conhecimento é o *Boletim da Junta de*

que já tem alguns anos, começou timidamente (a *stencil* e policopiador, ao que julgamos saber) e tem vindo a crescer e a apurar-se.

Nesta altura, o único *senão* da revista será o grafismo. Mas isso parece pormenor de importância secundária, confrontado com os motivos de interesse patentes no conjunto textual.

Dois ou três destes motivos de interesse ou aspectos duma obra que parecem de salientar:

— Um, o facto de tratar-se duma revista duma freguesia — caso, se não único, pelo menos muito raro (na maior parte dos restantes casos trata-se de publicações de âmbito municipal).

— Outro, a larga variedade de temas e assuntos, ultrapassando vastamente o nível de freguesia, imenso o municipal. No dizer de Teresa Portugal, vereadora da Cultura na Câmara de Coimbra, trata-se, o *Boletim de Taveiro*, da melhor revista cultural do concelho. Pelo menos. O que é quase escandaloso, visto que Coimbra até tem universidade.

— Outro aspecto ainda, ou dois: a periodicidade (trimestral) da revista — e a sua já relativamente longa duração que em termos mais concretos se apresenta hoje como mais de um milhar de páginas. Caso para dizer que «é obra». E assinala-se que é, fundamentalmente, obra de alguém que há pouco faleceu: Guilherme Tomé. Deste falecimento, a revista dá conta numa pequena separata de homenagem e luto.

Não se diz que a obra continua. Nem seria necessário dizê-lo. Ideia diversa não ocorreria. E se acaso ocorresse, seria para recusar.

Luís de Miranda Rocha

CULTURA E POLÍTICA

Com a publicação deste livro chega a um público mais alargado, o ciclo de conferências promovido pelo Presidente da República dedicado ao «Balanço do Século», que se iniciou em 24 de Abril de 1987 com a comunicação do politólogo e jurídic italiano Norberto Bobbio, dedicado ao tema: «Democracia e Paz» (23-38), tendo-se encerrado em Fevereiro de 1989 com a comunicação de Eduardo Lourenço intitulada «Os Tempos do século ou o crepúsculo da consciência histórica» (235-250).

Para além dos dois intelectuais referidos, participaram no ciclo outros onze destacados nomes da cultura ocidental (Vargas Llosa, Galbraith, Popper, Thom, Aranguren, Eco, Eigen, Simon, Augé, Prigogine, Jacob) que, pela qualidade das suas obras (quatro deles são prémios Nobel e Thom ganhou a medalha Field de matemática), como pela vetustade (o mais novo tem 55 anos e o mais idoso 88 anos) parecem estar particularmente dotados para apreenderem esse objecto «impossível» que é o «nosso

século». E as razões de tal impossibilidade apontou-as bem Fernando Gil: «não há decerto um modelo único da modernidade. Ela caracteriza-se, precisamente, pela dispersão e pela multiplicação dos seus modelos, em todos os domínios» (11). Daí a necessidade de uma aposta pela «inteligibilidade» caracterizada por, diz Gil, «o ingresso num andamento da modernidade em que solidariedades insuspeitadas obrigam a repensar as irredutibilidades e as disjunções» (22). O único modo de fazer o «balanço do século» acaba por ser a multiplicidade das abordagens, cada uma restituindo o século ao seu modo, sem outra unidade que não seja a da temática e as das preocupações comuns.

É certo que o balanço privilegiou a avaliação das promessas incumpridas e incumpríveis do iluminismo (que, para muitos ainda se confunde com a «modernidade») e da racionalidade universalista e instrumental que lhe parece estar associada. A unidade dos intervenientes provém deste horizonte, e muito do valor deste livro deve-se ao rigor com que essa avaliação é feita, e à

concordância espiritual entre praticamente todos os intervenientes no sentido da defesa de uma racionalidade da complexidade, da reavaliação das categorias epistémicas clássicas, como a de causalidade ou de determinismo, no acentuar da fragilidade da ética e da enormidade da fénix irracionalista. Mas é a Eduardo Lourenço, o único português dos treze intervenientes, que se deve a única visão do século, afinal o «objecto» de todos. Da ficcionalidade de sua visão não pode haver dúvida, mas é na ficção que a imaginação levanta voo. A ficção é a aurora do pensamento que cria os mochos de Minerva, mas também ilumina o crepúsculo.

Este balanço plural na unidade das preocupações e esperanças, não deixa de constituir uma novidade que distingue o século português. Ao invés dos conflitos e tensões que, na modernidade, caracterizaram desde sempre as relações entre os intelectuais e a política, em vez de separação entre o universo da política e o do pensamento, que via na sua separação a garantia de autonomia, assistimos à harmonia tão desejada pelos

utopistas, mas até agora sempre inatingível. Longe vão os tempos do pensamento que se via como intempestivo, em que procurava a «negatividade», a experimentação «irresponsável» perante o poder, mas responsável perante si mesma. Trata-se de uma novidade considerável, se pensarmos que ainda há bem poucos anos Foucault se negava a dar as suas «receitas» ao novo poder de Mitterrand, com uma estranha «cegueira» que parecia torná-lo incapaz de o distinguir dos senhores do mundo que imperaram na França dos anos sessenta a setenta.

Trata-se de um milagre de harmonia que só seria possível entre nós, dado o nunca desmentido interesse do dr. Mário Soares pelas coisas da cultura. Não que esteja aqui em causa uma política que tenha uma afinidade natural com o pensamento e a cultura, enquanto outras seriam contranatura. Como também não se trata de uma confusão entre pensamento e política, nem muito menos se procura fazer da cultura um ornamento de uma dada política, ou mesmo da «política» em geral. Estamos diante de algo mais preciso, uma política cultural

que, como afirma o Presidente, se baseia no diálogo, na atenção ao que nos possa interessar nos «grandes pólos de desenvolvimento mundial», na opção pela «modernização do país», na afirmação do prestígio de Portugal no mundo e que torne «indispensáveis aos países africanos que falam a nossa língua» (254-255). Tudo motivos encomiáveis, do ponto de vista político, mas que são motivos ainda políticos e, portanto não universalizáveis, pois se ainda podemos aceitar o dito marxista de que «tudo é político», não se deduz daí que «a política é tudo». Aos esforços dos nossos políticos, que desempenham muito bem o seu papel, os intelectuais portugueses só podem corresponder desempenhando bem o seu: ou seja, não tendo lugar assinável, exagerando a sua autonomia, experimentando livremente.

(Balanço do Século: Ciclo de Conferências Promovido pelo Presidente da República Organização e Apresentação por Fernando Gil Lisboa, IN/CM, 1990, 266pp.).

José A. Bragança de Miranda

LITERATURA E CINEMA: LIGAÇÕES PERIGOSAS

A arte não está sujeita a regras. Mas o facto é que quase sempre as obras-primas nascem dum acaso. Ninguém as quis com muita força durante vidas. São apenas o fruto feliz dum momento inspirado. Num dia de Verão, Ernest Hemingway foi pescar com Howard Hawks. Como velhos amigos fizeram apostas. O primeiro, hostil à política cinematográfica dos grandes estúdios, detestava a ideia de vender argumentos a Hollywood. Hawks insistia e acabava por declarar-se capaz de fazer um bom filme do pior texto que ele tivesse escrito. Assim, nasceu uma preciosidade do cinema chamada «Ter ou Não Ter». Com esta singeleza, ganharam-se Oscars, formou-se um par inolvidável e provou-se que o cinema não é, de forma alguma, o parente estouvado da literatura.

Refira-se, de resto, que Howard Hawks é, a este respeito, um cineasta exemplar. Em 1946, um ano após a conclusão de «Ter ou Não Ter», pegou em Raymond Chandler e filmou «À Beira do Abismo». Filme e livro merecem-se. Não há comparação possível porque ambos, se não são perfeitos, acabam por andar lá perto. Depois, há toda uma bonita história de cooperação e amizade entre Hawks e William Faulkner, acerca da qual correm muitas histórias. Como aquela de o autor de «O Som e a Fúria» sentir um prazer muito especial sempre que se tratava de alterar os argumentos de Hemingway.

Independentemente destes rancores pequeninos, destas ideias mais ou menos mal digeridas, a verdade é que grande parte dos escritores da chamada «geração perdida» da literatura norte-americana acabaram por ceder aos apelos da grande máquina cinematográfica.

Faulkner é apenas um exemplo que, no entanto, é também dos mais elucidativos. Durante anos, o escritor recusou colaborar com aqueles que pretendiam passar ao celulóide os seus romances. Todavia, jamais regatearia apoio a Howard Hawks, dedicando o seu livro «The Golden Land» à capital do cinema.

Scott Fitzgerald era, por sua vez, o mais fascinado. Em 1937, assinou contrato com a M.G.M e se ainda colaborou nos argumentos de «Mulheres», «Madame Curie» e de «E Tudo o Vento Levou», cedo se concluiu que a vida desregrada do escritor lhe goraria também esta oportunidade. Hollywood serviu-lhe de inspiração e de túmulo. A ele, ao seu inquestionável talento de contista, se devem os melhores «instantâneos» dos anos dourados do cinema «made in USA»: os livros «Crazy Sundays», «The Pat Hobby Stories» e, sobretudo, o romance «The Last Tycoon» que, dizem alguns, se inspira na legendária figura de Irving Thalberg, o patrão da Metro que, apaixonado à primeira vista por Norma Shearer, a guindou ao estatuto de grande dama do écran, até que a morte dele lhe estragou a carreira.

Hemingway foi o mais renitente. Poucas vezes elogiou as (numerosas)

adaptações conhecidas pelos seus livros, embora cultivasse amizades no meio. Detestava Hollywood, o que ela significava e mais passou a detestar, quando, em 1943, Sam Wood lhe adaptou «Por Quem os Sinos Dobram». Não se vivia ainda sob a temível atmosfera maccartista, mas do valioso documento humano que era o livro passou-se a um filme que, na verdade, se resume a uma banal «love story», bem servida de actores.

Há muitos casos destes. Nesta história de ligação perigosas, o cinema goza de fama e, por vezes, também do proveito de minimizar as obras literárias em que se apoia. É um facto e contra factos, sabe-se o que valem os argumentos...

Mas se adaptações há (como as duas de «O Grande Gatsby» ou a de «O Nome da Rosa») que pecam por falsear a qualidade literária das obras homónimas em que se baseavam, casos houve também em que o cinema muito fez por livros já esquecidos.

Veja-se «África Minha»: quem se recordaria de Karen Blixen se Meryl Streep não lhe tivesse devolvido a respiração no filme de Sidney Pollack? E a verdade é que, hoje, quatro anos depois de «África Minha» ter feito a fábrica Kleenex prosperar entre nós, não é preciso ser muito literato para associar o nome da escritora àquela dinamarquesa, algo dada às letras, que tinha uma fazenda em África.

Mas há mais. Em 1936 (para apenas citar um caso célebre), Margaret Mitchell, mulher pequenina, reservada, mas de múltiplos recursos, publicou um romance de grande fôlego intitulado

«Gone with the wind - a story of old South». Foi o best-seller da década. Ninguém sabe, porém, o que seria feito dos ecos de tal êxito se, entretanto, David O' Selznick não tivesse remado contra ventos e marés, para erguer a mais espectacular cinematográfica de todos os tempos. No melhor «Technicolor», com os melhores actores e a melhor equipa técnica: um monumento que, ao contrário do romance que lhe esteve na génese, é um «velhote» ainda desejável.

Em Portugal, as coisas só marcharam de forma diferente porque o nosso cinema padece de doença congénita. Mas houve polémicas para todos os gostos, desde a década de 20 até à actualidade. Cá, como lá fora, há sempre a registar os chamados casos à parte e, em Portugal, esse caso responde justamente pelo nome (ou pelo título) de «Francisca». Manoel de Oliveira segundo «Fanny Owen» de Agustina Bessa-Luís. Reveja-se o filme, releia-se o livro. Teimar-se-à ainda em comparar duas linguagens que, de quando em vez, têm a sorte (ou o grande azar) de se encontrarem?

Juramos que, mesmo entre os cineastas, ainda há quem o faça, sem compreender que, no fundo, não há artes iguais, tal como não existem pessoas iguais. O que existe são compromissos de fidelidade mais ou menos assumidos do que outros, mas estes ainda não excluem o direito à diferença.

Maria João Martins



«Ter ou Não Ter»; Hawks, Hemingway, Faulkner reunidos

livraria GALILEU s.a.

Durante o mês de Agosto

pequena **FEIRA DO LIVRO**

ANTIGO, VELHO E USADO

Também encontrará na Galileu as novidades e um stock razoável das principais Editoras Portuguesas. Compramos livros antigos. Deslocamo-nos a qualquer ponto do País.

Horário: das 10 às 23.45 todos os dias, excepto domingos.
Av. Valbom, 24-A, CASCAIS — Telefone 286 60 14

ACABADOS DE CHEGAR

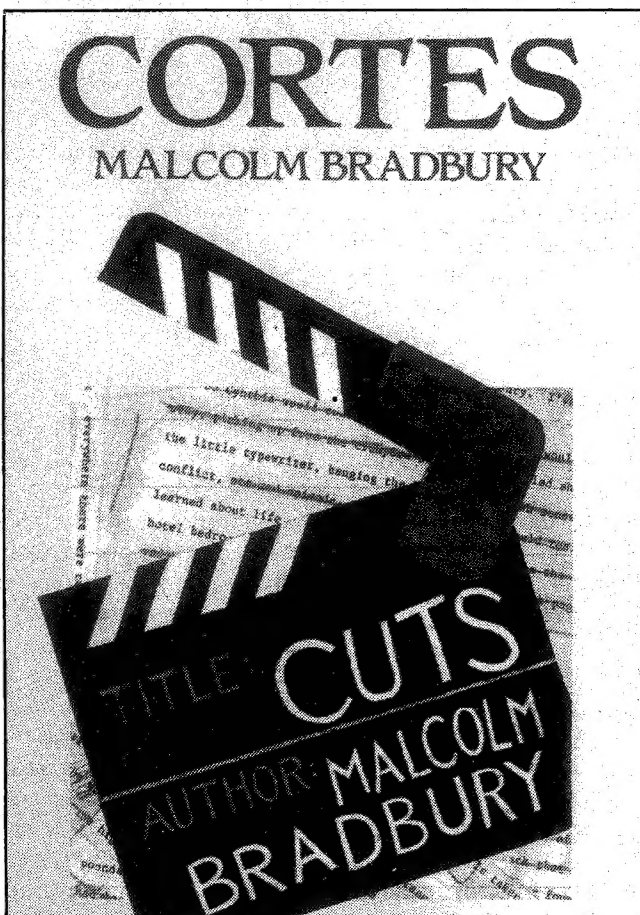


A Vida Plural de Fernando Pessoa

Ángel Crespo

Bertrand Editora

Esta obra, de grande rigor, é a primeira biografia de Fernando Pessoa escrita fora de Portugal. Ángel Crespo (um dos mais conhecidos e conceituados poetas espanhóis) imiscui-se nesta tarefa dado que é um dos mais apaixonados e estudiosos especialistas do génio poético português. É nesta intimidade com uma obra que conhece profundamente, e com os aspectos quotidianos por onde Pessoa fez passar a sua vida, que Ángel Crespo articula e compõe uma vida plural, enigmática e fabulosa. Como poeta que é, reuniu em vários volumes a sua obra, facto que lhe garantiu o Prémio Cidade de Lisboa. Tradutor especializado de grandes obras, como, por exemplo, «Divina Comédia», de Dante, e «Grande Sertão: Veredas», de Guimarães Rosa. De Fernando Pessoa, Crespo traduziu, de Fernando Pessoa, o «Livro do Desassossego». - Tradução de José Viale Moutinho.



Cortes

Malcolm Bradbury

Dom Quixote

No Verão de 1986, a palavra «corte» era, na televisão e nos jornais britânicos, o mais comum dos substantivos e o mais regular dos verbos... Malcolm Bradbury, além de professor de Estudos Americanos na Universidade de East Anglia, em Norwich. É também um dos mais afamados escritores satíricos da Inglaterra dos nossos dias. Para além do presente volume, a sua obra inclui entre outros os romances «Eating People is Wrong», «Stepping Westward», «The History Man», «Rates of Exchange» e «Mensonge» (este último já publicado em Portugal). - Tradução de Carlos Leite e ilustrações de Tom Phillips.



O Percurso de Vergílio Ferreira

Rosa Maria Goulart

Bertrand Editora

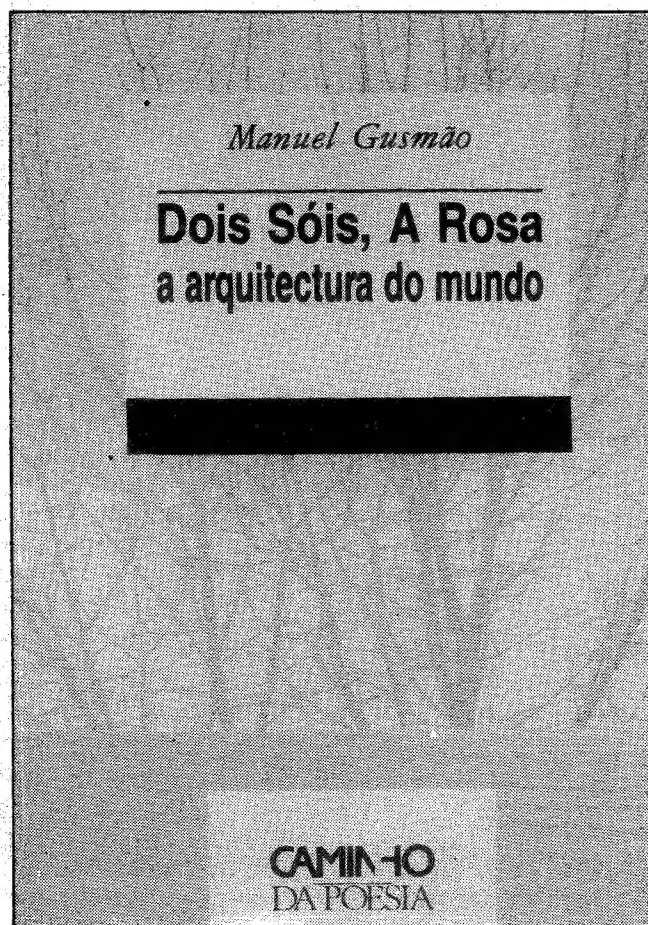
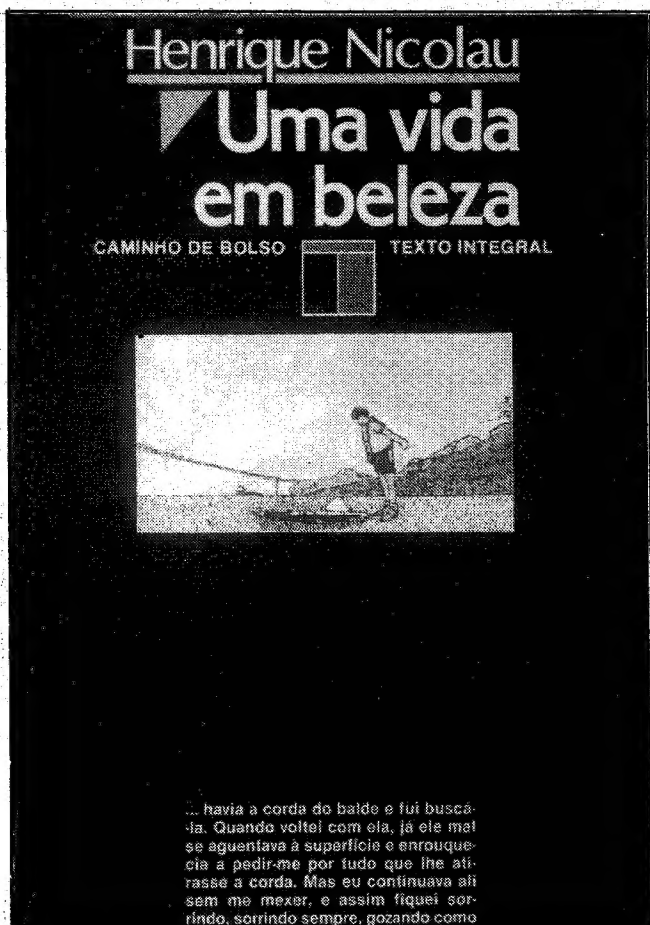
Apresentado originariamente como dissertação de doutoramento na Universidade dos Açores, eis tem aqui o leitor a elaboração de um espírito novo que permitiu que a Universidade portuguesa, no seu ensino e na sua investigação, «tenha deixado de ter medo da literatura contemporânea e, sobretudo, da literatura contemporânea escrita por autores ainda vivos» (do prefácio de de Vitor Manuel de Aguiar e Silva). Algumas palavras sobre a autora: Rosa Maria Goulart nasceu na Ilha do Pico, tendo-se licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e doutorado pela Universidade dos Açores. Uma obra a não menosprezar e que traz, sem dúvida nenhuma, elementos de grande esclarecimento sobre a obra de um dos maiores escritores da nossa época. Transcrição oportuna de alguns passos do livro em questão.

Uma Vida em Beleza

Henrique Nicolau

Caminho Policial

Autor verdadeiramente já consagrado entre nós. Livros: «O Trabalho é Sagrado» (Prémio de Literatura Policial 1985), «A Escola da Verdade», «Alcança Quem Não Cansa», «A Arca do Crime» e «O Assombrado» (este, aliás, um dos seus melhores trabalhos). Agora - «Uma Vida em Beleza». Que vamos ler. Que vamos ler e dizer da nossa leitura.



Dois Sóis, A Rosa

Manuel Gusmão

Caminho

De momento a transcrição de alguns poemas: «Pela rosa passa / um clarão / e cai-se.» E ainda: «Por dentro dos pulmões a água sobe como / por dentro das árvores invertidas numa fotografia / oscilando.» E também (e que não se perca a beleza destas palavras): «Conto-te três contos: o do sapo e da cotovia, / o do macaco e da lua cheia, o de Sindbad e da moura; / mostro-te sete ruas e sete praças; e comeremos / da rosa, com a cebola e os coentros abrindo-se no céu / da boca. Sim.»